

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ROBERTO DA SILVA RODRIGUES

**O JORNAL *VERSUS*:**  
METAMORFOSES DE UM PERIÓDICO ALTERNATIVO (1975 – 1979)

Maringá

2018

ROBERTO DA SILVA RODRIGUES

**O JORNAL *VERSUS*:**  
METAMORFOSES DE UM PERIÓDICO ALTERNATIVO (1975 – 1979)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá – UEM como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.  
Área de concentração: História, Cultura e Política.  
Orientador: Dr. Reginaldo Benedito Dias

Maringá  
2018

**Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca  
Central da Universidade Estadual de Londrina**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

R696j Rodrigues, Roberto da Silva.

O jornal Versus : metamorfoses de um periódico alternativo (1975-1979) /  
Roberto da Silva Rodrigues. – Maringá, 2018.

113 f. : il.

Orientador: Reginaldo Benedito Dias.

Dissertação (Mestrado em História) □ Universidade Estadual de Maringá,  
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em  
História, 2018.

Inclui bibliografia.

1. Versus (Jornal) – Teses. 2. Imprensa alternativa – Teses. 3. Brasil –  
História – 1964-1985 – Teses. 4. Imprensa e história – Teses. 5. Cultura  
política – Teses. I. Dias, Reginaldo Benedito. II. Universidade Estadual de  
Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-  
Graduação em História. III. Título.

CDU 981.088:070

Bibliotecária: Solange Gara Portello – CRB-9/1520

ROBERTO DA SILVA RODRIGUES

**O JORNAL *VERSUS*:**  
METAMORFOSES DE UM PERIÓDICO ALTERNATIVO (1975 – 1979)

Aprovado em: 27 de julho de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Reginaldo Benedito Dias (Orientador)  
Universidade Estadual de Maringá

---

Prof. Dr. Sidnei J. Munhoz  
Universidade Estadual de Maringá

---

Prof. Dr. Jozimar Paes de Almeida  
Universidade Estadual de Londrina

Dedico este trabalho em memória de meu avô José Rodrigues, que adorava nos contar histórias da vida.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Reginaldo Benedito Dias, não só pela constante orientação neste trabalho, mas sobretudo pela sua amizade, pela inspiração proporcionada, e por acreditar no meu projeto de pesquisa que agora como resultado se apresenta neste texto.

Aos professores da Universidade Estadual de Londrina, Marco Antônio Neves Soares, por ser um exemplo para mim sobre a postura que um profissional de História deve ter perante os dilemas da vida. À professora Cláudia Eliane Parreiras Marques Martinez, que ainda na graduação contribuiu para despertar em mim o desejo e a paixão pela História. Aos professores Jozimar Paes de Almeida e Angelita Marques Visalli, por possibilitarem conhecimentos e procedimentos fundamentais que cabem ao historiador em seu ofício. Ao professor Gabriel Gianattasio por possibilitar a apropriação de elementos sobre a responsabilidade ética que cabe ao profissional de História, e a tantos outros professores que durante minha trajetória acadêmica tiveram relevante participação para minha formação.

Aos professores da Universidade Estadual de Maringá, Sidnei Munhoz, Luís Felipe, Ângelo Piori e João Fábio Bertonha que durante o mestrado permitiram que eu me apropriasse de fundamentos históricos imprescindíveis a minha formação enquanto historiador.

À Giselle Moraes, pela contribuição nos procedimentos administrativos, mas não menos importantes, durante o mestrado.

Gostaria de agradecer também a algumas pessoas que contribuíram de alguma maneira para que este trabalho se tornasse possível. Ao amigo Gustavo Henrique Grandis, companheiro de trabalho no Hospital Zona Sul de Londrina e colega de balada. À Noemi Hoffman e Jeane Kaneko por segurarem as pontas no hospital nos momentos em que estive ausente.

Aos colegas de militância por vivermos coletivamente o interesse pela política.

E a tantos outros colegas que comigo compartilharam momentos e experiências durante minha formação enquanto historiador.

Por fim, meu enorme agradecimento ao meu pai Edegar Rodrigues e minha

mãe Sandra da Silva Rodrigues, por ser meu anteparo material, emocional e familiar sem o qual este trabalho não teria sido possível.

Que não te despojem de teu sentido inicial.  
É fácil crer no que crê a multidão.  
Fortalece teu entendimento de um modo natural;  
difícil é saber o que é diverso.

Goethe



## RESUMO

Este trabalho se propõe a investigar, historicamente, a fonte jornal alternativo *Versus*. *Versus* foi um jornal representativo da imprensa alternativa. Além de *Versus*, outros jornais que ficaram conhecidos por esta denominação foram: *O Pasquim*, *Movimento*, *Ex*, *Coojornal*, entre outros. *Versus* se distinguiu dos demais alternativos pelo padrão estético e por sua temática que variou, inicialmente, de uma abordagem focada na literatura e nas artes para, posteriormente, se dedicar predominantemente a temas da política nacional. O jornal era produzido em formato tabloide e tinha sede na cidade de São Paulo, circulou de 1975 a 1979. O objetivo desta pesquisa foi analisar a cultura política de oposição e resistência ao regime civil-militar brasileiro, por meio das páginas do periódico. Sendo assim, a presente pesquisa se apropria metodologicamente do conceito de cultura política para empreender a análise do objeto. Ao longo da pesquisa, e pela análise da fonte e da bibliografia de apoio foi possível concluir que o jornal possuiu duas fases distintas, a primeira de 1975 à 1977, e a segunda de 1977 à 1979. A primeira se caracterizou por uma forte presença temática da América Latina. Na segunda se observa a presença de debates propositivos sobre a conjuntura política brasileira. Sendo assim, a presente pesquisa buscou distinguir estas duas fases do periódico e analisar como se desenvolveu, nas páginas do periódico, o discurso político de oposição e resistência ao Regime Militar.

**Palavras-chave:** Imprensa alternativa; Ditadura Civil-Militar; Jornal *Versus*; História do Tempo Presente.

## ABSTRACT

This paper proposes to investigate, historically, the alternative newspaper source *Versus*. *Versus* was a newspaper representative of the alternative press. Besides *Versus*, other newspapers that were known by this denomination were: *The Pasquim*, *Movement*, *Ex*, *Coojournal*, among others. *Versus* was distinguished from the other alternatives by the aesthetic standard and by its thematic one that varied, initially, from an approach focused in the literature and the arts to, later, to devote predominantly to subjects of the national policy. The newspaper was produced in tabloid format and was based in the city of São Paulo, and circulated from 1975 to 1979. The objective of this research was to analyze the political culture of opposition and resistance to the Brazilian civil-military regime through the pages of the newspaper. Thus, the present research appropriates methodologically the concept of political culture to undertake the analysis of the object. Throughout the research, and through the analysis of the source and the supporting bibliography, it was possible to conclude that the newspaper had two distinct phases, the first from 1975 to 1977, and the second from 1977 to 1979. The first was characterized by a strong thematic presence in Latin America. The second shows the presence of propositional debates on the Brazilian political conjuncture. Thus, the present research sought to distinguish these two phases of the periodical and to analyze how the political discourse of opposition and resistance to the Military Regime was developed in the pages of the periodical.

.

**Keywords:** Alternative Press; Civil-Military Dictatorship; Journal *Versus*; History of Present Time.

.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b>	- Capa da primeira edição de Versus.....	52
<b>Figura 2</b>	- Entrevista com Tomás Eloy Martinez.....	54
<b>Figura 3</b>	- Capa da 2ª edição .....	56
<b>Figura 4</b>	- Capa da 3ª edição.....	58
<b>Figura 5</b>	- Capa da 17ª edição .....	82
<b>Figura 6</b>	- Capa da 18ª edição.....	84
<b>Figura 7</b>	- Capa da 21ª edição.....	88
<b>Figura 8</b>	- Capa da 22ª edição.....	92
<b>Figura 9</b>	- Capa da 24ª edição.....	100

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CS	Convergência Socialista
LO	Liga Operária
PST	Partido Socialista dos Trabalhadores
CDPH-UEL	Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina
HTP	História do Tempo Presente
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
PS	Partido Socialista
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PC	Partido Comunista

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1: A IMPRENSA ALTERNATIVA NO CONTEXTO DO REGIME MILITAR.....	25
1.1 A criação da imprensa alternativa.....	31
1.2 Ciclos da imprensa alternativa.....	33
CAPÍTULO 2: O JORNAL ALTERNATIVO VERSUS: A ARTE COMO ARMA CONTRA UM REGIME DE EXCEÇÃO.....	37
2.1 Duas fases de um jornal.....	38
2.2 As origens de um jornalismo inovador.....	45
2.3 A primeira fase de <i>Versus</i> , um simbolismo de resistência (1975 - 1977).....	50
CAPÍTULO 3: A SEGUNDA FASE DE <i>VERSUS</i> : UMA MUDANÇA DE PERSPECTIVA (1977 – 1979).....	71
3.1 A Liga Operária assume o controle de <i>Versus</i> .....	71
3.2 O discurso político assumido por <i>Versus</i> .....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
BIBLIOGRAFIA.....	111

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo investigar, historicamente, o jornal alternativo *Versus*. O jornal foi um periódico com sede em São Paulo, publicado entre os anos de 1975 a 1979. Com as capas coloridas e as matérias em preto e branco, utilizando nas publicações o papel couchê e a impressão offset, *Versus* foi um periódico que se distinguia da imprensa tradicional e até mesmo da categoria de imprensa alternativa pela sua estética e por suas temáticas. Seu idealizador e diretor foi o jornalista Marcos Faerman, que com uma mente inventiva imprimia, nas páginas de *Versus*, o retrato de uma época.

As publicações do periódico, além de reportagens, apresentavam textos de ficção denunciando, por meio de metáforas culturais e históricas, os regimes autoritários que predominavam, em grande parte da América Latina, nos anos de 1970. O jornal procurava contar histórias míticas de heróis da esquerda e lutas populares ocorridas em diversas épocas. Desse modo, reunia narrativas sobre líderes históricos como Simón Bolívar e San Martín. O jornal também apresentava textos de autores contemporâneos, como: Pablo Neruda, Gabriel Garcia Marques, Eduardo Galeano, Julio Cortázar<sup>1</sup>.

*Versus* foi considerado um objeto atraente, suas capas transmitiam ao mesmo tempo beleza e tensão, dedicando-se à publicação de quadrinhos, pinturas, fotografia, música, poesia, literatura em geral. Nas páginas do jornal se pode visualizar um periódico brasileiro sensível às questões que afligiam os povos da América Latina, sendo esta uma temática muito presente, nas páginas de *Versus*.

Três influências colaboraram para a produção do jornal: o *new-journalism* norte-americano baseado em novas experiências para a vivência do jornalismo, na qual os jornalistas se utilizavam de recursos literários para a criação das reportagens; a

---

<sup>1</sup> A importância do jornal *Versus*, publicado durante o Regime Militar. Disponível em [https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/05/03/A-import%C3%A2ncia-do-jornal-Versus-publicado-durante-o-regime-militar?utm\\_source=socialbttns&utm\\_medium=article\\_share&utm\\_campaign=self](https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/05/03/A-import%C3%A2ncia-do-jornal-Versus-publicado-durante-o-regime-militar?utm_source=socialbttns&utm_medium=article_share&utm_campaign=self). Acesso em: 08 mai. 2018.

experiência da revista uruguaia *Marcha*, que circulou de 1939 a 1974; e a revista argentina *Crisis*, produzida entre os anos de 1973 e 1976.

O problema que orientou a realização desta pesquisa foi o de que em determinado momento, precisamente no ano de 1977, o periódico passa por uma mudança no perfil de suas publicações. Desse modo, pode-se dizer que o jornal *Versus* possuiu em seu período de existência duas fases: a primeira que vai de outubro de 1975 a novembro de 1977, e a segunda que vai de dezembro de 1977 até a última publicação em agosto de 1979. Sendo assim, a presente pesquisa pretende distinguir e analisar o que foram estas duas fases de existência do jornal procurando dar a conhecer e diferenciar uma fase da outra; bem como se busca investigar quais fatores colaboraram e foram determinantes para a mudança no perfil do jornal.

A história do jornal *Versus* e da imprensa alternativa compreendo que se pode localizar como objeto da História do Tempo Presente pela existência de alguns elementos característicos a esse tipo de história como se verá mais adiante. Segundo Helenice Rodrigues, a questão da temporalidade sempre representou um problema para a interpretação histórica. Emergindo, no final dos anos 1970, a História do Tempo Presente alcançaria a maturidade nos anos de 1980, dedicando-se a uma abordagem, que antes era tida como domínio de jornalistas: o tempo presente.

O tempo presente equivaleria ao tempo de uma experiência de vida, a qual sua especificidade se construiria pela presença de testemunhas, integrando uma memória viva como objeto de sua história. O que, portanto, defrontaria este tipo de história com inevitáveis problemas de memória, da objetividade e da verdade na representação de um ‘passado próximo’. Neste sentido, a inexistência de uma distância, de uma objetividade necessária à exigência de uma cientificidade e a carência de fontes históricas seriam alguns dos problemas, que se apresentam à HTP<sup>2</sup>.

Por sua vez, segundo Henry Rousso, História do Tempo Presente, História bem Contemporânea ou História do Século XX seriam três denominações para o mesmo tipo de história. Para Rousso, haveria quatro elementos em torno do qual gravitaria a

---

<sup>2</sup> RODRIGUES, Helenice. História do tempo presente: problemática das fontes. Disponível em <http://www.poshistoria.ufpr.br/fontehist/helenice.pdf>. Acesso em 16 de maio de 2018.

História do Tempo Presente: a testemunha, a memória, a demanda social e o acontecimento<sup>3</sup>.

Ao indicar a testemunha como um dos problemas da História do Tempo Presente, Rouso se aproxima das reflexões de Helenice Rodrigues, em que o testemunho histórico seria visto como memória viva do passado, o que abriria para questões sobre de que forma verificar sua fiabilidade, ou então de como evitar falsos testemunhos, ou ainda, que papel desempenharia uma “testemunha ocular” na interpretação ou no julgamento de um processo histórico.<sup>4</sup>

Desse modo, situo o debate historiográfico sobre a ditadura civil-militar brasileira e a imprensa alternativa no campo da História do Tempo Presente, por duas razões. Primeiro por se tratar de um acontecimento histórico, no qual ainda existem agentes históricos vivos que se envolveram, participaram ou foram afetados pelos acontecimentos, que marcaram o período da ditadura civil-militar. Segundo, pelo fato de o tema ainda render muitos debates e reflexões sobre versões dos acontecimentos, tanto do ponto de vista político quanto do ponto de vista historiográfico, tornando as disputas de memória um dos lugares centrais das disputas dos agentes históricos.

O uso da imprensa como fonte e objeto de pesquisas em história se trata de uma realidade dada como aceita atualmente, mas nem sempre foi assim. Segundo Maria Helena Rolim Capelato, o periódico era considerado fonte suspeita e de pouca importância, e hoje em dia é reconhecido como material de pesquisa valioso para o estudo de uma época<sup>5</sup>.

O livro de Maria Helena Rolim Capelato, *Imprensa e História do Brasil*, se trata de uma obra datada, mas que constitui um importante ponto de partida sobre a concepção da imprensa, enquanto fonte e objeto do conhecimento histórico. Neste livro

---

<sup>3</sup> ROUSSO, Henry. A história do tempo presente vinte anos depois. In PORTO JUNIOR, Gilson (Org.) **História do tempo presente**. São Paulo: Edusc, 2007. p. 287.

<sup>4</sup> RODRIGUES, Helenice. História do tempo presente: problemática das fontes. Disponível em <http://www.poshistoria.ufpr.br/fontehist/helenice.pdf>. Acesso em 16 de maio de 2018.

<sup>5</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim - **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 13.



de 1988, Capelato analisa, conforme debates teóricos da época, que a historiografia mudou a sua postura frente a este tipo de fonte, tais mudanças seriam um esforço para se repensar problemas, abordagens e objetos da história<sup>6</sup>.

Analisando o tratamento que os historiadores davam à fonte jornal, a pesquisadora escreve:

Até a primeira metade deste século (século XX), os historiadores brasileiros assumiam duas posturas distintas com relação ao documento-jornal: o desprezo por considerá-lo fonte suspeita, ou o enaltecimento por encará-lo como repositório da verdade. Neste último caso a notícia era concebida como relato fidedigno do fato<sup>7</sup>.

Quando hoje se propõe a pesquisa com o jornal alternativo *Versus* se depara com um quadro, no qual se pode entender que este tipo de objeto (jornal) está estabelecido nas práticas de pesquisa dos historiadores, o que por sua vez não isenta o pesquisador dos mesmos desafios se o objeto jornal fosse estudado em outros tempos. Sobre alguns desafios, que se revelam ao trabalho do historiador com a imprensa, Capelato analisa:

A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo das idéias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais. A categoria imprensa se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social<sup>8</sup>.

O trabalho com a fonte jornal apresenta questões semelhantes se fosse considerar, por exemplo, o manejo com outros tipos de fontes, sendo que o historiador que trabalha com a imprensa também lida com questões do tipo verdade e objetividade. Quanto a estes aspectos, Capelato esclarece:

---

<sup>6</sup> CAPELATO, (1988), p. 20.

<sup>7</sup> Ibid., p. 21

<sup>8</sup> Ibid., p. 21

O historiador de hoje dessacralizou os fatos e sequer admite que eles sejam a base da objetividade, pois reconhece que eles são fabricados e não dados. Mais importante do que a ‘realidade dos fatos’ é a maneira pela qual os sujeitos da história tomaram consciência deles e os relataram. O historiador mantém o compromisso de buscar a verdade, mas há muitas verdades. Por essa razão constata que é impossível ser completamente objetivo; a objetividade continua sendo um critério fundamental da análise histórica, mas o seu culto mítico já é questionado<sup>9</sup>.

Portanto, neste livro de Capelato, publicado pela coleção Repensando a História, se encontra uma problematização inicial sobre o trabalho com a imprensa, enquanto fonte e objeto do conhecimento histórico. Não foi o propósito da autora se aprofundar nos temas e debates indicados no livro, pois como diz Capelato, o livro é indicado, sobretudo, a estudantes secundaristas.

Além deste breve debate sobre método, a historiadora também discute algumas situações concretas sobre a relação da imprensa com história do Brasil. É o caso da imprensa alternativa. A imprensa alternativa, na qual se encontra o objeto de pesquisa, e que proliferou durante o regime civil-militar insaturado em 1964, se caracterizaria por uma postura renovadora, independente e polêmica o que permitiria que jornalistas críticos nela encontrassem espaço para o combate político e a criatividade. Capelato lembra que estes jornais tiveram atuação mais significativa em uma época de intensa repressão<sup>10</sup>.

Lanço mão das ideias de Capelato por entender que o caráter didático do livro permite que esse seja satisfatoriamente trabalhado como tema introdutório, mas quando se aprofunda um pouco mais sobre a imprensa, na história do Brasil, ou sobre a história da imprensa no Brasil inevitavelmente, se exige tecer alguns comentários sobre a obra de Nelson Werneck Sodré, *História da Imprensa no Brasil*. A obra de Nelson Werneck Sodré foi o primeiro trabalho de fôlego a realizar uma síntese sobre a história da imprensa no Brasil. A primeira edição deste livro data de 1966, pela editora Civilização Brasileira, portanto, quando da publicação deste livro de Sodré, o “surto” dos jornais alternativos não se fazia presente. Contudo, pelo caráter de fôlego da obra se entende

---

<sup>9</sup> CAPELATO, (1988), p. 22.

<sup>10</sup> Ibid., p. 31

que se faz necessário não silenciar sobre o livro do autor, que apresenta importantes informações sobre a imprensa brasileira de 1808 até os anos de 1960.

Por sua vez, a historiadora Marialva Barbosa identifica a existência de cinco grandes grupos de textos sobre a história da imprensa no Brasil. O primeiro conjunto seria caracterizado por “acompanhar o aparecimento e o desaparecimento de periódicos em uma perspectiva factual. Nesse caso, se enquadra também, o principal trabalho de síntese de história da imprensa no país, o livro de Nelson Werneck Sodré”<sup>11</sup>. Este seria o conjunto mais significativo, em termos numéricos, segundo a pesquisadora.

O segundo conjunto de trabalhos sobre história da imprensa no Brasil: “concentra-se nas modificações e na estrutura interna dos jornais. Em geral, são trabalhos monográficos dedicados à pesquisa de um único periódico ou um pequeno grupo deles”<sup>12</sup>. Segundo Marialva Barbosa, o principal problema destas abordagens seria, na maioria das vezes, não estabelecer conexões entre as características analisadas nos periódicos com as transformações históricas e sociais, dando maior atenção nas ações individuais dos atores envolvidos. Quando a história é analisada, nestes trabalhos, seria apenas como pano de fundo, como conjuntura na qual os personagens se inserem, e não como dimensão constitutiva dos seres e das suas ações<sup>13</sup>.

Sobre o terceiro e quarto conjuntos de textos sobre história da imprensa no Brasil, Marialva Barbosa escreve:

Um terceiro grupo aborda os jornais – e os meios de comunicação em geral – como portadores de conteúdos políticos e de ideologias. A maior parte desses trabalhos, no entanto, desconsidera as condições de circulação, de recepção e mesmo de produção desses impressos, não levando em conta os limites específicos da historicidade de cada tempo. O quarto grupo é composto por pesquisas que abordam o contexto histórico no qual os periódicos vão se inserindo do seu surgimento à sua evolução e desaparecimento. Esses trabalhos, entretanto, desconsideram a dimensão interna dos meios, assim como a lógica própria do campo, como os aspectos técnicos, discursivos e profissionais. Novamente, na maior parte dos casos, a história aparece meramente como pano de fundo, e a correspondência entre o interno e

---

<sup>11</sup> BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**, Brasil – 1900-200. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 11.

<sup>12</sup> Ibid., p. 12.

<sup>13</sup> Ibid., p. 12.

o externo é trabalhada mais descritivamente do que de maneira explicativa<sup>14</sup>.

Haveria, ainda, o quinto grupo de trabalhos que consideraria a história como um processo e a imprensa na sua relação com o social visualizando-a como integrante de um processo de comunicação, no qual ganharia importância o conteúdo produtor da mensagem e a forma como o leitor entende os sinais emitidos pelos impressos. Nestes trabalhos se procura destacar a dimensão histórica de um mundo cheio de significados, no qual se localizariam os meios de comunicação. Portanto, nestes trabalhos:

[...] a dimensão interna e externa são contempladas nestas abordagens. Essas pesquisas visualizam a história a partir de um espaço social considerado, interpretando os sinais que chegam até o presente a partir das perguntas subjetivas e do olhar, igualmente subjetivo, que se pode lançar ao passado<sup>15</sup>.

Foram dedicadas algumas linhas de comentários sobre a explicação de Marialva Barbosa a respeito dos cinco grandes conjuntos de trabalhos sobre história da imprensa no Brasil, por se entender que mesmo hoje, em que se teria a história da imprensa e o uso da fonte jornalística como objeto do conhecimento histórico se constituindo em uma prática estabelecida dentro da historiografia, ainda se carece de trabalhos de síntese sobre o uso da mesma no ofício do historiador.

Observa-se que o início da imprensa, no Brasil, no final do século XIX, os temas políticos seriam uma das marcas dos jornais, que surgiam como questões sobre o republicanismo e abolicionismo. Observa-se que o século XX seria caracterizado pelo advento e consolidação da grande imprensa jornalística como um negócio rentável o que, por sua vez, significaria o esfriamento do jornalismo predominantemente político. No que diz respeito aos jornais, que se apresentam como objeto de interesse, os

---

<sup>14</sup> BARBOSA, (2007), p. 12.

<sup>15</sup> Ibid., p. 13.

alternativos, estes permanecem marginalizados nestes estudos tradicionais, podendo ser indicados poucos pesquisadores que se dedicaram ao tema dos alternativos.

Portanto, esta pesquisa pretendeu analisar, especificamente, o que foi a experiência do jornal alternativo *Versus* e a cultura política de oposição e resistência ao regime civil-militar brasileiro. Desse modo, um primeiro conceito que se apropria para análise é o de cultura política. Segundo Berstein:

A noção de cultura política aparece pela primeira vez na historiografia francesa no início dos anos 1990, inscrita na corrente de renovação dos objetivos e métodos da história política promovida na França por René Rémond, a partir dos anos 1960, na universidade de Paris-X-Nanterre e no Instituto de Estudos Políticos de Paris. Tratava-se então de tirar a história política do impasse entre crônica factual erudita, nomenclatura de homens e organizações, ou história militante autojustificativa para substituí-la por uma história portadora de sentido em que o político constituísse um elemento indissociável da evolução das sociedades humanas tomadas em seu conjunto<sup>16</sup>.

Ainda, segundo o autor, as abordagens empíricas dos fenômenos políticos mostrariam que comportamentos políticos se explicam em função de um complexo sistema de representações, para estes sistemas de representações, os historiadores deram o nome de cultura política. Os historiadores entenderiam por cultura política um grupo de representações, portadoras de normas e de valores, que constituem a identidade das grandes famílias políticas. Pode-se concebê-la como uma visão global do mundo e de sua evolução, do lugar que aí ocupa o homem e, também, da própria natureza dos problemas, relativos ao poder, visão que é partilhada por um grupo importante da sociedade em um dado país e em um dado momento de sua história<sup>17</sup>.

Os autores que primeiramente lançaram mão do conceito de cultura política foram Gabriel Almond e Sidney Verba<sup>18</sup>. Para estes a noção de cultura política estaria

---

<sup>16</sup> BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília Et. All. **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 29.

<sup>17</sup> Ibid., p. 32.

<sup>18</sup> ALMOND, Gabriel e VERBA, Sidney. La cultura política. In: ALMOND, g. ET. ALL. **Diez textos básicos de ciência política**. 2ª Ed. Barcelona: Editora Ariel, 2001, p. 171 – 201.

diretamente ligada à ideia de representação, não haveria cultura política coerente que não compreenda, precisamente, uma representação da sociedade ideal, de acordo com sua imagem da sociedade e do lugar que nessa ocupa o indivíduo.

A noção de cultura política, portanto, permite refletir sobre as representações, normas e valores a respeito da identidade de famílias políticas. Conforme Berstein expõe, se teria a cultura política católica, a cultura política republicana, a cultura política comunista, a cultura política fascista, entre outras. E nesse caso, do jornal alternativo *Versus*, poderia se falar de uma cultura política de resistência – que, posteriormente, assume adesão ao comunismo – contra o regime civil-militar brasileiro. Estas ideias também estão presentes no debate teórico desenvolvido por Jean Sirinelli. Segundo esse autor:

A noção de cultura política, situada no cruzamento do político e do cultural, é provavelmente um dos campos mais fecundos de uma história cultural do político. Podemos chamar assim, em efeito, ao conjunto das representações que unem um grupo humano no plano político, e uma visão compartilhada do mundo, uma leitura comum do passado, uma projeção compartilhada do futuro. Assim, pois, a história política presta uma particular atenção às normas, crenças e valores compartilhados em uma investigação que se alimenta, entre outras, da antropologia histórica<sup>19</sup>.

Desse modo, compreendo que o conceito de cultura política ajuda a jogar luz sobre a problemática de investigação deste trabalho, entendo que a mudança de perfil que ocorre nas publicações do jornal *Versus* indicam um conflito de culturas políticas, no qual a cultura política de resistência ao regime civil-militar dá lugar a uma cultura política, também de resistência e oposição, mas claramente comunista.

Durante o processo de pesquisa foram encontrados alguns estudos importantes, que tiveram relevante contribuição para o desenvolvimento da pesquisa. O primeiro é o

---

<sup>19</sup> SIRINELLI, Jean-François – L'Histoire politique et culturelle. **Sciences Humaines**, Paris, n. 15, p. 157-164, out. 1997.

livro de Bernardo Kucinski: *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*.

Além deste livro, também foram importantes duas dissertações de mestrado, que auxiliaram do ponto de vista da análise das fontes, sendo estas, a dissertação de Jeferson Candido: *Dois lados da moeda? Versus um jornal alternativo, e Cultura uma revista do MEC (1976-1978)*. Esta dissertação de Jeferson Candido é resultado de sua pesquisa na área de Literatura, defendida no ano de 2008, na Universidade Federal de Santa Catarina, e sua pesquisa se propõe a fazer um estudo comparado sobre a ideia de cultura no jornal *Versus* e na revista *Cultura* do Ministério da Educação e Cultura.

A outra dissertação de mestrado é de autoria de Luis Carlos Eblak de Araújo, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, defendida no ano de 2008, intitulada: *O Versus e a imprensa alternativa, em busca de uma identidade latino-americana (1975-1979)*.

A presente dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo se realizará um debate sobre o que foi a experiência da imprensa alternativa, neste capítulo procuro apresentar um panorama da imprensa alternativa apresentando alguns dos principais expoentes desta categoria de jornais.

No segundo se realizará uma análise do que foi a primeira fase do jornal *Versus*. Procura-se observar, sobretudo, como nesta fase prevaleceram debates sobre uma América Latina marcada por regimes de exceção, nos quais elementos como a ideia de medo e morte são uma constante nas páginas do periódico desse período, ao passo que se verifica uma ausência de debates sobre a realidade política brasileira.

No terceiro capítulo se analisará o processo histórico de controle do jornal exercido pela organização política Convergência Socialista e como esta segunda fase foi caracterizada por uma mudança de perspectiva, na qual o jornal assume um discurso político propositivo na conjuntura política brasileira, passando a defender a criação de um partido socialista como uma das tarefas históricas, no período de transição da democrática que se aproximava. Para entender esse movimento de influência da Convergência Socialista sobre o jornal *Versus* se lança mão da dissertação de mestrado do pesquisador Marcos Moutta de Faria, intitulada: *Partido Socialista ou Partido dos Trabalhadores? Contribuição à História do Trotskismo no Brasil. A experiência do*

*movimento Convergência Socialista*, defendida no ano de 2005, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A hipótese e o fio condutor que guiaram a realização desta pesquisa implicam a percepção de que no jornal *Versus* existiram duas propostas e concepções sobre como se fazer jornalismo, o que determinou a configuração das duas fases do periódico. Desse modo, no que se chama de primeira fase do jornal predominam debates sobre arte, cultura, literatura, música; sendo que o debate político sobre o Brasil, nessa fase, é um tema sobre o qual não é dedicado espaço nas páginas do jornal, de modo que o latino-americanismo aparece como um tema a suplantam as questões políticas da realidade brasileira. Tratamento diferente ocorre na segunda fase do periódico, que a partir de 1977 se torna militante e os temas da conjuntura política brasileira, no contexto da transição democrática que se anunciava, se torna a razão de ser das publicações de *Versus*.



## **1. A IMPRENSA ALTERNATIVA NO CONTEXTO DO REGIME MILITAR**

Durante a década de 1970, o Brasil vivia sob o comando de um regime autoritário instaurado por meio de um golpe civil-militar, que depôs o legítimo presidente João Goulart. O golpe, realizado em 31 de março de 1964, não apenas representou a deposição de um presidente legítimo, mas abriu as portas a uma escalada repressiva na política nacional.

Para as autoridades militares, a justificativa para o golpe estaria no perigo de o Brasil se tornar uma república sindicalista, com uma possível radicalização das esquerdas na direção de um regime comunista. Os indícios deste perigo, segundo os militares, estariam na radicalização política que o país atravessava objetivada pelas tão discutidas reformas de base que o presidente João Goulart sinalizava realizar.

Frente a uma crescente polarização política da sociedade brasileira, os militares saem em ação na defesa da “pátria, da família e da propriedade”. Tratou-se de um dos episódios de maiores tensões na história da república, que mais uma vez via os conflitos e divergências políticas tomarem um desfecho autoritário desaguando na realização de uma quartelada.

Desde então, a figura dos representantes máximos do executivo nacional passa a ser sucedida por generais, a sociedade civil perde o direito de escolher seu presidente, o qual passa a ser decidido pela posse de patente alta e afinidade com os propósitos do movimento golpista.

Uma poderosa engenharia de repressão e censura vai sendo construída com propósitos de perseguir, abafar e liquidar as manifestações de oposição. A redação dos jornais passa por um controle rigoroso de seus temas. As manifestações culturais como cinema, teatro, música não eram permitidas sem a sombra da censura. A estrutura política é modificada com a intervenção de governadores pró-regime. As organizações de trabalhadores são proibidas ou então permitidas desde que sob as rédeas da ditadura.

O processo, que culminou no acontecimento de 31 de março de 1964, faz parte de uma cadeia de eventos, que pode ter inúmeras interpretações, com objetivos de buscar desde as razões do golpe, as formas de atuação dos agentes sociais envolvidos na defesa ou na oposição do regime autoritário, à influência de organismos internacionais para sua consecução, entre outros.

Além dos acontecimentos de 1964, o período que antecedeu a movimentação dos militares se constitui fator essencial para entender a sucessão dos eventos. De modo que, entende-se que 1964 significou o desfecho de um processo de polarização entre diferentes projetos de nação para o Brasil. Com isso, não se quer dizer que houve uma polarização bem definida em seus contornos entre dois projetos antagônicos, mas que existiu um crescente acirramento social, em que diferentes projetos de nação estavam em disputa, no qual o projeto que indicava o atendimento dos anseios populares objetivados, sobretudo, pelas reivindicações das reformas de base sofre a intervenção militar, que castra os anseios populares impondo, pela força das armas, e por meio dos dispositivos característicos de um regime de exceção, um projeto de manutenção da ordem.

De 1964 a 1985, quando o Brasil volta a ter um presidente civil eleito, ainda que indiretamente, são vinte e um anos de ditadura militar, portanto, muitos acontecimentos ocorreram de modo que se pode caracterizar o regime em diversas fases. A fase que diz respeito, diretamente, ao enfoque da pesquisa constitui o contexto de objeto de pesquisa, trata-se de 1975 a 1979, portanto na conjuntura de “distensão, lenta, gradual e segura” sob comando do Presidente General Ernesto Geisel, estes foram os anos de produção e circulação do jornal alternativo *Versus*, periódico em formato de tabloide com sede em São Paulo, um jornal que fazia oposição e resistência à ditadura civil-militar. Pode-se perguntar como um jornal circulava fazendo oposição e resistência política em pleno regime de exceção. A história mostra que mesmo em regimes autoritários, os agentes históricos encontram uma maneira de veicular suas ideias, seja de maneira clandestina ou não, o fato é que a ditadura imprimia sua marca sobre os periódicos, por meio da imposição da censura e tanto nos jornais da grande mídia quanto aos alternativos, a censura se fazia presente.

O jornal *Versus* fazia parte da denominada imprensa alternativa ou popularmente, chamada de nanica. Jornais em formato tabloide, com uma circulação menor, comparada com os jornais da grande imprensa, muitos deles circulavam de mão em mão, travavam debates contestatórios sobre política, cultura, economia e outras expressões culturais, fazendo oposição ao regime civil-militar. Observa-se que o jornal *Versus* dentro do surto de jornais alternativos durante o regime de exceção, mais especificamente, a década de 1970, distingue-se dos grandes jornais pelo ativismo político característico destes periódicos.

Visualiza-se em *Versus*, e nos demais alternativos, uma nova forma de se fazer jornalismo, na quais ativistas políticos, intelectuais e jornalistas faziam parte da efervescência cultural dos anos 1960 e 1970, em que um dos produtos desta efervescência se materializou nos jornais alternativos.

Portanto, os jornais alternativos se constituíram, cada um ao seu modo, como um espaço de criação e de experimentação que os sujeitos não encontrariam nos jornais da grande mídia, sobretudo, pelo caráter complacente dos grandes periódicos com o regime, mas também pela natureza mercadológica destes, o que não permitiria inovações que fugissem dos interesses do público comum e, naturalmente, do mercado.

Quando se trata de analisar o que foi a experiência da imprensa alternativa, especificamente, do jornal alternativo *Versus*, durante o regime civil-militar brasileiro se depara com a constatação de que ainda existem poucas pesquisas historiográficas publicadas sobre o tema se levamos em conta a importância da imprensa alternativa em seu contexto histórico. Sobre as publicações a que se teve acesso e que auxiliaram na produção da pesquisa pode-se destacar o livro do jornalista Rivaldo Chinem, publicado pela série Princípios, intitulado: *A imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação*, publicado em 1995; o livro do jornalista e cientista político Bernardo Kucinski: *Jornalistas e Revolucionários no tempo da imprensa alternativa*, publicado em 2003, a dissertação de mestrado de Jeferson Candido: *Dois lados da moeda? Versus, um jornal alternativo, e Cultura, uma revista do MEC (1976-1978)*, publicada em 2008, e a dissertação de mestrado de Luis Carlos Eblak de Araújo, intitulada: *Versus e a imprensa alternativa. Em busca de uma identidade latino-americana (1975-1979)*.

O livro de Rivaldo Chinem trata de um debate preliminar sobre a imprensa alternativa e algumas dificuldades que se apresentavam ao exercício do jornalismo no período, como a prática da censura pelos governos militares, o livro também analisa a história de três jornais alternativos: *Pasquim*, *Opinião* e *Movimento*. Segundo o autor, entre 1964 e 1980 existiram cerca de trezentos periódicos, que se caracterizaram pela oposição intransigente ao regime militar<sup>20</sup>.

Rivaldo Chinem esclarece que, além das dificuldades impostas aos jornalistas com a prática da censura, estes também vivenciavam o clima de terror que se impunha aos opositores da ditadura com explosões de bancas de jornal, prisões arbitrárias, sequestro, tortura e desaparecimento de presos políticos. Conforme informações do livro de Chinem havia algumas regras da censura exigindo que alguns temas fossem evitados pelos jornalistas em suas publicações, compondo uma espécie de decálogo de assuntos proibidos:

- 1) Inconformidade com a censura de livros, periódicos, jornais e diversões;
- 2) Campanha pela revogação dos Atos Institucionais, nomeadamente do AI-5;
- 3) Contestação ao regime vigente – difere da oposição, que é legal;
- 4) Notícias sensacionalistas que prejudicam a imagem do Brasil e as tendentes a desnaturar as vitórias conquistadas pelo país;
- 5) Campanha de descrédito da política habitacional, do mercado de capitais e de outros assuntos de vital importância para o governo;
- 6) Notícias de assaltos a estabelecimentos de crédito e comerciais, acompanhadas de relato detalhado e instrutivo;
- 7) Referências à tensão entre Igreja católica e o Estado e à agitação nos meios sindicais e estudantis;
- 8) Publicidade sobre nações comunistas e pessoas do mundo comunista;
- 9) Críticas contundentes aos governadores estaduais, procurando demonstrar o desacerto da escolha pelo governo federal;
- 10) Exaltação da imoralidade, com notícias sobre homossexuais, prostituição e tóxicos<sup>21</sup>.

A censura no regime militar funcionava como uma poderosa estrutura que, segundo Chinem, empregava à época cinco mil pessoas, em tempo integral, para

---

<sup>20</sup> CHINEM, Rivaldo. **Imprensa Alternativa: Jornalismo de oposição e inovação**. São Paulo: Ática, 1995, p. 5.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 15

examinar livros, músicas, filmes, peças de teatro, rádio, televisão, artigos de jornal. Basicamente, a censura nos jornais ocorria de três maneiras: autocensura, nas quais os jornalistas recebiam informações sobre quais assuntos deveriam ser evitados; encaminhamento dos jornais a serem rodados a algum órgão da censura local; ou envio dos jornais para equipe de censura em Brasília, o que poderia levar dias, inviabilizando o exercício do jornalismo.

Mesmo neste cenário de restrição da liberdade de imprensa, os jornais alternativos faziam oposição sistemática ao regime, denunciando a tortura, a violação dos direitos humanos e criticando o modelo econômico. Estes jornais se caracterizavam pela sua ousadia crítica, constituindo-se outro modelo de como se fazer jornalismo compondo uma linguagem própria. Sobre o surgimento do nome “imprensa alternativa” e “nanica”, Chinem escreve:

Alberto Dines, que já tinha editado o *Jornal do Brasil* e dirigia a sucursal *Folha de s. Paulo*, em julho de 1975 começava uma coluna dominical chamada “jornal dos Jornais”, precursora do ombudsman dos anos 90. Dines fez um comentário sobre a imprensa que, na época, chamou de imprensa do leitor, independente, underground ou udigrúdi, e era a única que fazia perguntas, a única que questionava. O escritor João Antônio observou em uma crônica no *Pasquim* que os grandes jornais estavam querendo imitar os nanicos. E criou o termo ‘imprensa nanica’. Foi Dines quem, aproveitando uma idéia norte-americana, lançou a expressão ‘imprensa alternativa’. Para ele, a função dessa imprensa era realmente tentar fazer uma alternativa. Alternativa não apenas de noticiário, mas de mercado, de postura, de organização acionária. E Aurélio Buarque de Holanda em seu *Novo Dicionário* consagrou a expressão ‘imprensa alternativa’ como exemplo de ‘alternativo’<sup>22</sup>.

Dessa forma, surgiam os jornais alternativos que se distinguiam da grande imprensa, alguns destes alternativos se caracterizavam pela sátira e irreverência, outros se caracterizavam pelo debate político e ideológico, estando alguns deles vinculados com organizações partidárias. De todo modo, era uma imprensa alternativa ao “grande jornalismo” que, conforme ironiza Rivaldo Chinem, era uma imprensa “pasteurizada,

---

<sup>22</sup> CHINEM, (1995), p. 30.

asséptica, distanciada do povo, mais parecia o Diário Oficial: falava uma linguagem não brasileira, enlatada, tecnocrata, bonitinha, arrumadinha, cheirosinha”<sup>23</sup>.

Já o livro de Bernardo Kucinski, *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*, possui duas edições lançadas, a primeira publicação data de 1991, a segunda, revista e ampliada, data de 2003. O livro é resultado da tese de doutorado de Bernardo Kucinski, defendida em 1991, na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Portanto, pelo caráter da obra se trata de um livro com informações mais detalhadas e um estudo mais aprofundado se comparado com o livro de Rivaldo Chinem. A propósito, logo no início do livro de Bernardo Kucinski se encontra uma divergência quanto ao número de jornais alternativos que existiram no período de 1964 a 1980. Enquanto Chinem apresenta a soma de mais de 300 periódicos, Kucinski indica a existência em torno de 150 jornais.

Conforme escreve Bernardo Kucinski, seu livro está organizado em três partes:

A primeira parte desenha um panorama do surto alternativo, tentando distinguir as várias categorias de jornais e as situações em que surgiram. Também conta histórias de vida de grande número de jornais paradigmáticos, mas não as dos grandes jornais alternativos, de maior duração e de circulação nacional. A segunda parte, chamada ‘Os Jornalistas’, é dedicada às histórias de vida dos grandes jornais alternativos de motivação essencialmente jornalística, incluindo o satírico *O Pasquim*, os que eu designo como existenciais (*Bondinho*, *Ex*, *Versus*) e os de reportagem (*Coojornal* e *Repórter*). A terceira parte, chamada ‘Os Revolucionários’, dá conta da vida dos três grandes jornais vinculados a partidos ou frentes políticas (*Opinião*, *Movimento*, *Em Tempo*)<sup>24</sup>.

Dos trabalhos que localizados sobre a imprensa alternativa o livro de Bernardo Kucinski é o que rendeu mais informações sobre o conjunto da imprensa alternativa e entre elas o jornal *Versus*. Embora, quando se trata de analisar o jornal

---

<sup>23</sup> CHINEM, (1995), p. 33.

<sup>24</sup> KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2003, p. 9

*Versus* este autor não chega a distinguir o que foram as duas fases de existência do periódico embora identifique que tenha existido uma mudança no perfil jornal.

### 1.1 A criação da imprensa alternativa

Sobre o surgimento da imprensa alternativa e os elementos que compunha a motivação destes jornais, Bernardo Kucinski escreve:

A imprensa alternativa surgiu da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade. É na dupla oposição ao sistema representado pelo regime militar e às limitações à produção intelectual-jornalística sob o autoritarismo que se encontra o nexo dessa articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos. Compartilhavam em grande parte, um mesmo imaginário social, ou seja, um mesmo conjunto de crenças, significações e desejos, alguns conscientes e até expressos na forma de uma ideologia, outros ocultos, na forma de um inconsciente coletivo<sup>25</sup>.

O fator econômico é ponto a ser considerado quanto à compreensão do surgimento da imprensa alternativa. Quanto a isso, Bernardo Kucinski escreve que a disseminação do método simplificado de impressão offset permitia a impressão de tiragens pequenas com baixo custo. Além disso, a Editora Abril havia implantado, na época, um sistema nacional de distribuição de jornais, a partir de 25 mil exemplares<sup>26</sup>. Estas seriam alguns fatores que teriam contribuído para a disseminação da imprensa alternativa.

Para entender o surgimento da imprensa alternativa é preciso compreender não apenas o contexto do regime de exceção em vigência, mas também o ambiente de

---

<sup>25</sup> KUCINSKI, (2003), p. 16.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 18.

exercício da prática jornalística, durante a década de 1970. Nesse sentido, estes seriam os dois fatores que vieram a contribuir para o aparecimento da imprensa alternativa: por um lado, o autoritarismo de um regime, que sufocava as liberdades democráticas e, por outro, um padrão predominante na grande imprensa, que dava pouco espaço para um jornalismo crítico e inovador, não somente pela realidade de um regime de exceção, mas também pela hegemonia de um jornalismo baseado na pirâmide invertida, ou como era conhecido da época, o lide.

O jornalismo da pirâmide invertida era baseado em uma prática jornalística, na qual as informações consideradas de maior importância ganhavam mais espaço, abrindo o texto jornalístico, desse modo, as notícias de maior relevância ganhavam o topo das páginas dos jornais com as informações de menor importância na sequência. Tal predominância, na grande imprensa, seria uma das características a conferir uma estrutura “rígida” na elaboração dos jornais desta categoria que, além delas, outros fatores se somariam na sua configuração como cadernos e colunas distribuídas por assuntos, ao longo das páginas, ou seja, “a grande imprensa” possuía um modelo definido sobre como fazer jornalismo e pouco estava interessada em experimentação.

A pirâmide invertida correspondia a um tipo de jornalismo baseado no lide, expressão portuguesa do lead em inglês. O lide consiste em uma técnica jornalística. Nessa se procura propiciar ao leitor informações objetivas buscando responder ao que seriam informações fundamentais sobre uma notícia. O quê? Quem? Onde? Como? Quando? Por quê?

Além dessa estrutura “engessada” da técnica de produção jornalística da grande imprensa havia também o imperativo econômico. Os grandes jornais objetivavam, sobretudo, o retorno financeiro, nesse sentido, esta categoria de imprensa procurava aproveitar ao máximo as páginas dos jornais, seja com a distribuição dos textos, seja com a publicação de anúncios. Para a grande mídia, o jornalismo é um negócio, e como qualquer negócio esse precisa ser lucrativo.

Além de divergências quanto à técnica jornalística, a imprensa alternativa também questionou a postura da grande imprensa frente ao regime civil-militar, desse modo, o padrão complacente da grande imprensa para com o regime era vista como uma forma de submissão, segundo a imprensa alternativa. Desse modo, pode-se dizer que a



imprensa alternativa era alternativa, em vários sentidos: alternativa à técnica jornalística, predominante na grande imprensa e alternativa ao regime.

Sendo assim, pode-se compreender que o impulso da empreitada jornalística da imprensa alternativa foi ao mesmo tempo profissional e político. Muitos jornalistas da imprensa alternativa exerceram suas atividades, inicialmente, em jornais da grande mídia. Luís Carlos Eblak de Araújo afirma que existiu uma retroalimentação entre a grande imprensa e a imprensa alternativa.

Segundo o pesquisador, um exemplo disso seria o jornal considerado o pioneiro da imprensa alternativa, *Pif-Paf*, de Millôr Fernandes. Esse jornal teria se originado antes do regime militar, em 1963, quando Millôr teve um problema com O Cruzeiro. O jornalista tinha uma seção na revista de Assis Chateaubriand chamada *Pif-Paf*.

O surgimento da fonte de pesquisa, o jornal *Versus*, também está relacionado com a grande imprensa. No caso, o idealizador, Marcos Faerman, era jornalista do *Jornal da Tarde*, de São Paulo. É neste jornal que Faerman inicia a experimentação do *new-journalism* norte-americano. Segundo a pesquisadora Sandra Regina Moura, ao contrário do que se discute, Marcos Faerman teria praticado o *new-journalism* no *Jornal da Tarde*, mas não em *Versus*. De todo modo, pode-se afirmar que a atmosfera do *new journalism* esteve presente no novo padrão que os jornalistas da imprensa alternativa procuram empregar em seu ofício. Compreendo que o *new-journalism* compreendeu parte da iniciativa dos jornalistas brasileiros de produzir um tipo de imprensa que fugisse ao padrão estabelecido pela imprensa tradicional.

## 1.2 Ciclos da imprensa alternativa

Segundo Bernardo Kucinski, existiram duas grandes classes de jornais alternativos. Alguns predominantemente políticos, baseados na valorização do nacional e do popular dos anos de 1950 e no marxismo vulgarizado dos meios estudantis nos anos de 1960. A outra classe de jornais foi influenciada pelos movimentos de

contracultura norte-americanos, do orientalismo, do anarquismo e do existencialismo de Jean Paul Sartre, “mais voltados à crítica dos costumes e à ruptura cultural [...]”<sup>27</sup>.

Segundo Kucinski: “o que identificava toda a imprensa alternativa era a contingência do combate político-ideológico à ditadura, na tradição de lutas por mudanças estruturais e de crítica a um capitalismo periférico e ao imperialismo” [...]<sup>28</sup>.

O livro de Bernardo Kucinski, *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*, é um trabalho de referência quando se propõe a sistematizar as categorias de imprensa alternativa. Nesse sentido, o autor divide esta sistematização a partir de ciclos, os quais se identificavam a cada geração de alternativas, além de buscar o que seriam as linhagens destes jornais.

Nesse sentido, o autor identifica oito ciclos da geração de jornais alternativos. A primeira fase do ciclo alternativo iria do lançamento de *Pif-Paf*, em 1964, até o fim da *Folha da Semana*, em 1966. Esta fase seria marcada pelo desmoronamento do universo político do populismo e por uma resistência democrática, expressa nos jornais apoiados pelo Partido Comunista (PC). A segunda geração de jornais alternativos surgiria a partir de 1967, com base em um novo imaginário que tem origens na revolução cubana, da proposta de uma guerrilha continental, da teoria dos focos de Régis Debray. Nesta categoria de jornais, destacam-se: *O Sol, Poder Jovem e Amanhã*<sup>29</sup>.

Após a segunda geração de alternativos viveu-se uma fase de intervalo sem surgimento de novos jornais. Sobre esse momento, Kucinski escreve:

Seguiu-se um intervalo de mais de um ano praticamente sem novos jornais alternativos. É o tempo das grandes passeatas estudantis, do maio de 68 na França, dos protestos contra a guerra do Vietnã. As lutas no espaço público forçaram a retomada do jornalismo crítico pela grande imprensa, desaparecendo o impulso jornalístico vital para a criação de jornais alternativos. Foi depois do refluxo dessas manifestações,

---

<sup>27</sup> KUCINSKI, (2003), pp. 14-15.

<sup>28</sup> Ibid., p. 16.

<sup>29</sup> Ibid., p. 34.

da *debacle* da luta armada e ausência de perspectivas, a partir de meados de 1969, que se juntaram em grande número os protagonistas da imprensa alternativa, dando origem ao nacional sob o signo da resistência político-cultural, entre os quais *O Pasquim* e *Opinião*<sup>30</sup>.

A quinta fase de jornais alternativos surgiria entre 1971 e 1972, por meio de jornais como: *Grilo* e *Balão*, caracterizados pelo humor pesado e pelo experimentalismo em linguagem. A exploração de *cartoons* nas páginas dos jornais seria uma das características destes periódicos. No caso do jornal *Grilo*, foi forte a influência do cartoon estrangeiro do norte-americano Roberto Crumb e pelo europeu Wolinski. Já no caso do *Balão*, existiu uma explosão criativa de humor nacional por uma nova geração de cartunistas brasileiros iniciantes, como: Luis Gê, Laerte, Angeli e os irmãos Chico e Paulo Caruso<sup>31</sup>.

O sexto ciclo de jornais alternativos surgiu a partir de 1974. Era o momento de retorno de alguns presos políticos da ditadura, que se reintegravam à vida civil por meio da imprensa alternativa. Segundo Kucinski, em um cenário de colapso do milagre econômico, entra em cena o projeto de jornais ambiciosos como: *Versus* e *Movimento*, nos quais predominaria o ativismo político. A sétima geração de jornais alternativos surgia no contexto marcado pela morte do jornalista Vladimir Herzog, em outubro de 1975, em um cenário que Kucinski identifica como de crise do padrão complacente da grande imprensa. Nesta fase surgem jornais como: *De Fato*, e *Coojornal*<sup>32</sup>.

Com a campanha da anistia surgem, a partir de 1977, jornais essencialmente motivados por essa campanha. Segundo Kucinski, os jornais da anistia seriam *Repórter*, *Resistência* e *Maria Quitéria*. A última classe de jornais alternativos foi composta por jornais, como *Batente*, ligados aos movimentos populares e o jornal *Avesso*<sup>33</sup>.

---

<sup>30</sup> KUCINSKI, (2003), p. 34.

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 34.

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 35.

<sup>33</sup> *Ibid.*, p. 35.

A descrição das expressões da imprensa alternativa que a aqui se apresenta segue, exclusivamente, as informações obtidas no livro de Bernardo Kucinski: *Jornalistas e Revolucionários, nos tempos da imprensa alternativa*. Decerto existiram outros periódicos, que poderiam ser enquadrados nessa categoria de imprensa, mas por ausência de acesso às fontes, limita-se a apresentar o mapa da imprensa alternativa a partir da descrição de Bernardo Kucinski.

## **2. O JORNAL ALTERNATIVO *VERSUS*, A ARTE COMO ARMA CONTRA UM REGIME DE EXCEÇÃO**

Na década de 1970, o Brasil vivia sob uma ditadura civil-militar instaurada com o golpe de 1964, que depôs o legítimo presidente João Goulart. Nesse período, proliferou certo tipo de fazer jornalístico, que ficou conhecido como imprensa alternativa ou, popularmente, chamada, imprensa “nanica”. A imprensa alternativa se diferenciava e se destacava dos jornais da grande mídia, seja pelas características dos jornais que produzia, seja pela oposição e resistência à ditadura civil-militar. Era um modelo de imprensa alternativa a jornais, como: *O Globo*, *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* e outros jornais do que se chamava a grande mídia.

A imprensa alternativa, ou os jornais “nanicos”, lançaram durante a década de 1970 um novo padrão para a prática e vivência da experiência jornalística. Com poucos recursos financeiros, muitos circulavam de mão em mão, este tipo de imprensa despontava desafiando as regras da censura do regime de exceção. Alguns alternativos eram ligados a organizações políticas de esquerda clandestinas, outros simplesmente representaram o descontentamento de jornalistas com o tipo de jornalismo exercido pela grande mídia e, assim, se lançaram na empreitada alternativa. O descontentamento para com a grande mídia ocorria, principalmente, por dois motivos, o padrão complacente com a ditadura e a rigidez formal da grande mídia, que não dava espaço para experimentações sobre novas práticas de se fazer jornalismo.

Desse modo, a década de 1970 se tornou um período fértil para a disseminação de um jornalismo rebelde. No plano político, o país atravessava as rédeas curtas de um regime autoritário, que procurava sufocar ideias oposicionistas ou contestadoras. No plano cultural ainda se vivia o clima da contracultura da década de 1960, na qual a juventude buscava novas ideias para se expressar e lutava por liberdades democráticas, era um contexto marcado por novas experiências sobre como a realidade era concebida, alimentavam o desejo de contestação e de transformação da sociedade.

Estes seriam alguns dos ingredientes que viriam a compor parte da atmosfera de pensamento no contexto da imprensa alternativa. Não é sem razão que este ambiente viria a criar o clima propício para o exercício de um jornalismo inovador, seja pela

característica do humor e da sátira, seja pelos debates políticos filosóficos e a clara oposição ao regime. É neste contexto que se situa a fonte de pesquisa, o jornal alternativo *Versus*.

No projeto de pesquisa, a proposta de estudo propunha analisar a cultura política de oposição e resistência à ditadura civil-militar nas páginas do periódico. Nossa hipótese foi a de que nas páginas de *Versus* se visualizam, além de um padrão alternativo sobre o fazer jornalístico, também debates sobre um projeto alternativo de sociedade. Sendo assim, este estudo pretende contribuir com mais uma perspectiva historiográfica sobre o periódico e, conseqüentemente, sobre o período em questão e, neste sentido, é que se antecipam algumas informações sobre o jornal.

## 2.1 Duas fases de um jornal

Uma questão que pode ser levantada é se *Versus* seria uma revista ou um jornal. No livro de Bernardo Kucinski, este pesquisador o qualifica como uma revista. No entendimento desta pesquisa, *Versus* era um jornal por algumas características que se encontram nele como tipo de papel, as reportagens divulgadas em suas páginas, além é claro de o próprio *Versus* se definir como um jornal.

O jornal alternativo *Versus* foi lançado sem capital inicial, essa seria uma das características não apenas de *Versus*, mas também de muitos jornais alternativos no período. Os jornalistas que se lançavam na tarefa de produção desta categoria de periódicos o faziam, muitas vezes, sem os recursos financeiros que o projeto de criação de um jornal poderia exigir. Nessas condições, o jornal começou a ser vendido de mão em mão, sendo produzido, inicialmente, com o lançamento de promissórias, sendo situação que perdurou por mais ou menos um ano.

Reunido com um pequeno grupo, entre os quais Moacir Amâncio, Vitor Vieira e Omar de Barros Filho, Marcos Faerman lança em outubro de 1975, o jornal *Versus*. Editado em São Paulo, o jornal era produzido sem capital inicial, sem empresa e sem equipamentos, com periodicidade bimestral. Cerca de dez jornalistas fizeram parte de seu

núcleo inicial, ao qual se juntou posteriormente Paulo de Tarso Venceslau, que implantou uma administração, contatou distribuidoras e organizou o jornal. Cerca de um ano depois de lançado, no n. 7 (dez./jan. 1977/78), *Versus* passa a ser distribuído nacionalmente pela distribuidora do Grupo Abril e, a partir do n. 8 (mar. 1977), torna-se mensal<sup>34</sup>.

No entanto, o fato de não possuir um capital inicial não foi motivo para impedir que os criadores de *Versus* empreendessem a tarefa de produzir o jornal e, assim, sob a liderança do idealizador e jornalista gaúcho Marcos Faerman, *Versus* é lançado em outubro de 1975, em São Paulo. Segundo o pesquisador Bernardo Kucinski, o periódico seria “uma das mais radicais manifestações de comunicação alternativa, até ser apropriado pelo Partido Socialista dos Trabalhadores (PST), clandestino, que o transformou em seu porta-voz e finalmente o extinguiu, em meados de 1979”<sup>35</sup>.

Portanto, o jornal alternativo *Versus* foi um periódico paulista da imprensa alternativa, que circulou de 1975 a 1979. Foi um periódico com publicação bimestral por um tempo, mensal em outros e, novamente bimestral, impresso em papel offset, com as capas coloridas e as matérias e reportagens em preto e branco, distribuído pela Editora Abril, no auge de sua produção contou com a tiragem de 30 mil exemplares. O Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina (CDPH-UEL) possui, em seu acervo, vinte e duas edições do jornal de um total de trinta e três edições normais.

O acervo também conta com edições especiais do jornal em formato de quadrinhos (uma edição de um total de três) e publicações para campanhas sindicais e intervenção em movimentos sociais. O CDPH também realizou o trabalho de digitalização do periódico, fato que contribuiu para o acesso do jornal, já que além das edições impressas também se pode contar com as versões digitalizadas.

A primeira publicação de *Versus* é de outubro de 1975 e apresenta como epíteto “um jornal de reportagens, ideias e cultura”. A capa da terceira edição de março

---

<sup>34</sup> CANDIDO, Jeferson. **Dois lados da moeda?** *Versus*, um jornal alternativo, e *Cultura* uma revista do MEC (1976 – 1978). Florianópolis, SC: UFSC. Dissertação de mestrado. 2008, p. 48.

<sup>35</sup> KUCINSKI, (2003), p. 247.

de 1976 apresenta como epíteto: “um jornal de aventuras, ideias, reportagens e cultura”. Já a edição de maio de 1978 apresenta como epíteto: “um jornal de política, cultura e ideias”, este último vai prevalecer até a edição número 32, essa mudança sobre o lema do periódico indica uma alteração sobre a concepção do jornal e, também, sobre qual deveria ser sua missão, e são um indício sobre a mudança no perfil do periódico, como analisaremos nas páginas seguintes.

A análise da fonte permite perceber que existiram duas fases do jornal *Versus*. Na primeira fase predominam debates sobre cultura, literaturas, artes e sobre a realidade da América Latina. Na segunda passa a ter maior importância debates sobre a realidade política brasileira, embora os temas da primeira fase ainda se façam presentes, mas com menor proporção.

Outros pesquisadores, como: Xenya de Aguiar Bucchioni e Juliana Sayuri Ogassawara defendem que o jornal possuiu três fases. A primeira marcada pela ‘cultura como forma de ação política’ da 1ª até a 12ª edição; a segunda da 12ª a 24ª edição que seria dedicada aos temas do presente como a questão negra. A terceira seria quando o jornal passa a discutir a política nacional, o que seria da 24ª a 34ª edição<sup>36</sup>.

Na análise que desenvolvemos sobre o objeto adotamos a divisão do jornal em duas fases por se constatarem fatores como a incorporação de temas que discutem a política nacional, o rompimento de Marcos Faerman e o controle exercido pela Convergência Socialista sobre o tabloide. Também sustento a defesa de que o jornal possuiu duas fases por assim o entender também Luis Carlos Eblack de Araujo. A segunda fase que defende existir Bucchioni e Ogassawara, entendo que se trata de um momento de transição entre a fase mais cultural e fase mais político-militante do jornal.

Objetivamente, é possível perceber que a primeira fase do jornal cobre o período em que o periódico esteve sob a liderança de Marcos Faerman, que vai de

---

<sup>36</sup> BUCCHIONI, Xenya de Aguiar e OGASSAWARA, Juliana Sayuri. *Versus*: A busca por uma identidade cultural latino-americana. Revista Acadêmica de La Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social. **Diálogos De La Comunicación**. Nº 79. Janeiro-julho de 2009, pp. 3-4.



outubro de 1975, data da primeira edição, a fevereiro de 1978, data da edição de número 18, que apresenta o editorial um novo *Versus*. A segunda fase do periódico vai de setembro de 1978 a outubro de 1979, esse é o período em que o jornal passa a ser produzido sem a figura de seu idealizador Marcos Faerman. A divisão em duas fases do periódico não pode ser tomada de uma maneira rígida, de modo que se observa que existem publicações ainda sob a liderança de Faerman e que poderiam ser caracterizadas como a segunda fase do jornal.

Adota-se como critério para a divisão das duas fases do jornal, a leitura de dois documentos: o editorial de fevereiro de 1978 e a carta de rompimento de Marcos Faerman de agosto de 1978, que abandona o jornal na edição de número 24. Um detalhe que é importante de ser observado é que a carta de demissão de Marcos Faerman é assinada com a data de 13 de agosto de 1978 e o tabloide contaria com mais uma última edição sob a direção de Faerman, no caso a de número 24, publicada em setembro de 1978, na qual consta a referida carta.

Na verdade, a mudança de *Versus* pode ser percebida já antes de fevereiro de 1978. Se levar em conta que a segunda fase se caracteriza por um debate político propositivo sobre a realidade brasileira, esse fato já pode ser percebido na edição número 16 de novembro de 1977, que apresenta como manchete: “Por uma nova oposição” e, também, pela edição número 17, de dezembro de 1977 que apresenta como manchete: “O partido socialista está nascendo”. Até o rompimento de Marcos Faerman, em setembro de 1978, foram lançadas oito edições da fase do que se poderia denominar de a mais política do jornal.

O editorial da edição de fevereiro de 1978 afirma que *Versus* mudou, nas palavras do jornal: “Era preciso ganhar em clareza, aprofundar nossas análises, solidificar o pensamento de nossa redação, para, de uma forma mais correta, ao menos, sermos mais úteis aos nossos leitores [...]”<sup>37</sup>. Estas mudanças são representativas do processo de politização e radicalização da redação de *Versus*.

---

<sup>37</sup> BARROS FILHO, Omar de. *Versus*: Páginas da utopia. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007, p. 273.

*Versus*, que inicialmente estava completamente voltado para a cultura como forma de ação, assumiu o discurso político. E passou não só a discutir a conjuntura nacional, suas opções, como também a se identificar com as correntes que entendem que só há uma maneira de construir uma democracia para o nosso povo: pela construção de um Partido Socialista<sup>38</sup>.

Portanto, pode-se observar que existiram duas fases do jornal: a primeira que tinha como missão a cultura como forma de ação, e a segunda na qual o periódico assume o discurso político de defesa da criação de um Partido Socialista, na visão de seus produtores, como forma de construção da democracia. Segundo o editorial, o primeiro número do jornal “é uma metáfora a um clima em que a morte parecia sufocar a vida”. Fato que merece nota é que o jornal é lançado no mesmo ano da morte do jornalista Vladimir Herzog. A palavra e a temática da morte possuem certo destaque na primeira fase do periódico.

O primeiro editorial do jornal tardou a sair, foi elaborada apenas um ano depois do lançamento de *Versus*. Nesse primeiro editorial de aniversário, de 6 de outubro de 1976, observa-se que o jornal tinha como meta “fazer um jornalismo brasileiro assumindo a América Latina. Em que a busca de nossas raízes fosse um programa. No qual a História seria um tema tão importante quanto ‘as novidades’”<sup>39</sup>. O latino americanismo é uma característica marcante do jornal, sobretudo, em sua primeira fase. Para os produtores do periódico isso faria parte da visão continentalista de *Versus*. Em seus editoriais se esmeram em afirmar que o periódico teria sido a primeira publicação brasileira que falou, por exemplo, de Tupac Amaru.

Esse editorial de aniversário é muito emblemático sobre a natureza peculiar com que os produtores enxergavam o periódico. Ao mesmo tempo se pode observar que os editores manifestam certo incômodo com o rótulo de *Versus* como uma ‘revista literária’, como teriam sido chamadas algumas vezes, ou ainda como uma ‘revista cultural. De todo modo, esta natureza peculiar do periódico fazia parte da busca que *Versus* empreendia para construir o seu próprio espaço. Nesse sentido, o editorial comenta:

---

<sup>38</sup> BARROS FILHO, (2007), p. 273.

<sup>39</sup> Ibid., p. 270.

A aproximação com os mundos hispano-americanos ia abrindo, paralelamente, a trilha que nos conduzia à vida, à criação e aos dramas de nosso próprio povo. Tudo passava a se integrar num processo único de caminhos. Por um jornal profundamente brasileiro, latino-americano, popular nas pesquisas e nos anseios, apoiado numa consciência crítica e democrática<sup>40</sup>.

Desse modo, pode-se observar no trecho acima que o editorial de aniversário enfatiza a questão da temática do mundo latino-americano como uma das metas do jornal no sentido de procura de caminhos para o exercício do jornalismo do que se chama de maneira própria e singular, a qual se se intende ligada ao objetivo do periódico de reunir suas temáticas apoiado em uma consciência crítica e democrática.

Dos pesquisadores que se propuseram a analisar o jornal *Versus* encontra-se o importante trabalho de Jeferson Candido, bacharel em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina, cuja pesquisa apresenta análises de dados sobre o jornal, que podem ser verificados na sua dissertação de mestrado, e no boletim de pesquisas sobre o periódico. A partir da análise de um banco de dados dos 25 primeiros números do jornal, Candido mostra a presença de quem mais colaborou com o tabloide, os autores mais citados, além de tratar da divisão dos textos quanto a sua tipologia e as principais palavras chaves<sup>41</sup>.

Nesse sentido, Candido observa que a participação de Marcos Faerman fica evidente ao constatar o número de 30 contribuições de Faerman, em artigos variados, indo desde a apresentação de artistas estrangeiros a entrevistas. Outros autores que se destacam são Mouzar Benedito, que a partir da edição nº 11 assina a coluna intitulada: ‘Dólar furado’, discorrendo sobre economia. Também Louis Rosenberg, responsável por comentar cinema, a partir da edição nº 11 passa a ser responsável pela coluna: ‘O circo cinematográfico’. Também registra a contribuição de Eduardo Galeano nas

---

<sup>40</sup> BARROS FILHO, (2007), p. 271.

<sup>41</sup> CANDIDO, Jeferson. *Versus: a arte como arma*. **Boletim de Pesquisa NELIC**, Florianópolis, v. 5 n.6/7. Polêmicas. 2003, p. 79.

edições de número 10 e 17, que assina a coluna intitulada: ‘Carta de Barcelona’, entre outros<sup>42</sup>.

Sobre os autores mais citados, Jeferson Candido revela que Bertolt Brecht aparece em primeiro lugar, segundo Candido, este autor serviria como ícone que representaria a proposta do jornal de utilizar a arte como arma política. Outros autores latino-americanos bem citados são: Gabriel Garcia Marques, Eduardo Galeano, Cortázar e Pablo Neruda, além de Chico Buarque. Ainda são registradas citações de Freud, Sartre, entre outros<sup>43</sup>.

Sobre o ‘tipo’ de textos publicados, Candido analisa que as reportagens vindas de vários colaboradores de países espalhados pelo continente detêm maior espaço no jornal. Também observa grande espaço para publicação de depoimentos de índios, negros, nordestinos, artistas e psicanalistas, além da presença de entrevistas, como a de Michel Foucault. O jornal também dedica espaço à publicação de contos de autores como Ignácio Loyola Brandão, Bertolt Brecht, Franz Kafka, além da presença de poesias de autores consagrados e outros menos conhecidos<sup>44</sup>.

Jeferson Candido também analisa as palavras-chave mais comuns. Quanto a este aspecto, o pesquisador observa que:

‘Política’ é a palavra-chave com maior número de inserções no total, seguida de ‘ditadura’ e ‘literatura’. Isso no conjunto dos vinte e cinco números indexados. Uma oposição entre ‘política e literatura’, no entanto, pode ser vista de duas maneiras. Levando em consideração o que afirmamos anteriormente sobre a mudança no perfil do jornal, que passa a ser mais político a partir das edições 14, 15, temos como prova o fato de até então, (número 01 a 14) a palavra-chave mais comum é ‘literatura’ (5,50% do total), logo seguida por ‘política’, (4,07 do total de palavras-chaves). A partir do número 15 (até o 24), a palavra-chave mais comum passa a ser ‘política’ (13,20% do total), seguida por ‘democracia’ (7,58%). ‘Literatura’ cai para o nono lugar (2,39%). Esses dados não deixam dúvida quanto ao fato de o jornal se tornar definitivamente mais político. Sem dúvida, ‘Versus mudou’, como afirma Faerman no editorial do jornal nº 18<sup>45</sup>.

---

<sup>42</sup> CANDIDO, (2003), p. 79.

<sup>43</sup> Ibid., p. 80.

<sup>44</sup> Ibid., p. 80.

<sup>45</sup> Ibid., p. 81.

Portanto, visualiza-se a existência do que se poderia denominar de duas fases distintas do jornal *Versus*, estas duas fases serão analisadas mais detalhadamente, mas antes se verá um pouco mais sobre as características do periódico. *Versus* que tinha como lema arte como arma, ou a cultura como forma de ação era por estes aspectos um objeto inovador dentro de seu meio. Para a constituição deste veículo de comunicação com sua natureza peculiar, duas influências viriam a fazer parte da sua história: a revista argentina *Crisis* e o *new-journalism* norte-americano.

## 2.2 As origens de um jornalismo inovador

A revista *Crisis* foi uma revista política e cultural publicada em Buenos Aires, entre maio de 1973 e agosto de 1976, seu diretor era o escritor uruguaio Eduardo Galeano. Uma das influências que *Versus* herdaria da revista *Crisis*<sup>46</sup> seria as inovações estéticas e os debates políticos, que envolviam imperialismo e descolonização, democracia e ditadura. Quanto ao *new-journalism*, *Versus* herdaria a influência de uma nova proposta de jornalismo para a época, a saber, a utilização de recursos literários para o exercício do jornalismo se valendo da ficção para a construção de matérias e reportagens. Estes elementos viriam a compor as peculiaridades de *Versus*, nas palavras de Marcos Faerman:

*Versus* foi ao mesmo tempo uma alternativa de linguagem, de organização da produção jornalística e de proposta cultural. Em vez do discurso político de *Movimento*, que o precedeu em alguns meses, usava uma narrativa mítica, operando no plano ideológico através de metáforas culturais e históricas [...] Quase não produzia reportagem factual clássica; expressava-se por meio dos sentimentos, e não do convencimento lógico. Valorizava sobretudo a forma, numa ‘fusão de elementos usados livremente: jornalismo, fotografia, desenho, histórias em quadrinhos, literatura poesia’<sup>47</sup>.

<sup>46</sup> Cf. Sobre a relação de *Versus* e a revista *Crisis* ver Bucchioni, Xenia, Caminhos Cruzados: de *Crisis* (1973-1976) a *Versus* (1975-1979), a América Latina em questão. In: **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)** v.5 n°1 jan/2016-jun2016.

<sup>47</sup> KUCINSKI, (2003), p. 249.

E assim surge *Versus*, composto por um pequeno grupo de jornalistas, que fizeram parte do jornal *Ex*, entre os quais Marcos Faerman, Moacir Amâncio, Vitor Vieira, Omar de Barros Filho e Vilma Grycinski. A este núcleo inicial viria a somar “Caco Barcellos que, como Omar de Barros Filho, havia sido um dos fundadores da cooperativa de jornalistas de Porto Alegre, a Coojornal.”<sup>48</sup>.

Bernardo Kucinski qualifica o jornal *Versus* como síntese do jornalismo de resistência, no qual se adotaria a cultura de resistência como manifesto estético, na mesma tradição do teatro de resistência e do cinema de resistência<sup>49</sup>.

Maria Paula Nascimento Araújo em seu livro “*A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*” também dedica em seu livro algumas páginas de análise do jornal *Versus*. Segundo a historiadora *Versus* combinava em suas publicações a dissidência política como referência estética e cultural. Maria Paula Nascimento Araújo realiza uma análise do que foi a primeira fase do periódico. Segundo Araújo, *Versus* procurava ser alternativo não apenas na política, mas também na dimensão existencial, estética, filosófica e cultural, valorizando uma tradição dissidente histórica do marxismo oficial. Sobre a valorização da arte Araújo escreve:

O jornal valorizava, mais do que tudo, a arte e a dimensão estética – vistas como elementos centrais para a compreensão do mundo (mediante a sensibilidade) e intervenção no mesmo (mediante a criatividade). Combatia a chamada arte comercial, mas também a arte “didática” da esquerda tradicional valorizando a arte considerada de vanguarda, a arte experimental e, num outro polo, a arte popular. Abria espaço para artistas rotulados de marginais e “malditos”, bem como para artistas populares anônimos e desconhecidos. Nessa valorização da arte e da estética como linguagem essencial do jornal, *Versus* criava uma estética de “resistência” – de dor, de medo e de angústia – calcada na exposição das emoções e dos sentimentos. O ato político era visto como um gesto artístico e cultural; o ato artístico, como um gesto político<sup>50</sup>.

---

<sup>48</sup> KUCINSKI, (2003), p. 254.

<sup>49</sup> *Ibid.*, p. 250.

<sup>50</sup> ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. **A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, p. 134.

Por trás deste jornalismo inovador estava a mente inventiva de Marcos Faerman, idealizador e líder de *Versus* de seu surgimento até 1978. A respeito da liderança de Faerman, Bernardo Kucinski esclarece que para entender *Versus* seria preciso voltar aos anos de 1950, quando ainda no ginásio Faerman, “de 15 anos, vivia o ‘ambiente apaixonadamente cultural’ do Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, onde escrevia, editava e distribuía jornais estudantis”. Recebendo em sua casa, do tio comunista, o jornal *Semanário*. Estas experiências viriam a influenciar Marcos Faerman com o ideário nacionalista e anti-imperialista, no qual impressionado pela revolução cubana viria a se tornar um fidelista entrando para o Partido Comunista Brasileiro<sup>51</sup>.

Segundo Kucinski, o batismo de fogo político de Marcos Faerman seria a campanha de legalidade, quando no final de 1961, o governador Leonel Brizola “distribuiu armas à população e organizou uma rede nacional de radiodifusão para impedir um golpe militar contra a posse do vice-presidente João Goulart”<sup>52</sup>. Conforme Kucinski, quando do golpe de 1964, Faerman era militante do PC e, logo depois, no jornal *Zero Hora*, criou um *Caderno de Cultura*, junto com Luís Fernando Veríssimo, no que seria o embrião da ideia que depois geraria *Versus*, ‘um caderno de cultura rebelde e com grandes nomes, com textos roubados de revistas estrangeiras’<sup>53</sup>.

Uma das características marcantes do jornal *Versus* foi a já mencionada temática da América Latina. Quanto a este aspecto do periódico se pode observar que ele assinala a vocação do jornal quanto a sua origem constitutiva, além de se constituir em um veículo de comunicação sensível às questões políticas do seu presente contexto. Nesse sentido, a temática da América Latina se apresenta tanto como um dos elementos de identidade do periódico e, também, de sua postura desafiadora e contestadora sobre as conturbadas experiências de regimes de exceção, que vários países da América Latina atravessavam no período.

---

<sup>51</sup> KUCINSKI, (2003), p. 250.

<sup>52</sup> Ibid., p. 252.

<sup>53</sup> Ibid., p. 252.

Conforme Bernardo Kucinski, quando Marcos Faerman trabalhava com o caderno cultura do jornal *Zero Hora*, em Porto Alegre, no ano de 1964, ali já estariam os elementos básicos do que seria o jornal *Versus*. Para este trabalho teria influência sobre Faerman a cultura de fronteira; ‘o contato com o Uruguai e a Argentina trouxe o sentimento de latinidade, da importância de uma cultura ignorada pelos grandes veículos’<sup>54</sup>.

Para o jornalista Luís Carlos Eblak de Araújo:

*Versus*, fez basicamente dois tipos de ruptura: a primeira, com o estilo de texto curto e objetivo da grande imprensa, que começava a se consolidar e se intensificar nas redações na década de 1980. A outra ruptura foi temática. ‘Seu fio condutor, que predomina da capa à última página, é a América Latina, tema pouco tratado pela imprensa da época. O que vai amarrar a estrutura do jornal com as reportagens será um fato comum no continente: vários países da América Latina – Chile, Paraguai, Uruguai e, em 1976, também a Argentina – vivem regimes militares’<sup>55</sup>.

A proposta de *Versus* seria a de dar à cultura um status que essa não possuía na imprensa brasileira.

Já se mencionou a influência que a revista *Crisis* teve para a criação de *Versus*, outra revista que também teve relevante contribuição para a idealização e criação do periódico seria a revista uruguaia *Marcha*, da qual Marcos Faerman havia se tornado leitor. Esta revista foi fundada pelo escritor uruguaio Juan Carlos Onetti em 1939.

Através do *Marcha*, Faerman descobre novos heróis, os mestres da narrativa latino-americana: Mário Benedetti, Juan Carlos Onetti, Gabriel Garcia Marquez, Neruda. E os heróis: índios, os povos latino-americanos, seus mártires e mitos – os Tupac-amaru, os Sandino, os Zapata. Em 1974, Eduardo Galeano lança *Crisis*, na Argentina. Tudo isso se compõe com os antigos manifestos nacionalistas, numa

---

<sup>54</sup> RIVOIRO, Luiz Henrique apud Bernardo Kucinski. Entrevista com Marcos Faerman, Manuscrito, arquivo BK, 1989.

<sup>55</sup> ARAÚJO, Luis Carlos Eblak apud VIEIRA, Isabel. Marcos Faerman um humanista radical. In: **Jornalistas Literários, narrativas da vida real por novos autores brasileiros**. Sérgio Vilas Boas (Org.). São Paulo. Summus, 2007.



cosmovisão que tem a América Latina como centro e o imperialismo como força centrípeta, desagregadora<sup>56</sup>.

Em alguns parágrafos anteriores foi dito que a revista *Crisis* foi uma das influências do jornal *Versus*, na verdade *Crisis* e *Versus* são influenciados pelo mesmo projeto, que teve como modelo a revista *Marcha*, ou seja ‘tratava a vida do continente com delicadeza, brilho e, sobretudo paixão; uma visão continental nunca antes conseguida [...]’<sup>57</sup>.

Desse modo, os ingredientes para a criação e surgimento de *Versus* estavam colocados e esses se somariam para a criação do que, nas palavras de Bernardo Kucinski, seria uma estética de ruptura. Tais características teriam muito a haver com o clima de contracultura que os jovens vivenciavam na época.

De visual dramático, transmitindo ao mesmo tempo beleza e tensão, valendo-se de todos os recursos, do quadrinho à foto, *Versus* difere esteticamente de tudo o que já havia sido feito antes na imprensa alternativa. Com a capa em *couchê* e em cores, sempre forte e atraente, *Versus* era também um objeto artístico, uma iconografia da política e da história. Um de seus principais artistas gráficos vivia assumidamente a cultura da droga, e valia-se das experiências com novos modos de percepção para a criação gráfica da revista<sup>58</sup>.

Conforme Bernardo Kucinski, *Versus* visa o choque estético, buscando transmitir angústia, de modo que a angústia vivida pelas experiências de tortura dos regimes de exceção pudesse ser visualizada nas páginas do periódico. Esse era o clima de uma América Latina marcada por regimes autoritários e o jornal *Versus* seria, na visão de Marcos Faerman, um jornal continuador da tradição jornalística do *Marcha* uruguaio e da *Crisis* argentina.

---

<sup>56</sup> KUCINSKI, (2003), p. 253.

<sup>57</sup> Ibid., p. 253.

<sup>58</sup> Ibid., p. 255.

### 2.3 A primeira fase de *Versus*, um simbolismo de resistência

Como já se chegou a mencionar, anteriormente, pode-se verificar a existência de duas fases do jornal *Versus*, sendo que o que distingue essas duas fases é a presença de um discurso político propositivo sobre a realidade brasileira, o que caracterizaria a segunda fase do periódico. A primeira fase, portanto, contaria com a liderança de Marcos Faerman, na qual o periódico se apresenta com uma linguagem “predominantemente” metafórica sobre o contexto social e político, a segunda fase se apresenta marcada por uma hegemonia da organização trotskista de Convergência Socialista.

Segundo entrevista de Marcos Faerman, apresentada no livro de Bernardo Kucinski, o jornal falava através de símbolos, de alegorias e dos heróis criados pelo passado, uma linguagem metafórica, constituída por um núcleo dramático e um contraponto analítico. Essa linguagem metafórica servia para traduzir o clima dramático que se vivia na época.

Dos temas recorrentes em *Versus*, os mais frequentes são o da morte e o do medo. Nenhuma palavra aparece com mais força e com mais frequência em *Versus* do que a palavra morte, unificando, através de sua própria repetição, da multiplicidade de seus usos, um sentimento comum de morte espiritual, ‘inclusive a morte das minorias e das culturas regionais’<sup>59</sup>. Só no número 1 a morte aparece nove vezes, em várias matérias e sob várias formas: ‘Diário de Minha Morte’, ‘Necrotério’, ‘450 Anos de Genocídio’<sup>60</sup>.

O que pode ser analisado é que existe uma verdadeira mudança de perspectiva no jornal durante a transição de uma fase para a outra. Sendo assim, verifica-se que enquanto na primeira fase predomina um quadro, no qual os sujeitos sociais são retratados em uma situação quase que indefesa frente às diversas formas de opressões em um quadro fúnebre de uma perspectiva distópica sobre o futuro, a segunda fase dá

---

<sup>59</sup> Cf. EBLAK, Luís, apud Bernardo Kucinski. Notas para dissertação de mestrado, Filosofia/USP, 2000.

<sup>60</sup> KUCINSKI, (2003), p. 256.

lugar a uma perspectiva utópica, aliada a uma postura positiva sobre uma realidade política e social, que deve e pode ser transformada.

Desse modo, de uma fase para a outra se encontra outra proposta de jornalismo, se na primeira fase a atividade jornalística abre espaço para a experimentação, valendo-se de uma linguagem metafórica e utilização simbólica de elementos da realidade política e cultural, nessa fase, a política se apresenta de forma indireta. Enquanto que, na segunda fase, a política se apresenta como centro de gravidade da atividade jornalística. Não seria um exagero afirmar que, na segunda fase de *Versus*, o periódico se torna um jornal de partido, fato que abre espaço para outras finalidades.

Se na primeira fase, a atividade jornalística é um fim em si e através do tom de denúncia, na segunda fase a proposta do jornal se baseia em divulgar um discurso político aberto na defesa da criação de um partido socialista.

Na primeira fase se observa um forte tom de lirismo nas páginas do periódico, embora Marcos Faerman não gostasse que o jornal fosse qualificado como um jornal de literatura, sendo possível observar que, nessa fase, o tom metafórico do periódico permite que ele seja facilmente identificado como um jornal desta espécie, não é sem razão que a carta resposta da equipe editorial, que permaneceu no tabloide, após o rompimento de Faerman, critica justamente o tom de lirismo que caracterizava o periódico em sua primeira fase, na qual o simbolismo e a abordagem metafórica dos temas políticos constituíam não apenas uma parte da identidade do periódico, mas também um fato que tornava nebuloso, por exemplo, a definição do discurso de *Versus* sobre a política brasileira.

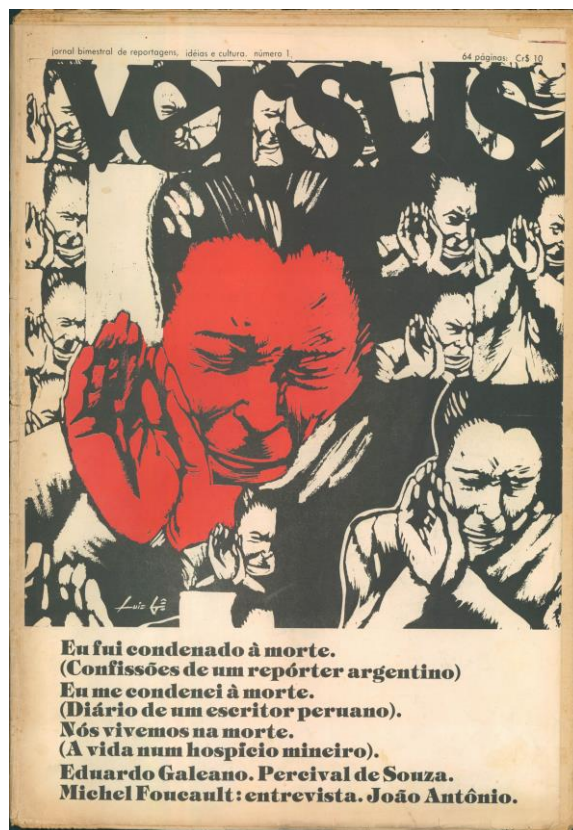


Figura 1, capa da primeira edição, outubro de 1975. Acervo: CDPH UEL.

A imagem da capa da primeira edição, mostrada acima, traduz de uma maneira simbólica como o jornal trazia, em suas matérias, a presença da temática da morte com três reportagens como o mesmo tema: “Eu fui condenado à morte (confissões de um repórter argentino)”<sup>61</sup>; “Eu me condenei à morte (Diário de um escritor peruano)”<sup>62</sup>; e “Nós vivemos na morte (A vida num hospício mineiro)”<sup>63</sup>.

Todas as três manchetes compõem o tom de denúncia, que se soma com a imagem ilustrada na capa, o tom de sofrimento de uma pessoa com conotações da etnia indígena mostrada por meio de uma face ao centro, na cor vermelha, simbolizando sofrimento pela opressão que os povos da América Latina enfrentavam.

<sup>61</sup> Argentina AAA. **Versus**, São Paulo, n. 1, out. 1975. p. 3.

<sup>62</sup> Diário de Minha Morte. **Versus**, São Paulo, n. 1, out. 1975. p. 17.

<sup>63</sup> GUIMARÃES, Durval Campos. Necrotério Raul Soares. **Versus**, São Paulo, n. 1, out. 1975. p. 24.

É possível analisar que a temática da morte se apresenta como uma espécie de pano de fundo, uma alegoria a traduzir processos históricos de uma história de opressões, seja pelo passado de colonização, seja no presente de uma realidade de ditaduras militares.

Esses elementos de clima de medo e morte podem ser visualizados na primeira reportagem da primeira edição, que conta fatos sobre o pós-ditadura na Argentina a respeito de ações da facção extremista Triple A (AAA), que era uma organização direitista responsável por atentados e perseguição de opositores políticos. Essa reportagem fala que ‘Lenta, silenciosamente, o medo se apossou dos argentinos a partir de meados de 1974, porém, antes já havia iniciado sua luta para conseguir o domínio do corpo e da alma desses milhões de seres’.<sup>64</sup> A reportagem é de autoria do jornalista argentino Tomas Eloy Martinez e traduz o clima de perseguição política da época.

Na sequência, expõe uma entrevista também com Tomas Eloy Martinez sobre a situação política da Argentina. Essa entrevista tem o título de “Conversas sobre o medo”<sup>65</sup> na página 6. Para compor o clima de morte e medo se observam as ilustrações nestas duas primeiras reportagens, as quais apresentam a representação de corpos jogados ao chão como se pode ver na figura 2.

Pode-se observar, portanto, que o jornal *Versus* procurava, a partir de uma linguagem própria, traduzir o clima de tensão, de medo, de perseguição política, e outras formas de opressões que eram enfrentadas por grupo de latino-americanos, ativistas, jornalistas, escritores, intelectuais.

Para não se concluir por uma análise distorcida sobre estas características da primeira fase de *Versus*, é preciso esclarecer que outros temas também são apresentados nas suas páginas, nesta primeira edição, como reportagens sobre a bienal do livro, sobre literatura, sobre música, fotografias, reportagem sobre a vida de artistas e outros tantos temas que envolviam arte e cultura, é possível afirmar com isso que existia uma riqueza temática singular no periódico, mas mesmo com essa diversidade de questões, ainda o tema da morte se torna recorrente, principalmente, nesta primeira edição.

---

<sup>64</sup> Argentina AAA. *Versus*, São Paulo, n. 1, out. 1975. p. 4.

<sup>65</sup> MARTINEZ, Tomas Eloy. Conversas Sobre o Medo. *Versus*, São Paulo, n. 1, out. 1975. p. 6.

De todo o modo, constata-se pela análise da fonte a predominância de temas sobre o medo e a morte, como uma alegoria, na qual a conjuntura política da época e a realidade social de regimes de exceção sufocassem as liberdades individuais.



Figura 2 entrevista com Tomás Eloy Martínez, página 6, outubro de 1975. Acervo: CDPH-UEL.

Outra publicação que comprova a predominância da temática sobre a morte e o clima de tensão pode ser traduzida pelo relato do escritor peruano José Maria Arguedas, intitulado: “Diário de minha morte”, na página 17, no qual mostra a publicação de trechos de seu diário, antes de cometer suicídio, o qual ocorreu em novembro de 1969. Como a reportagem deixa claro não se trata de literatura, mas do diário de um suicida nos últimos momentos de sua vida. O texto expressa mais do que o relato de um suicida, mas a descrição de um drama de vida que um grande escritor atravessava em meio ao seu sofrimento psíquico.

Ainda, na primeira edição de outubro de 1975 se tem também, dentro da temática da morte, o texto: “Necrotério Raul Soares”, na página 24. O texto conta alguns fatos e situações em que se encontravam pacientes do Hospital Psiquiátrico Raul

Soares em Belo Horizonte\MG. Fato interessante de ser observado é que esta matéria é sucedida por uma entrevista com o filósofo Michel Foucault, na qual comenta sobre estudos a respeito do problema da repressão: hospícios, sexualidade e prisões. Esta entrevista de Michel Foucault indica que o jornal *Versus* estava em sintonia com alguns dos principais debates acadêmicos da época, no caso o pós-estruturalismo e a ideia de poder em Michel Foucault, exercido não apenas pelo aparato de Estado, mas pulverizado em diversas instituições sociais como os hospícios.

É preciso atentar para o fato de que embora o tema da morte seja uma constante nesta primeira edição de *Versus*, outros assuntos também são abordados neste primeiro exemplar do periódico. Com isso se quer dissipar a ideia que, talvez, possa dar a entender de uma suposta hegemonia deste tema na primeira fase do periódico. O que se quer enfatizar é que antes de a Convergência Socialista tomar o controle do jornal, esse se constituía em um campo aberto para a experimentação, seja de uma nova linguagem da experiência jornalística, seja pela incorporação de temas que os jornalistas julgassem relevantes, com isso se quer dizer que, na segunda fase de *Versus* predomina o que se poderia chamar de “discurso doutrinário”, quando o periódico se torna um jornal de partido.

A questão temática da América Latina pode ser entendida como eixo norteador, a partir do qual se desdobram diversos assuntos discutidos nas páginas de *Versus*. Portanto, é possível visualizar essa temática desde a matéria da primeira edição, a qual denuncia a existência da facção Triple A, na Argentina, até questões que envolvem a publicação de textos de escritores latino-americanos, como: Eduardo Galeano, Gabriel Garcia Marques, Érico Veríssimo, entre outros.



Figura 3, capa da 2ª edição, dezembro de 1975. Acervo: CDPH-UEL.

Na figura 3 é apresentada a capa da segunda edição de *Versus*. Essa capa permite compreender a vocação do periódico em retratar e de buscar expressar em suas páginas uma originalidade da cultura latino-americana. É possível compreender que cada edição do jornal *Versus*, predominantemente, em sua primeira fase, combina ficção e realidade com vistas a buscar a originalidade da história de um povo.

Portanto, visualiza-se até aqui dois pontos fundamentais que permitem caracterizar a primeira fase do jornal, as temáticas da morte e da América Latina. Quanto ao último aspecto, esse desponta nas páginas do periódico, como é possível perceber na capa da 2ª edição mostrada na figura 3. Nesta edição se destaca o texto de José Martí<sup>66</sup>, pensador, político e intelectual do século XIX, mártir da independência cubana em relação à Espanha, morto em uma tentativa de expulsão dos espanhóis.

<sup>66</sup> MARTI, José. Nuestra América. *Versus*, São Paulo, n. 2, dez. 1975. p. 3.



É interessante notar que o jornal *Versus* buscava trazer para discussão um debate sobre a história da América Latina recuperando temas políticos de um passado de colonização. Desse modo, é possível perceber que o periódico buscava, em pleno contexto de ditaduras, abrir o campo de um debate questionador sobre a libertação dos países da América Hispânica e Portuguesa. Nesse sentido, pode-se notar que o jornal se diferenciava dos padrões habituais da imprensa comum, pois não estava preocupado apenas com as questões factuais e problemas do dia a dia, mas buscava problematizar sobre como os problemas contemporâneos estavam inseridos em uma lógica de longa duração, ou seja, as mesmas questões históricas pelas quais se lutou no passado e ainda se faziam perceber no presente.

Sendo assim, seria possível traçar uma perspectiva sobre o perfil de leitores do jornal, os quais foram identificados como um público específico, composto de intelectuais, militantes e lideranças políticas de esquerda. Este aspecto permite enquadrar *Versus* como um jornal de vanguarda, dotado de um compromisso político: a saber, a formação de uma consciência crítica que extrapola as questões nacionais.

A propósito, a questão sobre a ausência de debates sobre a conjuntura política brasileira será um dos pontos críticos e um dos aspectos que será analisado mais a frente, que permite diferenciar as duas fases do jornal, quando a Convergência Socialista passa a ter o controle sobre o periódico, diversas mudanças podem ser percebidas no mesmo, como alterações na forma e no conteúdo.

A edição número 2, cuja capa foi mostrada na figura 3, é bem emblemática sobre a presença de debates sobre literatura no jornal. Este fato pode ser percebido pela presença do texto: “Estes olhos viram sete sicilianos mortos”<sup>67</sup>, neste texto, Gabriel Garcia Marques é apresentado como “repórter-de-texto-literário”. O texto foi escrito no ano de 1958, sendo uma narrativa que discorre sobre o desaparecimento de um grupo de imigrantes italianos em Caracas, na Venezuela, no ano de 1955. O texto possui uma poética própria e pode ser entendido como uma expressão da aplicação do *new-journalism*, em uma reportagem sobre um fato cotidiano. Desse modo, a narração do desaparecimento do grupo de sicilianos é feita em um clima de suspense próximo à criação de uma narrativa ficcional.

---

<sup>67</sup> MARQUES, Gabriel Garcia. *Versus*, São Paulo, n. 2, dez. 1975. p. 10.

A mesma edição traz, ainda, uma matéria sobre o escritor brasileiro Érico Veríssimo<sup>68</sup>. Portanto, evidenciando que uma das características, que se destaca nesta fase do periódico é, também, a presença de debates sobre a produção literária de vários escritores consagrados. A reportagem sobre Érico Veríssimo inicia com uma carta resposta de Érico a um pedido da equipe de *Versus* solicitando um texto inédito do escritor para sua homenagem no jornal. A reportagem relata o trabalho de Érico Veríssimo, na fase final da sua vida, pois morreu em 1975. A reportagem produzida pelo jornalista Vitor Vieira apresenta fragmentos do “Solo de Clarineta”, texto de Érico Veríssimo, inédito à época da reportagem.

Já na figura 4 é possível visualizar, mais uma vez, como a presença da temática sobre a América Latina tinha certo destaque nas publicações do jornal *Versus*, durante a sua primeira fase e fazia parte da identidade do periódico. Desse modo, pode-se inserir o jornal *Versus* em uma tradição que procurava valorizar a cultura Latino-Americana, e mais ainda, buscava debater, em suas páginas, uma procura por uma identidade que fosse própria dos povos da América Latina.

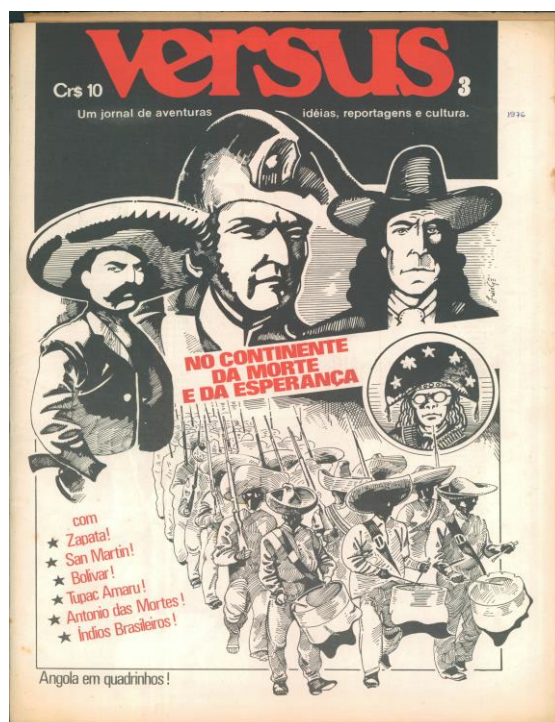


Figura 4, capa da 3ª edição, março de 1976. Acervo: CDPH-UEL.

<sup>68</sup> VIEIRA, Vitor. O Mundo de Erico. *Versus*, São Paulo, n. 2, dez 1975. p. 21.

Sendo assim, operando no plano da metáfora, o jornal *Versus* exercia uma espécie de dialética, na qual estavam presentes os elementos da morte, o que poderia ser visualizado pelas experiências de regimes autoritários nos países do cone sul da América, combinado com o sentimento de esperança de outro mundo possível.

O jornal opta por ser um espaço de experimentação e difusão de ideias alternativas de intelectuais e personalidades ligadas ao pensamento crítico de viés de esquerda. É o caso da edição número cinco, de agosto de 1976, na qual se destaca o texto de Modesto Carone, na página 38, intitulado: “Bertolt Brecht e a literatura”<sup>69</sup>, que discorre sobre questões como literatura e realidade, estranhamento, realismo e formalismo. Este texto se dedica a questões que envolviam o trabalho de destacados escritores do século XX e se propõe a refletir sobre a literatura e o trabalho do escritor.

Também na edição número cinco se tem a entrevista com Ferreira Gullar, na página 28, intitulada: “O último grande poeta brasileiro”<sup>70</sup>. A entrevista foi realizada pela equipe de *Versus*, em Buenos Aires, e conta aspectos da trajetória de vida de Ferreira Gullar, desde a sua infância até a fase adulta, dando conta de como ocorre a sua iniciação na literatura. Destacam-se estas duas reportagens para esclarecer que se existiu um centro de gravidade na primeira fase do jornal *Versus*, não foi a política o tema a ganhar mais espaço nas publicações do periódico em sua primeira fase.

Na mesma edição número cinco, o jornal se mostra também sensível com temas, como: o esporte brasileiro e, nesse sentido, publica na página três a reportagem “João Saldanha, suas histórias”,<sup>71</sup> escrita pelo jornalista Vitor Vieira. Desse modo, fica evidenciado que embora o jornal não tenha se dedicado, em sua primeira fase, a debater temas da política nacional, mas cedeu espaço para outras paixões nacionais como o futebol.

---

<sup>69</sup> CARONE, Modesto. Bertolt Brecht e a literatura. *Versus*, São Paulo, n. 5, ago. 1976, p. 38.

<sup>70</sup> SLAVUTZKI, Abrão; BLAETH, Sônia; MOURA, Raul. O último grande poeta brasileiro. *Versus*, São Paulo, n. 5, ago. 1976, p. 28.

<sup>71</sup> VIEIRA, Vitor. João, suas histórias. *Versus*, São Paulo, n. 5, ago. 1976, p. 3.

A vocação para a temática latino-americana de *Versus* pode ser percebida pela reincidência, na página 18, do texto de José Martí intitulado: “A ética da conquista”<sup>72</sup> que conta o trabalho do frei Bartolomeu de Las Casas, em seu esforço de tentar proteger os povos indígenas na América. Neste texto, o líder revolucionário cubano do século XIX conta sobre a luta de Las Casas para defender os índios americanos dos colonizadores europeus, nesse sentido, o texto de Martí recupera fatos históricos que cobrem a trajetória de vida do frei Bartolomeu de Las Casas e sua dedicação à causa indígena.

A sensibilidade do jornal *Versus* no sentido de retratar, em suas páginas, questões que envolviam os povos marginalizados não se limitou à questão latino-americana. Na página 42, o jornal discute o problema da segregação racial na África do Sul. Essa reportagem, do jornalista Vitor Vieira, é intitulada: “Esta é a crônica da África do Sul de algum tempo atrás: a da submissão”,<sup>73</sup> que apresenta relatos de casos de como se expressava o racismo e a segregação racial nesse país. Desse modo, por exemplo, a reportagem comenta o caos do casal de indianos que desce de avião, na cidade de Johannesburg, tendo sido obrigado a se sentar no último banco do avião simplesmente pelo fato de terem a pele escura. A reportagem ainda expõe em detalhe a situação de racismo, explicando que na cidade sul-africana havia táxis específicos para brancos e negros com motoristas das respectivas cores.

Desse modo, identifica-se que o periódico, desde as suas primeiras publicações, possuía uma identidade e uma afinidade com os povos oprimidos e por meio de suas páginas procurava denunciar as diversas formas sobre como se manifestavam as opressões, embora não possuísse ainda, em sua primeira fase, um discurso político claramente definido se pode perceber que suas temáticas estavam sintonizadas a um propósito questionador do status quo.

A edição número sete, de dezembro de 1976, revela que o periódico era atento aos dilemas políticos dos países do terceiro mundo, nesse sentido, a questão internacional se faz presente nas páginas de *Versus* indicando uma preocupação, por

---

<sup>72</sup> MARTÍ, José. A ética da conquista. *Versus*, São Paulo, n. 5, ago. 1976, p. 18.

<sup>73</sup> VIEIRA, Vitor. Esta é a crônica da África do Sul de algum tempo atrás: a da submissão. *Versus*, São Paulo, n. 5, ago. 1976, p. 42.

parte do periódico, com problemas sociais e políticos de países envolvidos na luta anticolonialista, sendo o que se pode compreender analisando as notícias da manchete da sétima edição. Nessa edição, a primeira notícia que aparece em destaque é a reportagem “Guerra na África, dois repórteres de *Versus* descobrem a Guiné-Bissau”<sup>74</sup>. Nesta matéria, os repórteres Licino Azevedo e Maria da Paz Rodrigues descrevem as histórias que ouviram na Guiné-Bissau de homens, mulheres e crianças que lutaram, na década de 1960 e 1970, contra os colonialistas portugueses que dominavam aquele povo.

As outras manchetes da edição número sete são: “Dom Pedro Casaldáliga, exclusivo: o testamento do padre Burnier”<sup>75</sup> e “Fernando Henrique Cardoso: Jimmy Carter e a América Latina”. A reportagem que comenta sobre a vida do padre João Bosco Burnier, na página 11, trata-se de um texto escrito por Dom Pedro Casaldáliga que discute os últimos momentos da vida dedicada à luta da causa indígena, por parte do padre Burnier, desse modo, Casaldáliga apresenta um relato dos momentos em que este passou junto a Burnier no Mato Grosso, na região do Araguaia, em meio às atividades de pároco e as tarefas que Burnier realizou ao participar de um encontro do Conselho Indigenista Missionário, no ano de 1976.

As duas reportagens, da edição número sete, sendo a primeira sobre a luta anticolonialista na Guiné-Bissau e o relato sobre a vida do padre João Bosco Burnier em defesa da causa indigenista revelam que o jornal *Versus* procurava, em suas páginas, abrir espaço para noticiar a luta dos diversos povos excluídos na história. Desse modo, o jornal pode ser identificado como um veículo da imprensa alternativa a difundir preocupações sociais, características de uma nova esquerda, na qual os sujeitos históricos a ocuparem o lugar de vanguarda nas lutas políticas não seriam apenas os proletários, como pode ser entendido nas teorias marxistas tradicionais do século XIX.

O contexto de surgimento do jornal *Versus*, na década de 1970, pode ser compreendido como o momento de um novo ciclo teórico e prática na experiência

---

<sup>74</sup> AZEVEDO, Licino; RODRIGUES, Maria da Paz. Quatro relatos da Guiné-Bissau. **Versus**, São Paulo, n. 7, dez. 1976, p. 3.

<sup>75</sup> AFONSO, Antônio Tadeu; CASALDÁLIGA, Pedro; FAERMAN, Marcos. A escuridão. O terror. O Silêncio. As Águas do Araguaia. **Versus**, São Paulo, n. 7. Dez. 1976, p. 11.

social das esquerdas no período. Desse modo, em um momento de reformulações teóricas e novos atores sociais em cena se abre espaço para o surgimento de novos intelectuais, que contribuíam com a reflexão política no momento, sendo o caso da contribuição, na página 29, de Fernando Henrique Cardoso sobre a eleição de Jimmy Carter, a política externa norte-americana e a questão da América Latina em depoimento aos jornalistas Rui Veiga e Luis Egipto<sup>76</sup>.

Fernando Henrique Cardoso entende que poderia haver uma mudança sensível na área dos direitos humanos, com pressões diretas e indiretas, o que sinalizaria uma mudança na política externa norte-americana, no sentido de restabelecer os direitos humanos na América Latina. Segundo Cardoso, a questão dos direitos humanos corresponderia ao ideal democrático dos EUA de luta pelos direitos civis e humanos, o que não seria contraditório com uma nova política externa.

Segundo Fernando Henrique Cardoso, a mudança na política externa dos EUA deveria ocorrer não apenas por preocupações políticas com os direitos humanos no Brasil, por exemplo, mas estaria alinhada ao interesse norte-americano em defender seus negócios empresariais em outros países. Desse modo, a nova política externa viria acompanhada da defesa de uma pauta liberalizante nos países da América Latina.

Na reportagem “Segredos atômicos do Brasil”, produzida por Marcos Faerman, observamos um debate a respeito do acordo nuclear entre Brasil e Alemanha, assinado em 27 de junho de 1975. A reportagem discute os vários aspectos políticos que envolveram a assinatura deste acordo como o veto dos EUA ao mesmo, o país norte-americano não tinha interesse que o Brasil firmasse esse acordo com os alemães e realizou manobras no sentido de que esse não ocorresse.<sup>77</sup>

A reportagem apresenta um histórico das fases que envolveram a assinatura desse acordo, desde a década de 1950, e o interesse inicial dos norte-americanos de que o Brasil desenvolvesse pesquisa para fins pacíficos com fornecimento de tecnologia comprada dos EUA. A reportagem comenta o esforço do almirante brasileiro Álvaro

---

<sup>76</sup> EGIPTO, Luis; VEIGA, Rui. Fernando Henrique Cardoso analisa Jimmy Carter. **Versus**, São Paulo, n. 7, dez. 1976, p. 29.

<sup>77</sup> FAERMAN, Marcos. Segredos atômicos do Brasil. **Versus**, São Paulo, n. 8, mar. 1977, p. 12.

Alberto nas suas atividades internacionais para que o Brasil desenvolvesse tecnologia com reatores nucleares. Inicialmente, tudo colaborava para que o Brasil assinasse o acordo com os norte-americanos, mas a mudança na conjuntura internacional e a suspensão dos EUA, em 1974, no fornecimento de urânio enriquecido para novas usinas forçaram o Brasil a buscar uma alternativa, em termos de fornecimento de tecnologias nucleares.

A partir de uma entrevista de Bernardo Kucinski ao jornalista Rui Veiga, publicada na página 15, o jornal *Versus* procura discutir o tema do acordo nuclear entre Brasil-Alemanha, expondo uma perspectiva crítica sobre o que teria significado a assinatura do mesmo. Segundo Bernardo Kucinski, a contradição seria a marca registrada desse tratado nuclear com a Alemanha<sup>78</sup>. Para Kucinski, embora por um lado o acordo tenha representado uma proposição de independência, no campo da política externa, por outro lado, no plano econômico, o acordo representaria uma abertura maior para a penetração do capital estrangeiro no Brasil. Essa conclusão pode ser tirada, segundo Kucinski, pela leitura das cláusulas que envolveram o acordo: como a quebra do monopólio estatal sobre o urânio prometendo entregar ao governo e empresas privadas alemãs parte da exploração das jazidas minerais existentes, ou a serem encontradas no território brasileiro. Desse modo, na visão crítica de Bernardo Kucinski, a assinatura do tratado não teria sido vantajosa para o Brasil já que, além da questão apresentada sobre a abertura para o capital estrangeiro, não existiu concorrência internacional para o compromisso da compra dos reatores nucleares e o Brasil recebeu a promessa de uma usina de reprocessamento de urânio queimado, que teria valor marginal como combustível de reatores o que, segundo Kucinski, seria antieconômico.

Outro ponto que Bernardo Kucinski comenta, na sua crítica ao tratado, seria o fato de esse não envolver a comunidade científica brasileira e um debate de um assunto considerado estratégico para a soberania energética do Brasil. Ainda, segundo a avaliação de Bernardo Kucinski, poderia parecer contraditória a oposição dos EUA a um acordo que aumentasse a dependência externa brasileira, mas esclarece que a oposição norte-americana ao acordo nuclear do Brasil com a Alemanha seria meramente comercial, já que os americanos estariam perdendo um mercado que consideravam

---

<sup>78</sup> KUCINSKI, Bernardo, entrevista por Rui Veiga. Uma análise do atual acordo Brasil-Alemanha. *Versus*, São Paulo, n. 8, mar. 1977, p. 15.

como de sua propriedade. O debate sobre o acordo nuclear Brasil e Alemanha é um tema que possuiu uma complexidade a qual não é minha pretensão detalhar seus desdobramentos. A menção que aqui é feita apenas se dá no sentido de mostrar a sensibilidade do jornal *Versus* em discutir uma questão que ganhou muita repercussão na época.

Ainda, na edição número 8, se observa a reincidência da temática indígena. Ela reaparece nessa edição através da reportagem, na página 6, “Enterraram meu coração no delta do Amazonas”, escrita pelo jornalista Paulo Ramos. A reportagem apresenta uma reflexão sobre a situação indígena na região do rio Amazonas, a partir da experiência de como a exploração do látex pelos seringueiros impactou na vida das comunidades indígenas, como: a nação Waiká, os Xirians e os Guaharibos.<sup>79</sup>

Segundo a reportagem, para exploração econômica do látex, os seringueiros utilizavam a mão de obra indígena. A imposição da atividade econômica na região do delta do rio Amazonas significaria mais do que a simples exploração de mão de obra barata, por parte dos seringueiros, também faria parte de um longo processo histórico de destruição dos povos indígenas. Os seringueiros, ao penetrarem na mata virgem, se utilizavam da violência para escravizar homens, mulheres e crianças indígenas que eram postos a trabalhar para os interesses do homem branco.

Desse modo, as duas reportagens da edição número oito, que aqui foram destacadas, revelam o compromisso do jornal *Versus* com uma perspectiva crítica sobre assuntos que envolviam a sociedade brasileira de uma maneira ousada. Qual jornal da grande mídia, à época, se levantaria para criticar uma política adotada pelo governo militar? Ou então, qual jornal da grande imprensa dedicaria suas páginas a tratar da destruição da vida dos povos indígenas que a exploração da atividade econômica na região Amazonas provocaria para estas comunidades?

Na edição número nove se tem o retorno da temática da morte com a publicação de reportagens relacionadas a esta questão. Nesta edição, o periódico traz na capa as palavras em destaque: homicídios e genocídios. Na página nove se tem a

---

<sup>79</sup> RAMOS, Paulo. Enterraram meu coração no delta do Amazonas. *Versus*, São Paulo, n. 8, mar. 1977, p. 6.



reportagem de Wagner Careli intitulada: “Os mortos de setembro”<sup>80</sup>. Esta reportagem apresenta fotografias de cemitérios chilenos e menciona algumas personalidades, que tiveram atuação destacada na luta política chilena e que, de alguma forma, foram vitimados pelo golpe de 11 de setembro de 1973, como foi o caso do artista e ativista político Victor Jara, preso, torturado e fuzilado logo após o golpe de Estado. A temática da morte ainda se faz presente pela publicação, a partir da página 33, de trechos do livro: *Van Gogh: o suicídio pela sociedade*<sup>81</sup> de autoria do poeta e teatrólogo francês Antonin Artaud. Segundo o jornal *Versus*, nos trechos do livro que a equipe do jornal publicou nesta edição, Artaud retrata o processo de criação e destruição de Van Gogh, pondo em julgamento a medicina e a psiquiatria, revendo o processo da loucura, descobrindo, os fundamentos da antipsiquiatria.

A questão indígena reaparece na edição número nove, a partir da reportagem de Rogério Medeiros intitulada: “Nas margens do Piraquê-Açu”<sup>82</sup>. A reportagem relata o encontro dos caciques Paulo Venite, representante da tribo Guarani, e Alexandre Cizenanda, representante da tribo Tupiniquim. Os dois caciques tiveram um encontro no dia 25 de janeiro de 1977, na margem esquerda do rio Piraquê-Açu, região do Estado do Espírito Santo, para discutir assuntos dos povos indígenas e o destino das duas tribos.

A reportagem dá conta de que na região em que a equipe de *Versus* registrou o encontro dos dois caciques vive os últimos tupiniquins. A matéria relata as dificuldades encontradas pelos indígenas para sobreviver como, por exemplo, que as duas tribos tinham como única ocupação a venda de caranguejos e das ostras que retiravam do rio. No mesmo lugar, há dez anos também viviam os guaranis em um tempo em que os índios possuíam 30 mil hectares de terras. A situação indígena na região teria piorado depois que eles perderam as terras para o reflorestamento de eucaliptos da multinacional Aracruz Florestal que, na época, estava montando uma indústria de celulose na região.

A edição número nove ainda revela a presença de questões e problemas que assolavam países da América Latina, sendo o caso do texto de Frederico Pagani, leitor

---

<sup>80</sup> CARELI, Wagner. Os mortos de setembro. *Versus*, São Paulo, n. 9, abr. 1977, p. 9.

<sup>81</sup> ARTAUD, Antonin. Van Gogh, o suicídio pela sociedade. *Versus*, n. 9, abr. 1977, p. 33.

<sup>82</sup> MEDEIROS, Rogério. Nas margens do Piraquê-Açu. *Versus*, n. 9, abr. 1977, p. 25.

de *Versus* e portorriquenho, que apresenta um relato sobre a história de opressão em Porto Rico, por parte dos Estados Unidos. Segundo o texto de Pagani, Porto Rico, antiga colônia espanhola na América, passou a ser colônia dos EUA desde 1898. Devido a este fato, o país estaria isolado, artificialmente, do resto do mundo, ainda que naquele contexto já se vivia a liquidação dos últimos vestígios do colonialismo no mundo.<sup>83</sup>

Estas duas últimas reportagens, na edição número nove, indicam que o jornal *Versus* embora não desse ênfase ou discutisse claramente, em sua primeira fase, questões a acerca da questão política nacional brasileira, não significa que o tema da política esteja ausente nas publicações. Ao se entender que, atualmente, a política é entendida em sentido amplo, e se pode até mesmo falar em culturas políticas, é possível compreender que o jornal procurava retratar, em suas páginas, uma cultura política de denúncia sobre as diversas formas de injustiças, que acometiam povos e nações.

A edição número onze revela também que o jornal *Versus* era preocupado com a questão do movimento estudantil e a formação cultural dos jovens nas universidades brasileiras. Nesse sentido, o periódico publica o registro de um debate entre os professores Octávio Ianni, José Augusto Guilhon de Albuquerque, Paulo Sérgio Pinheiro e Plínio Dentzein. Esses analisam o modelo de ensino nas universidades brasileiras. Desse modo, os professores discutem que no contexto da década de 1970, as universidades passavam por uma transformação fundamental de uma instituição, que define um campo de soberania sobre valores para uma organização de tipo industrial. Os professores debatem que a universidade, a partir dos acordos Mec-Usaid de 1966, 1967 e 1968, e desde a década de 1950, passou a ser modificada para se adequar, internamente, às novas exigências econômicas e industriais.<sup>84</sup>

Os professores analisam que as universidades estavam orientadas no sentido de preparar técnicos, profissionais para o sistema econômico. Além do economicismo e a profissionalização, havia a preocupação de despolitizar a universidade. Os professores

---

<sup>83</sup> PAGANI, Frederico. Pequena história da opressão em Porto Rico. *Versus*, São Paulo, n. 9, abr. 1977, p. 18.

<sup>84</sup> ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon; DENTZEIN, Plínio; IANNI, Octávio; PINHEIRO, Paulo Sérgio. Os estudantes. *Versus*, São Paulo, n. 11, jun. 1977, p. 34.

fazem a crítica ao caráter altamente burocratizada das universidades, na época, eles pontuam que apesar da existência dos catedráticos, existia um grau de informalidade nas relações entre estudantes e professores, uma fluidez nas relações entre as áreas e entre os vários grupos que a compunham.

Com estas transformações, os professores criticam que as universidades ganhariam o caráter de uma fábrica de profissionais, uma fábrica que cortaria sob todas as formas, qualquer espécie de politização havendo um prejuízo ao processo de ensino e aprendizagem. Neste cenário, se as reformas educacionais tiveram por intento a despolitização dos processos de ensino, o que justificaria a volta dos estudantes a fazerem política na década de 1970. Para os professores, o retorno dos estudantes à política estaria sendo feita a partir do zero, com a experiência anterior cortada pela raiz e a partir de uma nova cultura política, a da resistência, marcada pela ditadura, com o mapa político do país borrado pela extinção dos partidos, pela proibição das atividades políticas, pela cassação de lideranças e por outras medidas do regime.

Dedicou-se certa atenção nesta reportagem por entender que ela ajuda a elucidar que o jornal *Versus* possuía uma diversidade temática. Embora questões sobre a América Latina, repressão, literatura e artes sejam recorrentes nas páginas do periódico, o mesmo também se mostrava atento aos assuntos cadentes naquela conjuntura, como a questão da reforma universitária.

Ainda, na edição número onze, a temática da literatura aparece com força com a publicação dos textos: “Meu amigo Pablo Neruda”<sup>85</sup> produzido pelo escritor argentino Julio Cortázar e o texto: “Um Ianque no Vale do Paraíba”<sup>86</sup>, produzido pelo professor da USP Gabriel Cohn. O texto de Cortázar sobre Pablo Neruda é um testemunho que dá a conhecer aspectos da obra e da vida política do escritor chileno. Já o texto de Gabriel Cohn levanta uma análise que procura definir o conteúdo do pensamento político de Monteiro Lobato desvendando este conteúdo, a partir de sua obra e, também, a partir de depoimentos de personalidades, como: Caio Prado Junior, Oswaldo de Andrade e de velhos amigos de Lobato, como Gentil Moura e Chico Tamoyo.

---

<sup>85</sup> CORTAZAR, Julio. Meu amigo Pablo Neruda. *Versus*, São Paulo, n. 11, jun. 1977, p. 15.

<sup>86</sup> COHN, Gabriel. Um Ianque no Vale do Paraíba. *Versus*, São Paulo, n. 11, jun. 1977, p. 30.

A edição número onze também é emblemática a respeito da importância que o periódico reservava, mais uma vez, para com a questão indígena. Esse tema reaparece com o propósito de debater uma preocupação com a valorização da cultura e dos povos indígenas no Brasil. É o que se pode visualizar no texto intitulado: “Manifesto dos índios brasileiros”<sup>87</sup>, na página 22. O texto denuncia que desde o descobrimento do Brasil, os povos indígenas vêm sofrendo a destruição de sua cultura pela civilização ocidental, que tem se utilizado dos mais diversos instrumentos de degradação, o que passa pela disseminação de doenças, a espoliação de suas terras, aplicação de métodos de educação colonialista-etnocêntrica não respeitando a estrutura política, econômica e religiosa indígena.

Do acervo a que se teve contato, disponível no Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL, a última edição representativa da primeira fase do periódico é a de número 14. Nessa edição já se encontram sinais de uma mudança no perfil das publicações do periódico, sendo o que se pode observar pela entrevista do repórter Francisco Weffort, com o ex-deputado federal e ex-ministro do trabalho do governo João Goulart, Almino Alvares Afonso.

Nesta entrevista, Almino discute a importância dos intelectuais na intervenção da vida política no Brasil. Nessa ótica, Almino Afonso analisa que o espaço político estaria vedado para as classes populares e que, nesta conjuntura, os intelectuais assumiriam lugar estratégico na expressão de sentimentos e de protestos de amplos setores populares.

Atento à conjuntura política da época, Afonso observa que naquele ano o movimento estudantil havia ganhado nova expressão no país, protagonizando o protesto político, enquanto outros atores estariam ausentes do cenário político, como os trabalhadores. Em sua entrevista, Almino Afonso quebra o silêncio após o exílio e fala, abertamente, sobre necessidades políticas, como: as liberdades públicas e os direitos individuais. Na visão de Afonso estava, na ordem do dia, a necessidade de surgirem novos partidos políticos, nos quais fosse possível expressar todas as tendências da

---

<sup>87</sup> Manifesto dos índios brasileiros. *Versus*, São Paulo, n. 11, jun. 1977, p. 22.

sociedade. Para Afonso, a conjuntura política nacional passa por mudanças, as quais traziam no bojo a necessidade alterações no ordenamento político.<sup>88</sup>

Na mesma edição número quatorze se tem a publicação do caderno: “Afrolatino América”, seção destinada a debater questões que envolvem a luta dos negros pelos direitos civis. Neste sentido, o caderno funciona como uma espécie de jornal dentro de outro jornal. O caderno se propõe a discutir a realidade histórica da população negra no mundo e na América. O caderno apresenta uma nota intitulada: “Brasil negro não vai à Colômbia”, nesta nota consta uma crítica ao Itamarati, que teria vedado a ida de representantes negros brasileiros ao I Congresso de Cultura Negra das Américas, realizado na cidade de Cali, na Colômbia, nos dias 24 a 28 de agosto de 1977. Na avaliação da equipe do jornal, este veto por parte do órgão de diplomacia brasileiro representava uma contradição com a ideologia oficial brasileira divulgada para o mundo de que o “Brasil seria o produto da mais ampla experiência de integração racial que conhece o mundo moderno [...]”<sup>89</sup>.

Neste caderno dedicado à questão negra, o jornal dedica três páginas a discutir problemas que envolvem a comunidade negra no Brasil, desde o processo de abolição da escravatura até a conjuntura da época. Nesse sentido, o caderno se propõe a ser uma interpretação crítica de assuntos, como o fim da escravidão no Brasil e os efeitos de tal processo para a população negra brasileira, como pode ser interpretado a partir da leitura do texto do professor Hélio Santos, da Faculdade Oswaldo Cruz. O professor Hélio Santos procura, em seu texto, problematizar questões envolvidas com o 13 de maio e a publicação da Lei Áurea em 1888. Na visão de Santos, embora a lei concebesse o fim da escravidão, essa não significou mudanças profundas na sociedade brasileira, na qual o escravismo se apresentava como um componente estrutural<sup>90</sup>.

O caderno Afrolatino América ainda apresenta algumas colunas com poemas sobre a situação da população negra nas Américas, além da coluna: “Nossa história”, que dá a conhecer a data de nascimento de importantes personalidades da comunidade

---

<sup>88</sup> WEFFORT, Francisco, entrevista com Almino Alvares Afonso. O intelectual e a política. **Versus**, São Paulo, n. 14, set. 1977, p. 12.

<sup>89</sup> Brasil negro não vai à Colômbia. **Versus**, São Paulo, n. 14, set. 1977, p. 25.

<sup>90</sup> SANTOS, Hélio. 13 de maio ou 1º de abril. **Versus**, São Paulo, n. 14, set. 1977, p. 26.

negra brasileira. A última reportagem, neste caderno, sobre a temática da luta dos negros é o texto “28 de setembro”, na página 28, data em que foi sancionada a Lei do Ventre Livre, em 1871. O texto se propõe a debater as políticas no âmbito nacional, que impactavam diretamente a população negra no Brasil. Neste sentido, o texto analisa alguns projetos de leis, como o que propunha o Dia da Comunidade Afro-brasileira de modo que o texto avalia como positivo a ideia do projeto, pois prevê a sua comemoração com trabalho, estudos, festividades e representações nas escolas, em geral, no sentido de valorização da cultura negra. O texto também apresenta uma visão crítica sobre a comemoração do dia 13 de maio, que na visão da equipe do jornal “[...] representa apenas o diploma do paternalismo branco em relação aos descendentes de africanos”.<sup>91</sup>

Observa-se que a inserção do tema sobre a luta dos povos negros, nas páginas de *Versus*, revela o indício de uma mudança de perspectiva. O jornal começava a dedicar espaço em suas páginas para problemas concretos do cenário político nacional. Esses indícios são sinais de uma mudança do perfil anterior do periódico que aos poucos começa a introduzir a temática da política em suas publicações.

A crítica que os jornalistas da imprensa alternativa faziam à grande mídia se materializou em um padrão alternativo a tudo o que se concebeu anteriormente, no que se refere à prática do jornalismo. O jornal também se constituiu em um espaço aberto para a experimentação de novas linguagens, como se pode constatar na edição especial, em quadrinhos, publicada em dezembro de 1976. Sendo assim, pode-se compreender que pelo padrão estético, pelas suas temáticas, pela sua linguagem, *Versus* constituiu em seu tempo uma experiência de vanguarda em matéria de jornalismo.

No entanto, a temática a qual o periódico se dedicava, nesta primeira fase, abre para um questionamento sobre um silêncio observado nas páginas do periódico: e a política nacional? Paulatinamente, as mudanças na conjuntura política brasileira começaram a surtir efeito nas publicações do periódico, de modo que o jornal vai mudando de perfil, a literatura vai perdendo espaço para a questão política e o jornal assume uma nova perspectiva. Mas como acontece esta mudança? Quais fatores colaboraram para essa nova perspectiva?

---

<sup>91</sup> 28 de setembro. *Versus*, São Paulo, n. 14, set. 1977, p. 28

### 3. A SEGUNDA FASE DE *VERSUS*: UMA MUDANÇA DE PERSPECTIVA (1977 – 1979)

A segunda fase do jornal alternativo *Versus* pode ser analisado por alguns elementos que caracterizaram uma mudança de perspectiva do periódico. Alguns acontecimentos, que acompanharam esta mudança e podem ser destacados, são: a hegemonia que membros da organização trotskista de Convergência Socialista passam a ter sobre o periódico; a definição por assumir a defesa da necessidade de criação de um partido socialista na conjuntura da transição democrática brasileira, que se aproximava; a presença de debates políticos sobre a conjuntura brasileira; e o rompimento de Marcos Faerman, que abandona o jornal em setembro de 1978.

Conforme já discutido em momento anterior, as mudanças no jornal *Versus*, podem ser observadas antes do rompimento de Faerman, pelo o que se pode observar pela leitura do editorial de fevereiro de 1978, o qual fala da existência de um novo *Versus*. Portanto, dedica-se agora a analisar como ocorreu essa mudança no periódico e quais características podem ser observadas a partir da mesma.

Pode ser constatado pela análise do jornal que o mesmo não dava espaço para a análise política, na primeira fase, se limitando a uma forma de denúncia indireta sobre as realidades políticas dos países da América Latina. Conforme Bernardo Kucinski, “a política real penetra em *Versus* através de um caderno dedicado à questão negra, Afro-latino-América, que se torna um espaço de aglutinação de militantes do movimento negro, o primeiro jornal negro dentro de outro jornal.”<sup>92</sup>.

#### 3.1 A Liga operária assume o controle de *Versus*

Com a volta de muitos militantes de esquerda, que estavam exilados, em países como: Argentina, Chile e Uruguai, estes se sensibilizam com as temáticas apresentadas

---

<sup>92</sup> KUCINSKI, (2003), p. 259.

em *Versus*, desse modo, o jornal desponta como centro de atração dos exilados políticos, que percebem em *Versus* a possibilidade de travar debates contestatórios. Este movimento de retorno de ex-exilados políticos é acompanhado pela vinda de militantes da Liga Operária Oriundos do Chile e da Argentina, que mais tarde lançariam em *Versus* o movimento Convergência Socialista.

Conforme relata Bernardo Kucinski, a partir de entrevista com Marcos Faerman, havia em *Versus* gente de vários partidos, do PC, do PC do B, da Convergência e, depois, o PT que seria criado posteriormente. Seria o jornalista Paulo de Tarso Venceslau que teria localizado a política de entrismo da Liga Operária em *Versus*, tendo o mesmo se colocado como um obstáculo a essa<sup>93</sup>.

A interpretação que Bernardo Kucinski desenvolve sobre a atuação da Liga Operária em *Versus* é de que esta organização teria praticado entrismo para assumir o controle do periódico e transformá-lo em um instrumento, que divulgasse as propostas políticas da organização. Desse modo, é importante analisar a origem e o desenvolvimento da Liga Operária que, posteriormente, foi denominada Convergência Socialista.

A Liga Operária havia sido fundada na Argentina, em 1974, por cinco exilados brasileiros liderados por Jorge Pinheiro, o mesmo antigo militante do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), recrutado através d'*O sol*, e que se refugiara, primeiro, no Chile, depois, na Argentina, após a queda de Allende. Em 1970, uma parte do MNR foi presa e outra, incluindo Jorge pinheiro, fugiu para o Chile, onde conheceram Mário Pedrosa, que 'ganhou o grupo todo para o trotskismo'. Na Argentina conheceram o Nahuel Moreno, fundador do Partido Socialista dos Trabalhadores (PST), ligado à fração bolchevique da IV Internacional, e que 'foi o início de tudo'<sup>94</sup>.

Quando Bernardo Kucinski menciona: Liga Operária, Convergência Socialista (CS) e Partido Socialista dos Trabalhadores (PST), ele está se referindo a membros de uma mesma organização, da qual a Liga Operária seria uma tendência política

---

<sup>93</sup> KUCINSKI, (2003), p. 259.

<sup>94</sup> *Ibid.*, p. 260.



clandestina que, na Argentina, organizava publicamente o PST e, no Brasil, lança a Convergência Socialista.

A análise que Marcos Moutta de Faria desenvolve sobre a história da Convergência Socialista auxilia na compreensão da relação que se estabeleceu entre os produtores de *Versus* e os militantes da Liga Operária. Moutta de Faria parte da mesma constatação que o jornal *Versus* “era uma publicação alternativa que desde 1975, tratava principalmente de assuntos culturais. No entanto, a partir de 1977 ele passou a conceder um espaço cada vez maior aos assuntos políticos entre eles a necessidade de uma reordenação partidária.”<sup>95</sup>.

Olhando para a conjuntura da época e analisando os editoriais do jornal, Farias aponta que as manifestações e protestos, com significativo destaque para as manifestações de estudantes, durante o ano de 1977, o jornal percebe a necessidade de discutir, mais clara e diretamente, a realidade brasileira e de se posicionar em relação aos projetos alternativos para o Brasil<sup>96</sup>.

Quando a Liga Operária decidiu pelo lançamento público de um movimento pela criação de um partido socialista a grande maioria dos colaboradores e dos membros do Conselho de Redação de *Versus* apoiou a ideia. Por isso desde que o movimento foi lançado publicamente ele contou com o apoio da Liga Operária, do jornal *Versus* e do grupo de negros que escreviam o Afro-américa-latina, que era publicado nas páginas do *Versus*<sup>97</sup>.

A década de 1970 seria marcada, no Brasil, por uma efervescência política. Os militares no poder começavam a falar de uma abertura lenta, gradual e segura do regime autoritário. Com a possibilidade de uma transição democrática que se aproximava, movimentos estudantis começam a promover um ascenso das lutas sociais e o ativismo começava a crescer dentro da redação de *Versus*. Intelectuais de oposição, elites e a

---

<sup>95</sup> FARIA, Marcos Moutta de. **Partido Socialista ou Partido dos Trabalhadores?** Contribuição à História do Trotskismo no Brasil. A Experiência do Movimento Convergência Socialista. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ. Dissertação de Mestrado em História Comparada, 2005, p. 83.

<sup>96</sup> *Ibid.*, p. 84.

<sup>97</sup> *Ibid.*, p. 84.

imprensa, através de seu discurso, formavam um consenso oposicionista sobre a necessidade da redemocratização<sup>98</sup>.

Com o ativismo crescendo dentro da própria redação, Faerman cria, em outubro de 1977, um conselho de redação com catorze membros, que não tem poder formal, pois a empresa ainda é de seus três proprietários fundadores, mas denota a necessidade de canalizar as pressões políticas internas. Faerman apresenta o conselho como ‘parte de uma prática coletiva que se pretende cada vez mais coletiva’. Vários membros do conselho pertencem à Liga Operária. Mas ainda é um conselho pluralista, dele fazendo parte também Márcio Souza e o próprio Paulo de Tarso Venceslau. Quando a luta interna se revela, Paulo de Tarso, Márcio Souza e outros se retiram [...]<sup>99</sup>.

No relato de Bernardo Kucinski, a tomada de *Versus* pela Liga Operária acontece após o militante Jorge Pinheiro retornar de uma viagem à Europa, em dezembro de 1977, na qual observou o processo de reorganização dos partidos socialistas na Espanha e em Portugal e propõe à Liga Operária a formação de um partido socialista de massas como parte de um processo semelhante ao que ocorria na Europa. Segundo Kucinski, “nas mesmas reuniões em que trouxe da Europa as novas ideias de organização partidária, Jorge Pinheiro foi ‘informado da proposta de controlar o jornal’. Era o entrismo, uma tradição no PST argentino, que fez entrismo no peronismo”<sup>100</sup>.

Segundo escreve Kucinski, a partir de uma entrevista com Jorge Pinheiro, havia duas propostas: a de Pinheiro, na qual entendia *Versus* como um instrumento do movimento democrático, e outra, que teria prevalecido de cooptação de quem trabalhava no jornal e, nesse sentido, todo movimento da Convergência Socialista teria se dado via *Versus*<sup>101</sup>.

---

<sup>98</sup> FARIA, (2005), p. 86.

<sup>99</sup> KUCINSKI, (2003), p. 260.

<sup>100</sup> Ibid., p. 261.

<sup>101</sup> Ibid., p. 261.

E assim, nessa política foi que aconteceram as adesões de Omar de Barros Filho e Hélio Goldztein, que falavam no jornal em nome da Convergência. Desse modo, segundo Bernardo Kucinski, *Versus* passa de jornal que falava por metáforas a um discurso doutrinário. “Para os leitores, a transformação do jornal começa com a capa o Partido Socialista está nascendo, de dezembro de 1977. Em janeiro Jorge Pinheiro entra no jornal e no número de março, já sob o controle da Convergência, *Versus* assume o discurso político.”<sup>102</sup>.

A interpretação que Bernardo Kucinski desenvolve sobre o processo de tomada de *Versus* por parte da Convergência Socialista dá a entender que Marcos Faerman foi iludido com a promessa de transformá-lo em um líder, o que o levaria a endossar o golpe e fizesse com que fosse devorado pela Convergência<sup>103</sup>.

A Convergência Socialista não tinha, até então, controle do jornal, e neste sentido outras ideias políticas eram visíveis no periódico como a presença do trabalhismo de Leonel Brizola. Desse modo, Kucinski escreve que uma das raízes mais profundas de Faerman foi o nacionalismo e anti-imperialismo protagonizados por Leonel Brizola, sendo que “Na mesma edição em que assume perante os leitores o discurso político, e dá um pequeno espaço à notícia do lançamento do movimento Convergência Socialista, Marcos Faerman abre grandes espaços para Brizola [...]”<sup>104</sup>.

Ao assumir a defesa do movimento Convergência Socialista Marcos Faerman justifica o alinhamento com a necessidade de “vestir uma camiseta”, ou seja, assumir um programa, uma perspectiva, no debate da transição democrática que se anunciava. A proposta da Convergência Socialista era de ganhar Leonel Brizola para o movimento, mas este recusa alegando que esta “estava marcada por uma postura radical” (KUCINSKI, 2003, p. 263). “Em março de 1977, a Liga Operária mudaria o seu nome para Partido Socialista dos Trabalhadores (PST), adotando o centralismo democrático e mantendo a Convergência como um movimento sob o seu controle”<sup>105</sup>.

---

<sup>102</sup> KUCINSKI, (2003), p. 261.

<sup>103</sup> Ibid., p. 262.

<sup>104</sup> Ibid., p. 263.

<sup>105</sup> Ibid., p. 263.

O jornal foi virando boletim do partido... no país inteiro tinham usado *Versus* para organizar o partido. Os trotskistas haviam inflacionado o jornal, profissionalizando todo o mundo, contra a opinião de Paulo de Tarso, e sem precisar, porque todos escreviam de graça para *Versus*; com isso, fomos ficando ainda mais dependentes deles, era proposital, para o jornal perder a independência... quando senti que estava sendo usado, decidi mandar todos embora, e eu tinha condições legais, além do direito moral e do apoio da maioria da redação... mas aí recuei, tinha medo de que, se os expulsasse, a repressão ia cair em cima deles [...]<sup>106</sup>

Em meio a todo este processo de cooptação do jornal pela Convergência Socialista, Marcos Faerman não foi convidado para o partido, segundo Bernardo Kuciski, em 1978, o partido está em peso no jornal. *Versus* torna-se um aparelho do PST. Marcos Faerman acreditava na possibilidade de levar a Convergência à corrente trabalhista de Brizola, Faerman esperava que a Convergência se tornasse um grande movimento, uma frente que evoluiria para o apoio de Brizola, o que não aconteceu<sup>107</sup>.

O ano de 1978 seria um divisor de águas para o jornal, um difícil momento para a história de *Versus*, no qual ocorreu a prisão de militantes da Convergência. Marcos Faerman teria sido informado que estas prisões aconteceriam, e ele mesmo não foi preso, com esse fato ele é acusado de estar fazendo jogo duplo, e o chamaram de dedo-duro<sup>108</sup>.

Esse fato revela uma das faces do regime de exceção, é até mesmo curioso como os jornalistas de *Versus* tiveram margem para produzir o periódico em meio à política de censura do regime militar. De todo modo, foi justamente no período em que o jornal assume um discurso político e sua redação passa por um processo crescente de politização, que a repressão se fez mais presente, com a prisão de militantes da Convergência.

---

<sup>106</sup> Entrevista com Marcos Faerman, 16/8/1990, por Bernardo Kucinski. 2003, p. 264

<sup>107</sup> KUCINSKI, (2003), p. 264.

<sup>108</sup> Ibid., p. 266.

As prisões faziam parte de uma operação mais ampla contra jornais alternativos, concebida pelo general Figueiredo, então chefe do SNI, ainda em março de 1978 e que incluía a retomada da devassa fiscal em 42 jornais proposta um ano antes pelo ministro da justiça Alfredo Buzaid. A devassa começou por uma operação fiscal conjunta do Ministério da Fazenda, Instituto Nacional de Seguridade Social e Polícia Federal contra *Versus*. Várias vezes, Marcos Faerman foi chamado para depor para o SNI, no prédio do Ministério da Fazenda, em São Paulo [...] <sup>109</sup>.

As prisões de 1978 acentuaram a crise do Movimento Convergência Socialista a qual partia de uma leitura da conjuntura política brasileira que não se mostrou verdadeira. Conforme análise de Marcos Moutta de Faria: “a Liga Operária<sup>110</sup> partiu da hipótese de que haveria uma ‘corrente de socialistas’ que poderia ser organizada pelo MCS e que seria numerosa e forte o bastante para sustentar a formação de um partido socialista no Brasil” <sup>111</sup>.

Após o lançamento público, ocorrido em março de 1978, os convites a dirigentes e organizações políticas, que mantinham referenciais socialistas, para que viessem a integrar o Movimento Convergência Socialista foram sendo sistematicamente recusados. A coordenação do Movimento Convergência Socialista percebeu seu isolamento. Jorge Pinheiro reconheceu que: ‘esperava uma maior receptividade do movimento estudantil e de outros setores de classe média e ela está vindo do movimento operário’ <sup>112</sup>.

A análise de Marcos Moutta de Farias revela que o MCS, além de não atrair organizações políticas independentes, as resoluções políticas do PST tendiam a se tornar hegemônicas rapidamente dentro do Movimento Convergência Socialista, o que também representava uma maioria dentro do jornal *Versus*.

---

<sup>109</sup> KUCINSKI, (2003), p. 266.

<sup>110</sup> No congresso de 1978, os dirigentes da Liga Operária decidem por mudar o nome da organização para Partido Socialista dos Trabalhadores PST, mantendo-se como uma organização clandestina, que tinha no Movimento Convergência Socialista a expressão como fachada legal.

<sup>111</sup> FARIA, (2005), p. 97.

<sup>112</sup> Ibid., p. 98.

O MCS não pode ser considerado um movimento de unidade dos socialistas porque, mesmo possuindo uma direção própria e uma quantidade de integrantes superior ao PST faltou ao MCS uma elaboração política independente. Não existiu no MCS a vida interna típica das organizações em que sua orientação política é decidida no debate entre os diferentes grupos partidários<sup>113</sup>.

Essa crise no Movimento Convergência Socialista acabou por assumir um desfecho inesperado. Na edição número 24, de setembro de 1978, Marcos Faerman publica uma carta anunciando o abandono do jornal, nesse texto estão expressos claramente os motivos de tal decisão, a saber, o de que a luta pelo Partido Socialista havia chegado a um impasse, observado pela baixa adesão militante em um contexto em tese mais favorável com a crise do regime militar, não conseguindo ser um polo de união dos que ansiavam por um amplo partido popular. Com isso, a carta diz ainda que a Convergência Socialista começava a pesar cada vez mais dentro de *Versus*, Faerman e o grupo dissidente escrevem que:

Lutamos para impedir que a definição por uma posição não implicasse em um “empobrecimento editorial, na diluição da linguagem, na politização grosseira das questões, na exclusão de outros setores... enfim: quem pode duvidar, a não ser os convergentes mais dogmáticos, que a estreiteza das bases políticas, teóricas e culturais da Convergência deveria se tornar em camisa-de-força para uma publicação tão indagativa e de vanguarda quanto *Versus*... decidimos não lutar dentro de *Versus* [...]”<sup>114</sup>

A carta de demissão do diretor responsável e editor chefe Marcos Faerman, datada de 13 de agosto de 1978, contou com a assinatura de outros integrantes do periódico, entre eles: Mario Augusto Jacobskind, chefe da sucursal Rio; Vitor Vieira, editor-assistente; Cecília Thompson, colaboradora; Cláudio Willer, subeditor; Isabel Rodriguez, colaboradora; Reinaldo Cabral e Edvaldo Dinis da sucursal Rio.

---

<sup>113</sup> FARIA, (2005), p. 100.

<sup>114</sup> Sobre gaviões e passarinhos, e nosso editor-chefe se foi. **Versus**, São Paulo, n. 24, 1978, p. 2.

Em seguida, o restante da equipe de *Versus* elabora uma resposta em nome da redação do jornal, o texto é permeado de ataques pessoais e revela que as divergências descambaram para o lado pessoal.

Há meses, a maior parte da redação sustentava que o jornal era lírico demais, épico demais, ‘continental’ demais para a conjuntura que se abria. Apontávamos para as debilidades que o latino americanismo de *Versus* encobria. Um jornal bonito, que sabia agradar, mas que não se engajava. Lírico, mas indefinido. Um pouco o ponto de vista de Sirius. Uma imagem que refletia bem o que Marcos é – sim, porque, ninguém há de tirar-lhe isso, o jornal era corpo e alma de Marcos – bem intencionado, progressista, sensível, bom jornalista, mas indefinido, eclético em seu marxismo cor-de-rosa desbotado. [...] o jornal não sujava as mãos, só se engajava na luta política brasileira indiretamente. [...] Para o editor demissionário ter aceito a ‘virada socialista’, inevitavelmente foi um erro. Não foi capaz de arregaçar as mangas, descer na arena discutir [...].<sup>115</sup>

Na visão da equipe da redação, que permaneceu no jornal, o gesto de Faerman de romper com uma carta pública expressaria uma contradição, já que inicialmente Faerman havia sido persuadido da necessidade de o jornal assumir um posicionamento político e de defender a política de criação de um novo Partido Socialista. De todo modo, na interpretação de Bernardo Kucinski, o fim do jornal *Versus* representou um caso de assassinato cultural.

Embora Marcos Faerman tenha demonstrado zelo com relação aos militantes da Convergência, no sentido de não expulsá-los do jornal com medo da repressão, o projeto da Convergência Socialista se mostrou incisivo na proposta de controlar o periódico. *Versus* se transforma, de um jornal que apresentava espaço aberto para diversas ideias e tinha a política como metáfora, a um jornal de partido.

‘A partir das prisões de agosto, o PST argentino passa a dirigir e controlar o núcleo brasileiro e a dirigir a Convergência e o jornal *Versus*.’<sup>116</sup> Omar de Barros Filho, Ênio Bucchioni e Júlio Tavares,

<sup>115</sup> Esclarecemos. *Versus*, São Paulo, n. 24, 1978, p. 2.

<sup>116</sup> Entrevista com Jorge Pinheiro, 03/09/1990, por Bernardo Kucinski.

com a ajuda, principalmente, de Jorge Pinheiro, conseguem publicar ainda mais nove edições de *Versus*. Em novembro, a partir da edição 26, os dirigentes do PST oferecem aos editores não-membros do partido como Luiz Egypto, a liberdade de edição, numa tentativa de recuperar a qualidade da revista, que efetivamente melhora. ‘Mas as diferenças maiores aparecem nas coisas menores, como escolha de títulos e fotos’, e em dezembro há nova recaída (doutrinária)<sup>117</sup>. A vendagem cai continuamente. Como jornal de um partido, declinava com o próprio partido<sup>118</sup>.

Segundo Bernardo Kucinski, após estes episódios, a utilidade de *Versus*, como instrumento de organização partidária, na passagem do espaço clandestino à esfera pública havia terminado. Em outubro de 1979 saíria a última edição de *Versus*, de número 34: “Simultaneamente, a Convergência lança seu jornal próprio, Convergência Socialista, não mais para lutar por um PS, mas para lutar pelo poder dentro do PT, como tendência organizada.”<sup>119</sup>.

### 3.2 O discurso político assumido por *Versus*

Nas páginas anteriores foi possível observar que da mudança da primeira para a segunda fase, o jornal *Versus* assume um discurso político. Essa mudança, na verdade, representa uma nova proposta do jornal que diz respeito a alterações mais profundas, que indicam uma verdadeira mudança de perspectiva. Desse modo, na segunda fase se pode visualizar não apenas a presença de debates sobre a conjuntura política nacional, tema ausente na primeira fase, mas também uma alteração quanto à concepção da prática jornalística, assim, pode-se dizer que na segunda fase o jornal se torna militante.

Embora o período de circulação do jornal *Versus* compreende a fase que os militares no poder começavam a falar de uma abertura, o exercício da censura ainda se fazia presente e os jornalistas precisavam tomar cuidado para que seus jornais não

---

<sup>117</sup> Entrevista com Luiz Egypto, 19/09/1990 por Bernardo Kucinski.

<sup>118</sup> KUCINSKI, (2003), p. 267.

<sup>119</sup> Ibid., p. 268.



fossem vitimados pelos órgãos repressores. Esse fato seria uma das justificativas para *Versus* não publicar, abertamente, reportagens sobre a conjuntura política brasileira, privilegiando outras temáticas durante a sua primeira fase.

As reportagens assinadas pelos membros do jornal, por esse mesmo motivo, tratam de ‘outras’ questões, como os conflitos por terra ou a situação dos povos indígenas, o que não significam que estes textos não tenham caráter político (e certamente seriam censurados se publicados alguns anos antes, isto é, antes da ‘abertura’). Como dito, o que *Versus* não faz - e não pode fazer – é criticar abertamente o regime. Por isso mesmo não há reportagens ou ensaios sobre a situação econômica e, principalmente, política nacional<sup>120</sup>.

É possível compreender que as mudanças no cenário político nacional se fizeram presentes na redação de *Versus*, por meio de uma crescente politização da mesma. À medida que os militantes da Convergência Socialista foram sendo incorporados no jornal *Versus*, tal movimento correspondeu a uma mudança no perfil das publicações do jornal.

Essa mudança de perfil pode ser observada na figura número 5, na qual se apresenta a imagem da capa da edição de número 17 com a manchete: “O Partido Socialista está nascendo”. Esta edição indica a nova proposta do periódico de pautar os temas da conjuntura política nacional. Sendo assim, observa-se em *Versus* a presença de alguns dos principais debates políticos da época. O jornal procura se inserir na conjuntura política nacional discutindo, em suas páginas, um dos temas que estava na ordem do dia do debate político com a crise do regime ditatorial: o reordenamento político com a possibilidade de surgimento de novos partidos e, nesse sentido, a necessidade de criação de um partido socialista como parte de um movimento amplo de reivindicações, em um cenário de transição democrática, frente ao esgotamento do regime militar.

---

<sup>120</sup> CANDIDO, Jeferson. **Dois lados da moeda?** *Versus*, um jornal alternativo, e *Cultura* uma revista do MEC (1976 – 1978). Florianópolis, SC: UFSC. Dissertação de mestrado, 2008, p. 52.

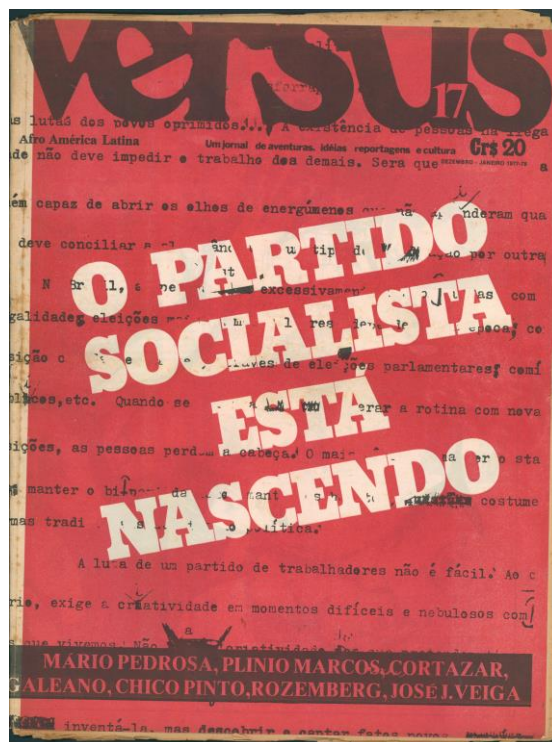


Figura 5, capa da 17ª edição, dezembro de 1977. Acervo: CDPH-UEL.

Nesta edição número 17, o tabloide publica uma entrevista, na página 4, com o deputado federal à época, Francisco José Pinto dos Santos, o Chico Pinto. Francisco era da linha do “grupo autêntico” do Movimento Democrático Brasileiro, o MDB<sup>121</sup>. Nesta entrevista, concedida a Omar de Barros Filho, Chico comenta a necessidade de criação de um partido dos trabalhadores. A entrevista revela uma ruptura no pensamento de Francisco que tempos atrás chegou a defender como necessário a criação de um partido conservador. A virada de posição, segundo Francisco, ocorre, sobretudo, quando um grupo de parlamentares retorna da Europa e observa o movimento de surgimento de novos partidos de esquerda.

O principal tema, portanto, discutido por Francisco José Pinto dos Santos, naquela conjuntura, era a necessidade e possibilidades de criação de um partido dos trabalhadores. Esta seria uma das políticas que estaria colocada frente ao cenário próximo de transição democrática brasileira. Neste cenário, reconhecendo a existência da luta de classes, e observando a predominância de partidos, exclusivamente,

<sup>121</sup> Chico Pinto: pelo partido dos trabalhadores. Entrevista a Omar de Barros Filho e Paulo Santilli. *Versus*, São Paulo, n. 17, dez. 1977, p. 4.

burgueses no Brasil à época, estaria colocada, portanto, a necessidade de criação de um partido dos trabalhadores.

Esta defesa estava associada com os debates da abertura democrática, a qual apresentava inúmeros desafios como a instauração de uma Constituinte. Outros dilemas que o debate sobre a criação de um partido dos trabalhadores suscitava era com relação à unidade das forças opositoras ao regime. Quanto a este aspecto, Chico Pinto comenta que o fracionamento do MDB seria inevitável, mas que estas divisões aconteceriam, com o retorno do pluripartidarismo, também com o partido da Arena, ou seja, em um cenário de retorno de liberdades democráticas, o fracionamento das forças políticas se daria nos dois lados<sup>122</sup>.

Outro tema discutido na edição número 17 do jornal diz respeito à capacidade do MDB em se configurar como oposição ao regime. Neste sentido, o jornal publica na página 7 uma análise do sociólogo José Álvaro Moisés, em artigo intitulado: o “Dilema dos Autênticos”<sup>123</sup>. Neste texto, Moisés problematiza se o MDB seria capaz de ser verdadeiramente uma força de oposição com a crise do regime civil-militar e as políticas de transição democrática. Segundo Moisés, a crise do regime não significava o esgotamento da frente democrática representada pelo MDB, mas que a nova conjuntura abria espaço para o surgimento de novas legendas, o que incluiria a criação de um novo partido trabalhista ou socialista.

A edição número 17 apresenta, ainda, algumas distinções se for comparado o periódico com sua fase anterior. Estas distinções não são apenas de ordem temática, mas também de aspectos formais no que diz respeito à arte gráfica. Enquanto na primeira fase predominou um espaço maior para a experimentação da linguagem artística, na elaboração das capas em tom de metáfora com exploração de imagens. A segunda fase pode ser caracterizada por uma linguagem mais objetiva, com menos espaço para ilustrações, privilegiando textos escritos e imagens fotográficas.

---

<sup>122</sup> Chico Pinto: pelo partido dos trabalhadores. Entrevista a Omar de Barros Filho e Paulo Santilli. **Versus**, São Paulo, n. 17, dez. 1977, p. 6.

<sup>123</sup> MOISÉS, José Álvaro. O dilema dos autênticos. **Versus**, São Paulo, n. 17, dez. 1977, p. 7.

Na figura número 6 se tem a expressão das diferentes correntes políticas brasileiras que disputavam espaço no debate político sobre a transição democrática, o que denota o esforço do jornal em abrir espaço para expressão de uma das principais correntes políticas representada por Leonel Brizola.



Figura 6, capa da 18ª edição, fevereiro de 1978. Acervo: CDPH-UEL.

Nesta edição se observa, novamente, a exploração de textos escritos em detrimento das ilustrações na arte gráfica, como foi caracterizada a primeira fase do jornal. A capa ainda apresenta a manchete “PTB e Os planos de Brizola” juntamente com o título da reportagem: “Luta pelo PS”. Desse modo, o jornal dá espaço para expressão de duas das principais correntes e propostas políticas envolvidas nas lutas políticas, no período final do regime militar, o trabalhismo e o socialismo.

Na reportagem de Marcos Faerman sobre o PTB e os planos de Brizola se trata de uma matéria que divulga os planos do líder trabalhista sobre as ideias para restaurar o partido trabalhista frente à nova conjuntura política, que se abria no país.<sup>124</sup> Nesse

<sup>124</sup> FAERMAN, Marcos. Os planos de Brizola. *Versus*, São Paulo, n. 18, fev. 1978, p. 3

sentido, a reportagem analisa as ideias a partir de emissários do ex-governador sobre as tarefas políticas, que estariam colocadas.

A reportagem se refere a Leonel Brizola, exilado no Uruguai e, depois, nos Estados Unidos, como a única grande personalidade nacional ligada ao trabalhismo, fato que lhe conferia imensa e pesada responsabilidade. A partir de emissários referidos como “pombos correios”, o texto apresenta o pensamento de Leonel Brizola sobre o novo momento que o Brasil estava passando com a possibilidade de redemocratização.

A reportagem analisa a existência de um consenso de que o MDB seria uma grande frente democrática nacional, mas que os novos episódios da política nacional abriam espaço para o surgimento de novos partidos. Outro fator que a reportagem comenta é sobre as palavras de ordem que uma frente democrática deveria encampar, enquanto para uns deveria ser a defesa da Constituinte, para outros deveria ser a da Anistia, o que revelaria certo divisionismo da Frente Única democrática.

Um dos principais pontos discutidos na reportagem de Marcos Faerman é sobre a reorganização do PTB, nesse sentido, a matéria diz que na conjuntura da redemocratização e a possibilidade do pluripartidarismo, o partido deveria avançar, gradativamente, para um socialismo democrático, desvinculando-se da tutela paternalista que caracterizou o trabalhismo no passado, mas sem abandonar o legado de Getúlio Vargas. Um desses vícios do passado seria o populismo, objeto de estudos e pesquisa por sociólogos da época. Essa reportagem sobre Leonel Brizola e o PTB expõe a importância atribuída à tradição trabalhista no pensamento político brasileiro. Manifesta também, o interesse do jornal *Versus* em atrair Brizola para o debate sobre a criação de novos partidos.

O principal tema discutido pelo jornal, nesta segunda fase, sobre a criação de um partido socialista, abre espaço para a contribuição de diversas personalidades que observavam o movimento político brasileiro. Neste sentido, a mesma edição que apresenta na manchete os planos de Brizola, no cenário da crise do regime, também mostra uma entrevista com Almino Affonso, ex-líder do PTB na Câmara Federal, e Ministro do Trabalho no governo João Goulart.

Em sua entrevista, Almino Affonso diz que o regime militar estava se deteriorando e perdendo o apoio das classes dominantes e que outros nomes de

possíveis candidatos à presidência não ligados ao círculo militar começavam a despontar. Affonso diz que a dinâmica no processo político brasileiro seria no sentido da abertura democrática.

As perguntas dirigidas a Almino Affonso são no sentido de questionar sobre o espaço que, possivelmente, estaria aberto a novos partidos com o fim do bipartidarismo noticiado pela imprensa. Quanto a este aspecto, Affonso diz que o regime havia chegado a um impasse pelas sucessivas derrotas eleitorais sofridas infligidas pelo MDB. Nesse sentido, estaria aberto o espaço para o surgimento de novos partidos. Na visão de Affonso, esses novos partidos se surgissem não representariam um enfraquecimento do MDB, já que a sigla ainda era a única, naquele momento, a reunir as forças oposicionistas. Segundo Affonso, a defesa da criação de um amplo partido nacional, enraizado nas classes populares, era uma necessidade percebida por trabalhistas, antigos socialistas do PSB, de marxistas sem militância na época, e por homens de diversas gerações e distintas procedências regionais. Affonso afirma que no Brasil, na época, ainda não se teve um grande partido efetivamente popular.<sup>125</sup>

Em sua trajetória como militante do PTB, Affonso observa que este partido tinha conotações de esquerda, mas não se poderia dizer que os trabalhadores, ou homens do povo em geral, o integrassem como militantes. Almino Affonso constata que nem o PTB, nem nenhum outro partido foi efetivamente um partido popular e este fato teria seu ponto crítico com o golpe de 1964, no qual a ausência de um partido popular teria demonstrado a necessidade de o povo estar organizado para defender a democracia. Segundo Affonso, a democracia estável supõe a existência de um amplo partido popular. Na visão de Affonso estaria colocada a necessidade de criação de um partido popular, nacionalista, de horizonte socialista e democrata na sua estrutura interna.

Affonso observa que esse novo partido deveria priorizar a via eleitoral e se afastar de qualquer alternativa insurrecional. Quanto a esse aspecto, a equipe de *Versus* questiona se um partido socialista, que priorizasse a via eleitoral, teria sucesso tomando como referência a experiência chilena na qual se tentou implantar o socialismo via

---

<sup>125</sup> AFFONSO, Almino (entrevista). Plataforma socialista para o Brasil. **Versus**, São Paulo, n. 18, fev. 1978, p. 10.

eleitoralmente, e teria sofrido o golpe de estado. A resposta de Affonso é de que, mesmo com a experiência chilena, esse seria o caminho que o Brasil deveria seguir.

A entrevista continua com a equipe de *Versus* questionado sobre como deveria ser este partido socialista, sua forma de organização, se os setores oprimidos da sociedade, como negros e mulheres, teriam espaço nesse partido revelando que a equipe de *Versus* demonstrava preocupação e anseio de que os setores oprimidos da sociedade tivessem voz dentro do novo partido..

A edição número 18 traz, ainda, uma entrevista com o jornalista Edmundo Moniz, na página 13, intitulada: “Um partido não nasce dos gabinetes”,<sup>126</sup> concedida à Percy Galimberti para a equipe de *Versus*. Nesta entrevista de Edmundo Moniz, após o exílio, o jornalista diz que a formação de um partido da classe trabalhadora seria inevitável com o fim do bipartidarismo e a possibilidade de redemocratização do país, que traria como necessidade também uma nova Constituição.

A entrevista de Moniz, concedida no ano de 1978, acontece no bojo do movimento em que as autoridades militares começavam a falar de uma reforma política, na qual se extinguisse o bipartidarismo, o que daria espaço para o surgimento de novas legendas com possibilidades de expressão das diversas forças políticas na conjuntura nacional. Nesse sentido, Muniz fala que a formação de um partido operário, no Brasil, deveria estar colada com a tarefa de realizar a independência econômica do país.

Moniz diz, na entrevista, que a própria burguesia brasileira estava interessada na redemocratização do país, pois esta teria necessidade da legalidade constitucional para melhor assegurar os seus bens. Nesse sentido, um dos interesses das classes sociais que estaria colocado no momento seria o de uma nova constituição, que representasse a vontade popular. Que uma das necessidades da época seria eliminar todas as medidas de exceção como a lei de imprensa, a lei de segurança nacional, o julgamento de crime político por tribunais militares e toda legislação repressiva que teria servido para sufocar a democracia.

---

<sup>126</sup> MONIZ, Edmundo. Um partido não nasce dos gabinetes (entrevista a Percy Galimberti). *Versus*, São Paulo, n. 18, fev. 1978, p. 13.

Para se chegar a esse resultado, segundo Moniz, seria necessária a convocação de uma constituinte, com eleições livres, voto direto, secreto e proporcional, liberdade de organização partidária, de imprensa e anistia ampla e geral. Nesse cenário, a formação de um partido socialista viria no sentido de unir todas as forças progressistas do país. Desse modo, um possível novo partido socialista deveria contar com lideranças sindicais, movimento estudantil e intelectualidade progressista. A entrevista dá a entender que o novo partido seria uma espécie de frente política a reunir os líderes mais representativos do PTB, do PSB, de socialistas independentes e lutadores pela redemocratização do país, que estivessem dispostos a lutar também pela emancipação econômica e social do país.

Pelo o que se observou até aqui, existe uma verdadeira mudança de perspectiva da primeira para a segunda fase do jornal *Versus*. Essa mudança de perspectiva pode ser constatada na próxima imagem.

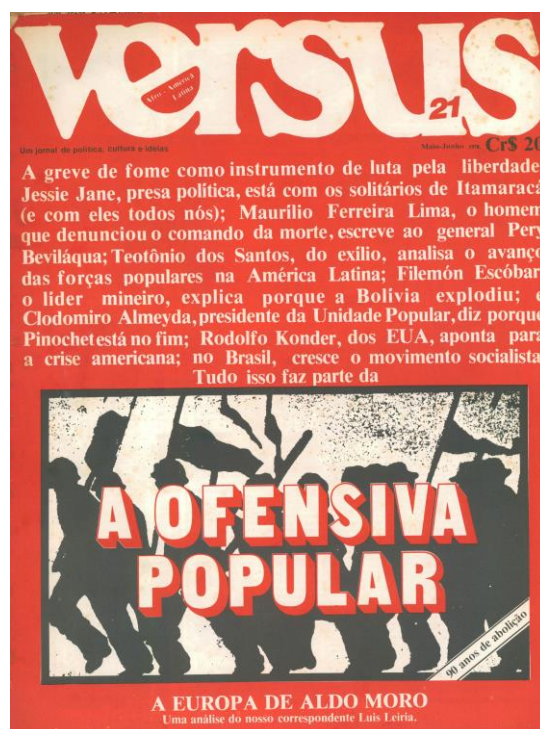


Figura 7, capa da 21ª edição, maio de 1978. Acervo: CDPH-UEL.

Na figura 7 é possível analisar essa mudança de perspectiva pela forma com que o jornal representava os sujeitos históricos. Enquanto que na primeira fase do periódico, os sujeitos históricos aparecem como “vítimas” a sofrerem as opressões de regimes de exceção sobre a América Latina, na segunda fase, dá lugar a um sujeito que



é representado como protagonista da luta social, ou seja, não mais como alguém que sofre indefeso os males da repressão, mas alguém que se propõe a lutar e a transformar a realidade.

Essa mudança de perspectiva pode ser notada, sobretudo, com relação a como o jornal passou a debater a conjuntura política brasileira e pela forma com que o periódico enxergava sua missão nessa conjuntura. Essa mudança de perspectiva pode ser observada por reportagens como: “Como sair do poço fundo”, ou ainda: “Uma conquista popular: a liberdade”, ambas as matérias publicadas na página 17 da 21ª edição.

A reportagem “Como sair do poço fundo” demonstra uma análise sobre o momento que a economia brasileira atravessava e a relação deste momento econômico com as decisões políticas. Neste sentido, a matéria critica as medidas adotadas pelo governo na política econômica, no sentido de reverter a crise econômica, que se arrastava desde 1974, de modo que a crise econômico-financeira teria feito com que a classe empresarial “diluísse” parte considerável de sua solidariedade para com o governo.

Neste cenário, a reportagem escreve que com as mobilizações das classes populares Brasil afora, estaria na ordem do dia reivindicações como anistia geral e irrestrita, liberdade democrática e por uma assembleia nacional constituinte. Desse modo, visualiza-se que o Brasil passava por um momento de crise econômica com inflação crescente aliada a uma crise política, o que dava sinais de esgotamento do regime civil-militar<sup>127</sup>.

A outra reportagem, intitulada: “Uma conquista popular: a liberdade”<sup>128</sup> lista o que seriam as reivindicações de uma classe operária brasileira com um nível desenvolvido de consciência política. Nesse sentido, a reportagem diz que essa nova classe operária não poderia mais continuar marginalizada da vida política como vinha acontecendo desde 1964, e que suas reivindicações estavam para além dos interesses imediatos de classe de natureza econômica e estavam ligados às reivindicações mais

---

<sup>127</sup> CABRAL, Reinaldo. Como sair do poço fundo. **Versus**, São Paulo, n. 21, mai. 1978, p. 17.

<sup>128</sup> MONIZ, Edmundo. Uma conquista popular: a liberdade. **Versus**, São Paulo, n. 21, mai. 1978, p. 17

gerais, estando apta à formação de um partido que tenha como fundamento a nacionalização dos meios de produção, a reforma agrária e a luta pela conquista do poder político.

Nessa conjuntura, a matéria entende que a formação de um novo partido da classe trabalhadora seria inevitável com o fim do bipartidarismo. Esse novo partido seria fruto de um amplo debate na sociedade e seria resultado da redemocratização do país com revogação de todas as leis de exceção.

A edição número 21 apresenta, ainda, na página 14, uma entrevista com o político Américo Copetti, deputado na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul pelo MDB<sup>129</sup>. Nesta entrevista, Copetti fala sobre temas como o socialismo, a Frente Democrática e o PTB. Copetti analisa que a formação de uma organização socialista no Brasil, daquele contexto, não significaria um racha do MDB e que as forças democráticas deveriam se nuclear como tendências políticas dentro do partido.

O deputado entende que a formação de uma grande frente de classes nacionalistas reunindo burgueses e operários, como algumas personalidades debatiam, não seria uma tarefa viável. Nesse sentido, o movimento de um partido socialista, como os debates revelam, seria o caminho mais indicado para a classe trabalhadora. Essa defesa, segundo Copetti, partiria da constatação de que o Brasil nunca tivera um partido dos trabalhadores, e que esta ferramenta política se apresentaria como uma necessidade naquela conjuntura.

Desse modo, Américo Copetti avalia como positivo a iniciativa do movimento Convergência Socialista de promover o encontro de diversas tendências socialistas com vistas a levar o amadurecimento de um projeto mínimo capaz de aglutinar os diversos segmentos favoráveis à ideia socialista, o que seria o prenúncio da formação de um partido socialista no Brasil daquele período.

A edição número 21, do jornal *Versus*, é emblemática sobre o perfil e as propostas de jornalismo que o periódico pretendia empreender, na segunda fase do tabloide, ou seja, a de priorizar debates políticos sobre a situação nacional. Nesse

---

<sup>129</sup> COPETTI, Américo. E o Socialismo? E a frente democrática? E o PTB? *Versus*, São Paulo, n. 21, mai. 1978, p. 14.

sentido, observa-se que a edição número 21, além de dedicar, em suas páginas, reportagens sobre a conjuntura político-partidária e, também, abre espaço para o relato da situação de presos políticos do regime autoritário.

Desse modo, observa-se a reportagem: “Do outro lado do espelho”<sup>130</sup>, que apresenta o testemunho da deputada estadual pelo MDB do Rio de Janeiro Rosalice Fernandes, presa política e torturada pelos militares. Esta reportagem denota que o jornal *Versus* procurou, em sua segunda fase, dar espaço para as diversas expressões de resistência à ditadura civil-militar, fato que também pode ser observado pela publicação da reportagem: “Contra o silêncio”<sup>131</sup>. Estas duas últimas reportagens mencionadas permitem compreender que a segunda fase de *Versus* está marcada, por uma proposta de jornalismo, diferente do que foi a primeira fase do periódico, e que estava articulada com a missão de debater problemas cadentes do cenário político brasileiro denunciando abertamente a tortura e a violação dos direitos humanos no Brasil daquele período.

Desse modo, existem outros indícios dessa nova proposta, que também permitem observar a influência do ideário marxista nas páginas do jornal. Como pode ser percebido na figura 8. A tomada de posição do jornal, mais do que simplesmente indicar uma mudança de perfil, revela a adesão a pressupostos teóricos específicos. Se na primeira fase do periódico havia certa indefinição quanto às preferências teóricas, no momento em que a Convergência Socialista assume o controle do jornal fica evidente a definição pelo marxismo como filosofia do tabloide.

---

<sup>130</sup> FERNANDES, Rosalice. Do outro lado do espelho. *Versus*, São Paulo, n. 21, mai. 1978, p. 7.

<sup>131</sup> RIBEIRO, Cristina. Contra o silêncio. *Versus*, São Paulo, n. 21, mai. 1978, p. 4

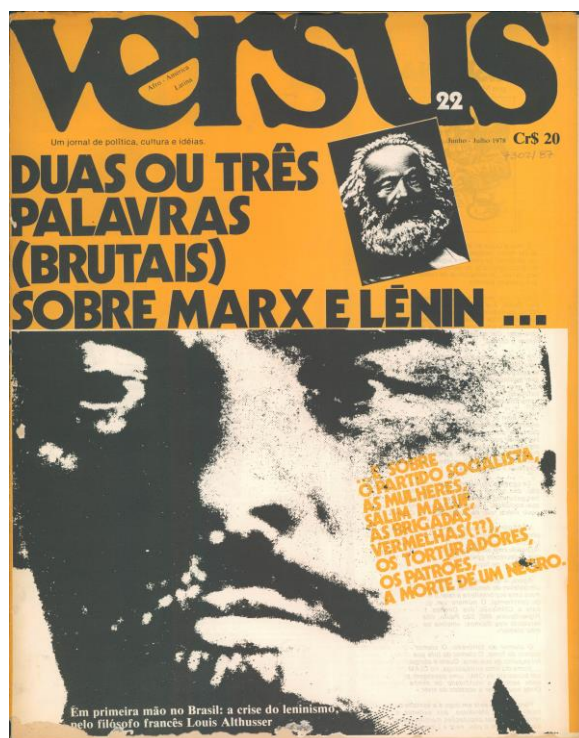


Figura 8, capa da 22ª edição junho de 1978. Acervo: CDPH-UEL.

Na 22ª edição se observa o formato de jornalismo que a Convergência Socialista tinha sobre como deveriam ser as publicações de *Versus*. Nesse sentido, o ensaio de Louis Althusser: “Duas ou três palavras (brutais) sobre Marx e Lênin” revela que o jornal entrou em sintonia com um dos principais intelectuais a respeito das ideias marxistas da época.

No ensaio de Althusser, publicado no jornal, o autor analisa a chamada crise do marxismo, a qual, no campo da esquerda, mais do que vê-la, a crise seria vivida. Segundo Althusser, a crise do marxismo seria um fenômeno contraditório e que deveria ser pensado em escala histórica e mundial, ela seria: “[...] um fenômeno que concerne ao conjunto das forças que se referem ao marxismo, às suas organizações, aos seus objetivos, à sua teoria, à sua ideologia, à sua luta, à história, às suas derrotas e à suas vitórias.”<sup>132</sup>

O texto de Althusser revela uma das preocupações com as quais diversos pensadores, marxistas ou não, se dedicavam à época, a saber, as atrocidades históricas

<sup>132</sup> ALTHUSSER, Louis. Duas ou três palavras (brutais) sobre Marx e Lênin. *Versus*, São Paulo, n. 22, jun. 1978, p. 29.

cometidas em nome do socialismo. Desse modo, o pensamento do autor revela um momento de crise, em amplo sentido, como ele mesmo problematiza. A questão de fundo que perpassa o pensamento de Althusser é sobre quais caminhos se deveriam seguir para se chegar ao socialismo e a custo de quê?

Observa-se que o pensamento de Althusser, assim como o contexto do jornal *Versus* expressa um momento em que a esquerda marxista buscava repensar seus métodos e sua teoria. Um momento de refluxo do que foram os paradigmas que sustentaram seu projeto no início do século XX.

Althusser revela, em seu ensaio, que os impactos da publicação dos relatórios de Krushchev, no XX Congresso do PCUS, se faziam presentes ainda como uma crise geral do marxismo. O ensaio se mostra como uma profunda crítica a alguns pilares de sustentação da experiência stalinista. Nesse sentido, Louis Althusser discute como algumas organizações, partidos comunistas ou teóricos marxistas, têm reagido a essa crise. Segundo o pensador francês, a crise sempre existiu e estava disfarçada como ortodoxia teórica. O artigo de Althusser pode ser interpretado como uma verdadeira defesa do retorno do debate teórico do marxismo, fato que a experiência stalinista e a ortodoxia dos PCs pareciam relegar a um segundo plano.

Esse fato seria um indicativo de que a crise do marxismo traria algo de positivo, a saber, a necessidade de se voltar para a teoria e, nesse sentido, Althusser cita diretamente o próprio Marx, Lênin e Gramsci supostamente para buscar o marxismo vivo que a fórmula e a prática stalinista tinham sufocado. Althusser termina seu texto com uma perspectiva otimista, dizendo que o marxismo sempre enfrentou crises, e que naquele contexto, segundo o autor, se estava no coração de uma crise, e esta poderia dar uma força nova a sua teoria.

O texto de Althusser pode ser enquadrado com a proposta do jornal, em sua segunda fase, de fazer a ligação entre as questões políticas nacionais com debates teóricos marxistas de pensadores internacionais. Assim, a mesma edição número 22 que apresenta o debate com Louis Althusser traz também o editorial: “30 dias nacional”, em que se propunha a discutir questões temáticas da política brasileira, na página 3.<sup>133</sup>

---

<sup>133</sup> Tumicutica euticutico. *Versus*, São Paulo, n. 22, jun. 1978, p. 3.

O referido editorial discute movimentações políticas como a proposta da criação da Frente Nacional pela Democracia, no mês de maio de 1978, juntamente com a convenção do MDB, como um dos acontecimentos mais importantes em nível político, e que as greves no ABC seriam um dos acontecimentos mais importantes em nível das lutas sociais. Nesse editorial é possível perceber que *Versus* “veste a camisa” do socialismo, e que neste caso, segundo o jornal os socialistas não deveriam se esconder enquanto alguns setores da sociedade discutem o destino da nação.

O editorial critica a proposta da frente democrática, para reconstituir o estado de direito, no Brasil, uma proposta do general Euler Bentes Monteiro, por não ter chamado a classe operária e os trabalhadores para participarem dos processos de debate. O editorial faz a crítica, dizendo que a iniciativa da Frente Nacional pela Redemocratização, na verdade, seria um grande acordo da burguesia para o retorno do estado de direito. Esta conclusão poderia ser tirada pelo fato de fazer parte da frente os grupos militares, políticos como o senador Magalhães Pinto, ligado ao capital financeiro, entre outros.

O editorial comenta que a composição heterogênea da frente fazia com que seus objetivos variassem, de acordo com os interesses dos grupos que a compunham, com alguns setores buscando apenas que o governo acelerasse o ritmo da abertura política. O texto parte da análise, ainda, que até mesmo o imperialismo poderia ter seus interesses defendidos na frente, já que a frente englobava diferentes setores burgueses, divergindo, por exemplo, sobre qual deveria ser o candidato para as eleições indiretas do executivo.

As divergências que existiam em torno da frente ocorriam no sentido de expressar uma disputa para ver qual setor dominaria o processo de redemocratização. Os setores burgueses antiestatizantes não ligados ao capital financeiro apoiavam Ulisses Guimarães. O editorial critica que a proposta da frente seria a de um projeto que não contemplava a volta total, imediata e sem restrições das liberdades democráticas.

No pensamento de alguns militares, que compunham a frente, essa deveria defender a anistia, mas para os presos políticos considerados não-terroristas, previam também a revisão dos processos dos militares, a revisão das penas impostas aos terroristas, o regresso dos banidos e exilados. O que é possível perceber é que as

questões debatidas pela Frente Nacional de Redemocratização, expressas na opinião do editorial, traziam as questões cadentes do debate político nacional sobre a transição democrática. Nesse sentido, são discutidos temas como formação de uma assembleia constituinte, liberdade de organização dos partidos políticos, sindicatos livres, direitos de greve e liberdade para o movimento estudantil.

Na visão da equipe de *Versus*, adotando uma perspectiva de classe, os limites das propostas da frente estariam no fato de ela não prever aumento salarial geral e imediato para os trabalhadores, além de não colocar em debate a questão da liberdade de reorganização da CGT, Comando Geral dos Trabalhadores, além de ela não propor uma anistia ampla, geral e irrestrita. Desse modo, os socialistas deveriam, segundo *Versus*, fazer acordos parciais com a frente, tendo em vista a defesa dos interesses dos trabalhadores, tendo claro que a frente se tratava de uma frente burguesa, que propunha uma democracia castrada.

As ideias que foram analisadas anteriormente servem para comprovar a nova identidade do jornal *Versus*, em sua segunda fase, um jornal socialista que, portanto, deveria defender e discutir, em suas publicações, os interesses da classe trabalhadora. Nesse sentido, observa-se na página 5 da 22ª edição a reportagem: “Prática Sindical”, a qual permite qualificar o periódico com a busca por um profundo enraizamento de classe.

Como porta voz dos interesses da classe trabalhadora, o periódico buscava em suas páginas apresentar um perfil com afinidades das propostas políticas de classe do contexto da abertura democrática, interesses que beneficiariam não apenas a classe dos trabalhadores, mas a sociedade como um todo, como é o caso do fim da censura a alguns periódicos como é mostrado na página na reportagem da página 13, que discute o fim da censura prévia em *Movimento*, *Tribuna da Imprensa*, e o *Estado de São Paulo*, para essa temática, a 22ª edição dedica um grande espaço que cobre quatro páginas. Desse modo, observa-se que o jornal ia além da mera defesa de interesses corporativos da própria imprensa, mas ambicionava e reivindicava o que pode ser considerado como interesses gerais da classe trabalhadora.

A análise da fonte permite visualizar que o jornal procurava combinar os interesses imediatos da classe trabalhadora com a luta política mais geral, sendo o que

se pode observar pela publicação da reportagem: “O contra-socialismo utópico”<sup>134</sup> na página 17, que se propõe a discutir questões sobre as greves no ABC e consciência de classe; seguida pela reportagem: “Xarope Reformeta”<sup>135</sup>, na página 19, que analisa as movimentações do governo para realização de reformas para a redemocratização do país.

Na edição número 23, de julho de 1978, observa-se a predominância da temática política em detrimento do tom de lirismo do jornal, que prevaleceu em sua primeira fase. Nesta edição é possível constatar que o jornal agora procurava incidir, diretamente, do debate político eleitoral. Esse dado pode ser analisado pela reportagem: “Eleições: o que fazer?” publicada na página 10<sup>136</sup>. A reportagem busca problematizar a questão das eleições, no ano de 1978, no sentido de compreender se essas não representavam nada para o país, ou se eram uma forma de protesto que poderia ajudar ou não na caminhada democrática.

Desse modo, a reportagem procura questionar o sentido que as eleições daquele ano teriam para as forças de esquerda, e opositores ao regime ditatorial. A matéria analisa a importância que os estudantes e o movimento estudantil tiveram no processo de resistência contra o regime autoritário, a partir de uma entrevista com a corrente Liberdade e Luta, que na época controlava o Diretório Central dos Estudantes da USP, e a corrente Novo Rumo Socialista, que dirigia a União Metropolitana dos Estudantes de São Carlos.

Na visão dos diretores do DCE da USP, naquele momento, os estudantes deveriam se somar junto ao movimento de trabalhadores no esforço de construção de um Partido Operário, combatendo as forças burguesas e pequeno-burguesas, que tentavam canalizar o movimento de massas para organismos controlados pela burguesia, como o MDB. Segundo os estudantes, votar no MDB representaria, na prática, reforçar um canal criado pela ditadura para conter o movimento dos trabalhadores e fazê-los abandonar a luta pela construção de seu partido autêntico.

---

<sup>134</sup> PINHEIRO, Jorge. O contra-socialismo utópico. **Versus**, São Paulo, n. 22, jun. 1978, p. 17.

<sup>135</sup> TAVARES, Julio. O xarope reformeta. **Versus**, São Paulo, n. 22, jun. 1978, p. 19.

<sup>136</sup> Eleições: o que fazer? **Versus**, São Paulo, n. 23, jul. 1978, p. 10.



Os estudantes defendem a posição do voto nulo nas eleições de 1978, que segundo eles, consideravam uma farsa. Reafirmavam a posição de lutar por uma constituinte democrática e soberana. Esta posição representaria, segundo os estudantes, um posicionamento coerente, uma resposta do movimento de massas na luta pelo fim da ditadura militar.

Na avaliação dos estudantes da corrente denominada Novo Rumo Socialista, o governo militar passava por um momento de crise, que se expressaria em propostas como a criação da Frente Nacional de Redemocratização, na discussão de reformas do regime, e ainda na tese de que seria preciso reforçar o MDB.

A posição dos estudantes da corrente Novo Rumo Socialista é de que naquela conjuntura duas tarefas estariam colocadas: a primeira seria a de continuar avançando nas lutas pelas reivindicações econômicas, mínimas e de reconstrução dos organismos sindicais de todos os explorados. Neste sentido, estariam colocadas necessidades como a reconstrução da UNE, por parte dos estudantes e a independência e democratização dos sindicatos por parte dos trabalhadores.

A segunda tarefa, segundo os estudantes da NRS, seria a criação de um Partido Socialista. Diferente da corrente Liberdade e Luta, a NRS avalia a participação das eleições como um importante movimento tático na formação do Partido Socialista, na qual os explorados deveriam apoiar todos os candidatos que assumissem a favor do socialismo.

Além da visão dos estudantes sobre o processo político eleitoral, a reportagem também apresenta a avaliação do ponto de vista dos trabalhadores, nesse sentido, publica a avaliação de dois representantes dos trabalhadores: Benedito Marcílio, ex-presidente do sindicato dos Metalúrgicos de Santo André; e Luís Inácio Lula da Silva, pelo sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo, e dizem o que pensam sobre as eleições.

Na opinião de Marcílio, as eleições representavam a possibilidade de se falar em praça pública sobre a necessidade de se lutar para acabar com o arbítrio vigente no país, o que significaria lutar pela volta do estado de direito com eleições sendo realizadas, de forma livre e direta, a todos os níveis do governo. Marcílio, assim como Lula, apresenta o ponto de vista dos operários da região do ABC, em São Paulo, neste

sentido relatam em uma perspectiva dos trabalhadores como estes viviam na pele a injustiça da política salarial.

Segundo Marcílio, os trabalhadores deveriam lutar por uma estrutura sindical autêntica e com liberdade. Sendo necessário o fortalecimento de um sindicalismo de pressão, que estivesse a serviço dos trabalhadores, tanto no aspecto social, como no político. As tarefas colocadas para a classe trabalhadora seriam lutar por uma constituinte, por anistia ampla e irrestrita; e defender a necessidade de novos partidos, e entre esses, um partido que conjugasse em sua prática os interesses da classe operária.

A reportagem também mostra na entrevista a análise de alguns candidatos às eleições de 1978, entre esses, o escritor e candidato a deputado estadual pelo MDB em São Paulo, Fernando Morais. Na avaliação de Morais seria preciso fortalecer a oposição democrática, que extrapolaria as fileiras do MDB. Segundo Fernando Morais, as eleições de 1978 traziam a mobilização ampla da sociedade brasileira: operários, estudantes, empresários e militares. Avalia que apesar do arbítrio e truculência, o regime não conseguia mais conter a oposição nos limites que desejava. E a oposição não se restringia mais ao MDB, mas abarcaria socialistas, trabalhistas, cristãos de esquerda.

Morais entende que as eleições poderiam ser uma ferramenta a aglutinar todos os segmentos democráticos e populares da oposição. Avalia que os liberais também estavam se organizando na Frente Nacional de Redemocratização, e defende a união de todos os que estavam dispostos a lutar pelo fim do regime militar. Nessa ótica, Morais defende a união de esforços com os liberais na luta por um objetivo comum: o fim do regime militar.

O tom oposicionista do jornal com o regime ainda pode ser observado pela publicação, na página 12, do texto: “Carta aberta de um torturado ao presidente Geisel”<sup>137</sup>. A reportagem dá a conhecer uma carta, datada de 10 de dezembro de 1976, escrita por Amadeu de Almeida Rocha, preso e torturado pelo regime. A carta foi escrita e enviada ao general do Exército Ernesto Geisel, na época presidente do Brasil. A reportagem é iniciada com a publicação da carta de Amadeu e, posteriormente, prossegue com a denúncia do modus operandi da tortura, que militares infligiram a

---

<sup>137</sup> Carta aberta de um torturado ao presidente Geisel. **Versus**, São Paulo, n. 23, jul. 1978, p. 12.

Amadeu, descrevendo com detalhes os processos de tortura a que fora submetido no DOI – Batalhão de Polícia do Exército no Rio de Janeiro.

Estas reportagens da edição número 23 revelam, além da denúncia e oposicionismo do periódico contra o regime, também uma ousadia política de quem não se acovardou ao lutar contra o regime. Desse modo, é possível dizer que o jornal agora possui uma nova identidade revelando um perfil militante não observado na sua primeira fase. Esse perfil militante está presente no conjunto de temas aos quais *Versus* dedicava na publicação de suas páginas na segunda fase.

Nesta fase mais militante do jornal, o tema da política, principalmente, a nacional, se torna uma constante. O periódico também dedica espaço às várias expressões da luta política, que despontavam naquela conjuntura, como é o caso da luta da população negra contra opressões, que ganhou as páginas no caderno Afro-Latino-América. Na edição número 23, o caderno dedica espaço às manifestações de sete de julho de 1978. Em texto escrito pela jornalista e militante do movimento negro, Neusa Maria Pereira, as manifestações de sete de julho de 1978 seriam a primeira experiência na qual os negros saem às ruas para protestar e denunciar o racismo existente no país.<sup>138</sup>

A autora procura fazer uma ligação entre a situação do povo negro no presente com o passado marcado pela escravidão no Brasil. Nesse sentido, Neusa Maria Pereira faz uma crítica sobre a situação da população negra, naquele contexto, e escreve que a manifestação de sete de julho, em São Paulo, foi um recado para a sociedade de que os negros não se calarão mais frente aos crimes e à violação dos direitos civis e dedicarão esforços para a construção de uma sociedade mais justa.

A reportagem sobre as manifestações de sete de julho de 1978 avaliam o acontecimento como um grande salto político, no qual o movimento negro se fez respeitar e aumentou seu respaldo junto à comunidade, o que na avaliação dos jornalistas significou uma vitória para o movimento negro.<sup>139</sup>

Portanto, observa-se que agora a nova identidade do jornal além de mais militante, mais politizada, ela tem cor, e assume também a bandeira de luta do

---

<sup>138</sup> PEREIRA, Neusa Maria. O sete de julho. *Versus*, São Paulo, n. 23, jul. 1978, p. 34.

<sup>139</sup> E agora. *Versus*, São Paulo, n. 23, jul. 1978, p. 32.

movimento negro, a Convergência Socialista estava no controle do periódico e essa realidade se fazia notar pelo perfil das publicações e pelos temas dedicados em suas páginas. Os produtores do jornal *Versus* buscavam combinar essa nova identidade a um enraizamento com os pressupostos teóricos marxistas e trotskistas.

Na edição número 24, o jornal *Versus* se encontra totalmente submerso na proposta de jornalismo que a Convergência Socialista tinha para o tabloide. Nesta edição, novamente, a política da CS se faz notar com a reportagem sobre a criação do partido socialista no Brasil. A edição também publica uma matéria sobre o revolucionário russo Leon Trotski, algo ausente na primeira fase do periódico.<sup>140</sup>



Figura 9, capa da 24ª edição, setembro de 1978. Acervo: CDPH-UEL.

Na página 32 se tem a reportagem: “A minha vida”,<sup>141</sup> dedicada a contar histórias sobre Leon Trotski, que na época completava 38 anos do seu assassinato, ocorrido no dia 20 de agosto de 1940. A reportagem é dedicada a contar aspectos biográficos sobre o revolucionário russo como a participação na revolução de 1917;

<sup>141</sup> A minha vida. O aniversário da morte do profeta maldito. *Versus*, São Paulo, n. 24, set. 1978, p. 32.

sobre momentos em que esteve na prisão com 19 anos; além de publicar passagens de relatos de pessoas que conviveram pessoalmente com Trotski.

A edição número 24 já não contava mais com a participação de Marcos Faerman. A edição número 24 é a mesma que apresenta na página 2 a publicação da carta de rompimento de Faerman abaixo do título: “Sobre gaviões e passarinhos, e nosso editor chefe se foi”, como já chegamos a mencionar. A carta, datada de 13 de agosto de 1978, apresenta uma crítica sobre o que o jornal teria se tornado. Faerman escreve que lutou para “impedir que a definição por uma posição implicasse em um empobrecimento editorial, na diluição da linguagem, na politização grosseira das questões, no grupismo, na exclusão de outros setores”.<sup>142</sup>

A carta de Faerman, que também é assinada por outros colaboradores, apresenta uma crítica à Convergência Socialista ao fato de esta não ter se tornado um polo de união entre os que ansiavam por um amplo partido popular. Nesse sentido, o rompimento de Faerman e o grupo pode ser entendido por dois fatores: jornalístico e político.

Logo abaixo à carta de Faerman, a equipe que permaneceu no jornal publica uma resposta com uma crítica pessoal, dizendo que a carta de demissão de Faerman ficava nas aparências. Nesta resposta, a equipe que permaneceu escreve que havia um consenso de que o jornal era lírico demais, épico demais, bonito, sabia agradar, mas indefinido politicamente, que não se engajava na política. Para estes, a visão continental de *Versus* servia para encobrir sua indefinição, se engajando indiretamente na luta política brasileira. A carta diz que a questão política de fundo foi a de que para Faerman, o jornal ter aceitado a ‘virada socialista’, teria sido um erro, que este não gostava de política e não se preocupava com assuntos políticos.<sup>143</sup>

Sem pretender alongar as palavras desse episódico, o rompimento de parte da equipe de *Versus* junto a Marcos Faerman, e a publicação da resposta dos que permaneceram no jornal representa uma das evidências e ponto crítico de como ocorreu o processo de mudança do perfil do periódico. Neste processo de mudança podem ser

---

<sup>142</sup> Sobre gaviões e passarinhos, e nosso editor chefe se foi. **Versus**, São Paulo, n. 24, set. 1978, p. 2.

<sup>143</sup> Esclarecemos. **Versus**, São Paulo, n. 24, set. 1978, p. 2.

destacados três acontecimentos: a inserção de temas sobre a política nacional, o controle do jornal exercido pela Convergência Socialista, e o rompimento do grupo de Marcos Faerman.

Estas etapas do processo de mudança do perfil do jornal são acompanhadas por uma alteração das temáticas das publicações do periódico, além de uma mudança na sua estrutura organizativa como publicações de editoriais e algumas colunas dedicadas a debater temas políticos específicos, como seção: “30 dias nacional”. Estas mudanças indicam um esforço, por parte dos produtores de *Versus*, para que o jornal estivesse cada vez mais em sintonia com uma proposta de jornal politizado, alinhado com o ideário marxista.

O editorial da edição número 24 procura problematizar as lutas dos operários do ABC, no ano de 1978, e sua ligação com a conjuntura política de reformas sinalizadas pelo governo militar naquele ano<sup>144</sup>. O editorial defende que a postura dos operários de repudiar o decreto-lei do governo federal, que proibia greve dos trabalhadores estava correta. O texto faz uma crítica às propostas reformistas sinalizadas pelo presidente Geisel. No bojo deste movimento, o editorial analisa o projeto de reformas formuladas pelo MDB, que previa Assembleia Constituinte, direito de greve, volta das eleições diretas para governador e senador, revogação dos atos institucionais.

O documento avalia que as propostas do MDB representavam aspirações democráticas de amplos setores populares, mas pecava por aceitar a reformulação partidária do governo, considerada reacionária e elitista. Já a proposta do governo, segundo o editorial, previa a manutenção do estado autoritário, propondo adiar as eleições diretas, deixando de lado o que se consideravam exigências fundamentais, como a Anistia e a Assembleia Constituinte.

Na visão da equipe de *Versus*, as reformas propostas pelo presidente Geisel eram necessárias, mas o interesse do governo não era de que as propostas de abertura do regime fossem feitas por um governo civil. Neste cenário, o jornal *Versus* defende que a luta dos trabalhadores por melhores salários deveria se unir à luta dos socialistas pelo direito de ter um partido legal, que defendesse os direitos dos trabalhadores.

---

<sup>144</sup> As lutas, as reformas, e o socialismo. *Versus*, São Paulo, n. 24, set. 1978, p. 3.

A edição número 24 é bem significativa quando se trata de analisar o novo perfil do jornal *Versus* em sua fase mais politizada. Nessa fase observamos recorrentemente a predominância de temas políticos. Como pode ser constatado pela entrevista do candidato a deputado federal, em São Paulo, pelo MDB Benedito Marcílio, concedida ao jornalista Ênio Bucchioni, na página 15<sup>145</sup>.

A entrevista procura dar a conhecer que Marcílio seria um autêntico representante dos trabalhadores, já que era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André em licença. Na entrevista se pode perceber que o jornal procurava dar espaço e apoiar candidaturas daqueles considerados representantes da classe trabalhadora, e como tal defendessem os interesses de classe. Nessa perspectiva, o jornal defende candidaturas de operários, como Marcílio, favoráveis a medidas políticas como a Assembleia Constituinte e a Anistia.

A edição número 24 se mostra também preocupada com a questão agrária no Brasil. É o caso da entrevista de líderes camponeses à equipe de *Versus*, na reportagem: “Memória da guerra nos canaviais”<sup>146</sup>. A entrevista fala de uma frente única dos setores progressistas da sociedade, estudantes, operários, camponeses, OAB, Igreja. Diversos setores em luta por mudanças estruturais no país. A reportagem também apresenta um relato sobre a luta dos camponeses antes de 1964. Segundo os entrevistados, a solução para os problemas dos camponeses para alcançar a reforma agrária e expulsar o imperialismo só aconteceria na implantação do socialismo. Com isso, o jornal também insere os trabalhadores do campo como importante setor na defesa da criação do partido socialista.

Na edição número 25, de outubro de 1978, observamos a temática política como pode ser analisado pela manchete: “A farsa dos generais”, em reportagem publicada na página 10. Nesta reportagem temos a denúncia da prisão política de 21 militantes da Convergência Socialista, acusados de fazerem parte de uma organização clandestina, dois dias após a realização da Convenção Nacional da organização, ocorrida nos dias 19 e 20 de agosto de 1978. A reportagem aproveita o ocorrido para

---

<sup>145</sup> MARCÍLIO, Benedito. Trabalhador vota em trabalhador. (Entrevista a Ênio Bucchioni). *Versus*, São Paulo, n. 24, set. 1978, p. 15.

<sup>146</sup> Memória da guerra nos canaviais. *Versus*, São Paulo, n. 24, set. 1978, p. 16.

publicizar o objetivo dos militantes que participavam da convenção bem como daqueles que foram presos, a saber a construção de um amplo partido socialista que unisse todos os socialistas dispostos a lutar por liberdades democráticas.

A reportagem dá a conhecer o esforço dos militantes da Convergência para participação da política dentro das leis vigentes e escreve que o intuito era que pudessem se organizar politicamente no partido socialista de forma legal. Nesse sentido informam que procuravam participar da política seguindo as regras do jogo apoiando candidatos operários e socialistas do MDB nas eleições de 1978.

Segundo os jornalistas da equipe de *Versus* a prisão dos militantes da Convergência Socialista seria parte de uma grande farsa. A farsa segundo o jornal *Versus* estaria no fato de que a prisão dos militantes da Convergência faria parte de uma iniciativa do governo militar para frear o processo eleitoral de novembro, para evitar a vitória eleitoral da oposição democrática, além de eliminar o direito de formação do que consideravam um verdadeiro partido democrático<sup>147</sup>.

A edição número 25 ainda dá destaque para a luta do movimento negro pelos direitos civis nas páginas do caderno Afro-Latino América. Nesta edição o jornal abre espaço para noticiar os acontecimentos que envolveram a realização da 2ª Assembleia do Movimento Negro Unificado, realizado no dia 9 de setembro, no Rio de Janeiro. A reportagem discute a organização dos setores oprimidos da sociedade, como o movimento negro, em sua luta contra o desemprego, contra os baixos salários, e por liberdade de expressão e organização.

A reportagem observa uma reorganização da comunidade negra através do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial no qual a organização da assembleia representaria um salto na luta contra a discriminação racial e pela a libertação do povo negro. Segunda a reportagem, a reorganização da comunidade negra nacional acontecia em um cenário de crise econômica na qual as classes dominantes buscavam uma saída que garantisse a continuidade da dominação contra os setores oprimidos que buscava reivindicar abertamente melhores condições de vida e trabalho, além de aumentos salariais, liberdade de organização e expressão. Desse modo, a

---

<sup>147</sup> TAVARES, Júlio. A farsa dos generais. *Versus*, São Paulo, n. 25, out. 1978, p. 10.



reportagem procura ligar a situação de exploração que a comunidade negra vivia fazendo a crítica ao governo militar. A reportagem pode ser entendida como um manifesto do movimento negro com o objetivo de tornar pública as reivindicações do movimento ao mesmo tempo em que buscava fazer a crítica ao regime e de como ele ajudava a perpetuar a situação de exploração e opressão da comunidade negra.<sup>148</sup>

Ainda sobre o tema do movimento negro, o jornal publica na página 43 uma matéria escrita pelo militante negro socialista norte-americano, Baxter Smith. Nesta reportagem Smith denuncia as articulações da polícia norte-americana por meio do FBI contra o movimento negro, valendo-se de métodos como infiltração, desmoralização, prisões e até assassinato.

Segundo Baxter Smith, quando o escândalo do Watergate, envolvendo o FBI, foi descoberto, também se tomou conhecimento através de provas de uma grande conspiração com o objetivo de destruir o movimento negro física e politicamente. Estas conspirações foram reveladas quando jornalistas tiveram acesso a documentos da Cointelpro do FBI (Programa de Contra Inteligência). E deram a conhecer possíveis ligações do governo norte-americano nos assassinatos de líderes do movimento negro como Martin Luther King Jr. e Malcon X. Smith revela que a Cointelpro foi acionada contra grupos negros, ativistas contra a guerra, contra o SWP (Socialist Work Party), contra o Partido Comunista, com o objetivo de desmobilizar e neutralizar estas organizações. Os fatos revelados por Baxter Smith são feitos a partir de documentos da Cointelpro da década de 1960 e 1970. Segundo Smith, tais documentos revelam um programa nacional de repressão organizado em resposta às rebeliões negras, às mobilizações de estudantes negros e a atração de jovens militantes para o Partido Pantera Negra.<sup>149</sup>

A contribuição do militante Baxter Smith, apresentando fatos sobre a articulação do FBI contra o movimento negro nos EUA, indica que o jornal *Versus* adotou uma perspectiva internacionalista quando se tratava de divulgar a luta dos setores oprimidos da sociedade. Desse modo tal perspectiva é coerente com a visão internacionalista que a doutrina marxista concebe sobre a luta dos trabalhadores. Desse

---

<sup>148</sup> MARIA, Vanderlei José. O movimento avança. *Versus*, São Paulo, n. 25, out. 1978, p. 40.

<sup>149</sup> SMITH, Baxter. FBI contra o movimento negro. *Versus*, São Paulo, n. 25, out. 1978, p. 43.

modo, o jornal procurava destacar um elo entre as lutas dos trabalhadores, e a luta da comunidade negra no Brasil, com a luta dos setores oprimidos em outras partes do mundo.

A edição número 25 destaca ainda na capa do jornal a presença de uma reportagem divulgando o programa do Partido Socialista, que os militantes da Convergência estavam empenhados em construir. Em matéria a partir da página 23, o jornal publica a declaração de princípios do Partido Socialista bem como seu programa. O documento foi aprovado em Convenção Nacional da Convergência Socialista realizada nos dias 19 e 20 de agosto de 1978.

A declaração de princípios do PS publicada no jornal *Versus* consta de dez pontos onde esclarecem que o Partido Socialista seria uma organização política dos brasileiros que procuram na democracia e no socialismo a solução dos problemas nacionais. Com objetivo de edificar no Brasil uma sociedade sem classes alcançada pelo poder dos trabalhadores, pela coletivização dos meios de produção e distribuição e da planificação da economia. Reivindicam o marxismo como instrumento teórico rejeitando o dogmatismo. O documento também revela o internacionalismo como um dos princípios do partido sendo solidário com a luta de todos os trabalhadores do mundo contra o fascismo, o colonialismo, o racismo o capitalismo e o imperialismo. Defende ainda a emancipação dos trabalhadores como obra dos próprios trabalhadores cabendo organizar para esse combate os operários, empregados, camponeses e assalariados rurais, professores e estudantes, profissionais liberais e intelectuais e todos os setores oprimidos da população como os negros, as mulheres, e os índios.<sup>150</sup>

Na parte do texto em que a publicação se destina a divulgar o programa do PS, se enfatiza a necessidade da construção do socialismo como resposta dos trabalhadores à crise do país. Procuram fazer uma ponte entre os problemas mínimos e democráticos pelos quais as massas se mobilizam e apontam como única saída um governo dos trabalhadores que inicie a construção de um Brasil Socialista. O texto enfatiza que o capitalismo seria incapaz de satisfazer plenamente necessidades elementares da classe trabalhadora. O documento segue ainda na divulgação dos eixos gerais do programa do Partido Socialista, além do programa de ação nos planos político, econômico e social.

---

<sup>150</sup> Declaração de princípios do Partido Socialista. *Versus*, São Paulo, n. 25, out. 1978, p. 21.

Desse modo o programa do Partido Socialista faz uma ligação entre a luta dos trabalhadores por melhores condições de vida e por liberdades democráticas com a construção de uma sociedade socialista. No ponto do programa que se refere a luta por liberdades democráticas observamos defesas como a luta por uma anistia ampla, geral e irrestrita, revogação da legislação repressiva, como a lei de segurança nacional e o AI-5; dissolução de organismos repressivos; defendem a livre organização de partidos políticos e legalização de todos os partidos existentes, inclusive o Partido Comunista; exigem a volta dos exilados políticos; a liberdade de imprensa; o fim do regime militar; Assembleia Constituinte livre, democrática e soberana; o direito de greve, entre outros pontos.<sup>151</sup>

A exposição que aqui foi feita sobre pontos do programa do Partido Socialista aprovado em convenção da Convergência Socialista foi para tornar claro e enfatizar que a nova identidade política do periódico. Se na primeira fase do jornal predomina uma cultura política de resistência, indefinida teoricamente, na segunda fase do jornal ele abertamente assume a defesa da construção e do programa do Partido Socialista.

Desse modo podemos concluir que a virada socialista do jornal *Versus* representou uma metamorfose da natureza do periódico na qual este se tornara um jornal de partido, e como tal, estava agora voltado para os problemas e preocupações sociais, econômicas, políticas e culturais a partir da ótica da Convergência Socialista.

---

<sup>151</sup> Programa para o PS. *Versus*, São Paulo, n. 25, out. 1978, p. 22.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, a presente pesquisa teve por objetivo elucidar as duas fases de existência do jornal *Versus*. Neste sentido, buscou-se analisar o que foram as duas fases do periódico, caracterizando e distinguindo o perfil distinto que marcou uma e outra fase. Também se procurou investigar as razões históricas, que estiveram por trás da mudança de perspectiva do jornal.

Sendo assim, o presente estudo logrou como resultado de investigação, pela análise da fonte e de bibliografia sobre o tema, a constatação de que a primeira fase do periódico, que cobre o período de outubro de 1975 a novembro de 1977, o jornal *Versus* privilegiou, como temáticas de suas publicações, questões sobre a América Latina, literatura, poesias, fotografias, arte e cultura em sentido amplo, enquanto que os temas políticos sobre a realidade brasileira apareciam de maneira indireta, por meio de um discurso de denúncia sobre uma realidade de regimes de exceção. Nesta primeira fase do periódico se visualizou uma vocação do jornal voltada para os problemas políticos e sociais expressos por uma consciência latino-americana, deixando à margem a questão da política brasileira.

Observou-se que em certo momento da existência do jornal *Versus* ocorre uma mudança de perspectiva relativa aos temas, para os quais o jornal dedicava as suas publicações. Tal mudança de perspectiva é percebida por uma maior atenção e dedicação para assuntos da realidade política nacional.

Sobre as razões que precipitaram tal mudança de perspectiva se encontraram fatores internos e externos. Como fatores externos, pode-se citar o debate sobre a transição democrática brasileira que com a possibilidade do fim do bipartidarismo traz à tona no debate político a questão do surgimento de novos partidos. Desse modo, no bojo das discussões sobre a redemocratização, uma série de questões e medidas políticas fizeram parte de uma consciência crítica objetivada por meio de bandeiras políticas a serem defendidas por uma nova oposição política ao regime civil-militar.

Como fator interno à mudança de perspectiva do jornal foi possível observar a crescente politização da redação do periódico. Esse fato foi alimentado, sobretudo, com o retorno de alguns ex-exilados políticos que ao voltarem ao Brasil se sensibilizam com a temática de *Versus* e passam a contribuir com o periódico.

Desse modo, a equipe da redação do jornal entende como necessário que o periódico passasse a discutir diretamente a política nacional, assumindo uma posição no discurso político, defendendo a criação de um partido socialista. Nesta segunda fase, o jornal passa a ser controlado pelo Movimento Convergência Socialista e se transforma de um jornal de literatura em um jornal de partido.

Observou-se que o fracasso do Movimento Convergência Socialista em se constituir em uma ampla corrente que reunisse simpatizantes para a formação de um partido socialista de massas no Brasil também significou o fracasso da experiência jornalística do jornal *Versus*. O novo direcionamento político do periódico resultou em rompimentos e no isolacionismo de uma proposta, que não atingiu a adesão de intelectuais, estudantes e lideranças sindicais como se esperava que acontecesse.

Recuperando a reflexão realizada na introdução deste texto o qual propunha o conceito de cultura política como categoria de análise, e entendendo a cultura política como um conjunto de representações, crenças, normas e valores que unem um grupo humano no plano político, é possível afirmar que na primeira fase do jornal prevaleceu uma cultura política de oposição e resistência de uma consciência latino-americana que denunciava a situação de opressão dos povos dessa região, mas que não discutia direta e abertamente a questão política brasileira.

Na segunda fase do jornal *Versus* observamos que a cultura política tem agora outra identidade, comunista, filiada aos pressupostos teóricos marxistas, em especial trotskistas. Desse modo, observamos que a “virada socialista” do jornal representou um acontecimento com diversos desdobramentos que pode ser sintetizada por uma metamorfose de sua natureza temática.

A cultura política do jornal em sua segunda fase é claramente militante, com recorte de classe e etnia. Ela procura relacionar a luta dos diversos setores oprimidos do Brasil com luta política mais geral contra o regime militar em crise ao mesmo tempo em que defende a criação do Partido Socialista no Brasil daquele período como uma tarefa histórica dada.

Embora jornal *Versus* tenha sido hegemonizado pela Convergência Socialista a qual concebia o periódico como um instrumento político e uma importante ferramenta que pudesse auxiliar na difusão do debate político, a grandeza da missão que a

Convergência observava para o jornal representou um dos pontos de principal divergência e controvérsia entre os produtores do periódico. Esse fato gerou uma crise interna a qual resultou no rompimento de seu idealizador que deixou o jornal nas mãos da Convergência.

Por fim, a mudança de rumo que a Convergência Socialista procurou imprimir nas páginas de *Versus* significou o começo do fim do jornal. A natureza inicial do periódico tal como ele havia sido concebido por Marcos Faerman constituiu uma herança da qual a Convergência Socialista não daria conta de prosseguir. Entre a urgência das tarefas da luta política diária e a manutenção de um veículo de comunicação com a magnitude jornalística do projeto inicial de *Versus*, a Convergência optou por ceder às urgências da luta política extinguindo o periódico em 1979, lançando seu próprio jornal Convergência Socialista no mesmo ano.

## BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. **A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

ARAÚJO, Luis Carlos Eblak. **Versus e a Imprensa Alternativa**, Em busca de uma identidade latino-americana. (1975-1979). São Paulo – SP: USP. Dissertação de mestrado. 2002.

ALMOND, Gabriel e VERBA, Sidney. La cultura política. In: ALMOND, g. ET. ALL. **Diez textos básicos de ciência política**. 2ª Ed. Barcelona: Editora Ariel, 2001, p. 171 – 201.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**, Brasil – 1900-200. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARROS FILHO, Omar de. **Versus: Páginas da utopia**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Coord.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998, p. 349-363.

BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília Et. All. **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 29 – 46.

BUCCHIONI, Xenya de Aguiar e OGASSAWARA, Juliana Sayuri. *Versus: A busca por uma identidade cultural latino-americana*. Revista Acadêmica de La Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social. **Diálogos De La Comunicación**. Nº 79. Janeiro-julho de 2009.

CANDIDO, Jeferson. *Versus: a arte como arma*. **Boletim de Pesquisa NELIC**, Florianópolis, v. 5 n.6/7. Polêmicas. 2003.

CANDIDO, Jeferson. **Dois lados da moeda?** *Versus*, um jornal alternativo, e *Cultura* uma revista do MEC (1976 – 1978). Florianópolis, SC: UFSC. Dissertação de mestrado. 2008.

CAPELATO, Maria Helena Rolim - **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

CHINEM, Rivaldo. **Imprensa Alternativa: Jornalismo de oposição e inovação**. São Paulo: Ática, 1995. (Série Princípios).

FARIA, Marcos Moutta de. **Partido Socialista ou Partido dos Trabalhadores? Contribuição à História do Trotskismo no Brasil. A Experiência do Movimento Convergência Socialista**. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ. Dissertação de Mestrado em História Comparada. 2005.

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. In **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 24, nº 47, p. 29-60, 2004.

GOMES, Angela de Castro. História, historiografia e cultura política no Brasil. Algumas reflexões. In: SOIHET, Rachel.; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVEIA, Maria de Fátima. **Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 21-44.

HABERT, Nadine. **A Década de 70: Apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1996. (Série Princípios).

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. 5ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MACIEL, David. **A argamassa da ordem: da Ditadura Militar à Nova República (1974 – 1985)**. São Paulo: Editora Xamã, 2004.

MATOS, Marcelo Badaró. O governo João Goulart: novos rumos da produção historiográfica. In **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 28, nº 55, p. 245-263, 2008.

REIS FILHO, Aarão, Daniel; RIDENTI, Marcelo; e MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **O golpe e a ditadura militar. 40 anos depois (1964-2004)**. Baurú: EDUSC, 2004



RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Nelson Werneck Sodré e a história da imprensa no Brasil. **Intercom – RBCC**. São Paulo. v. 38. n. 2. p. 275-288 jul/dez 2015.

RODRIGUES, Helenice. História do tempo presente: problemática das fontes. Disponível em <http://www.poshistoria.ufpr.br/fonteshist/helenice.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2018.

ROUSSO, Henry. A história do tempo presente vinte anos depois. In PORTO JUNIOR, Gilson (Org.) **História do tempo presente**. São Paulo: Edusc, 2007.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974 – 1985, In: **O Brasil Republicano 4**. (org.) Jorge Luiz Ferreira e Lucília de Almeida Neves Delgado. 2ª edição, Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 2007. pp 243-249.

SIRINELLI, Jean-François – L’Histoire politique et culturelle. **Sciences Humaines**, Paris, n. 15, p. 157-164, out. 1997.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

TELES, Edson e SAFATLE, Vladimir (Org). **O que resta da ditadura**: a exceção brasileira. São Paulo: Boitempo, 2010.